



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**MARINA ALBUQUERQUE DE ANDRADE**

**O JORNALISTA E A JORNADA DO HERÓI: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO  
PERSONAGEM MIKAEL BLOMKVIST NO LIVRO “OS HOMENS QUE NÃO  
AMAVAM AS MULHERES”**

**FORTALEZA**

**2019**

MARINA ALBUQUERQUE DE ANDRADE

O JORNALISTA E A JORNADA DO HERÓI: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO  
PERSONAGEM MIKAEL BLOMKVIST NO LIVRO “OS HOMENS QUE NÃO  
AMAVAM AS MULHERES”

Monografia apresentada ao curso de  
Comunicação Social - Jornalismo da  
Universidade Federal do Ceará como requisito  
para a obtenção do grau de Bacharel em  
Comunicação Social - Jornalismo, sob a  
orientação do Prof. José Riverson Araújo  
Cysne Rios.

FORTALEZA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- A568j Andrade, Marina Albuquerque de.  
O Jornalista e a Jornada do Herói : análise da atuação do personagem Mikael Blomkvist no livro "Os Homens que Não Amavam as Mulheres" / Marina Albuquerque de Andrade. – 2019.  
114 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2019.  
Orientação: Prof. Dr. José Riverson Araújo Cysne Rios.
1. Jornalista-personagem. 2. Jornada do Herói. 3. Estereótipos. I. Título.

CDD 070.4

---

MARINA ALBUQUERQUE DE ANDRADE

O JORNALISTA E A JORNADA DO HERÓI: ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO  
PERSONAGEM MIKAEL BLOMKVIST NO LIVRO “OS HOMENS QUE NÃO  
AMAVAM AS MULHERES”

Monografia apresentada ao curso de  
Comunicação Social - Jornalismo da  
Universidade Federal do Ceará como requisito  
para obtenção de título de Bacharel em  
Jornalismo.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Ph.D. José Riverson Araújo Cysne Rios (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas

Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profª. Drª. Georgia da Cruz Pereira

Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre foram um grande exemplo do poder transformador da educação, da leitura, do compromisso e da responsabilidade. Amo vocês!

À Luiza, que tem o dom de ser a melhor irmã/amiga do mundo.

À toda a minha família. Amo vocês!

Ao Alvim, por toda a paixão, dedicação, compreensão e por tornar a vida mais leve e alegre.

E o que seria a vida se não fossem os amigos? Vocês são a graça de tudo!

Aos amigos da faculdade, pelas conversas no corredor e *happy hours* no Barbarians.

Aos amigos que conheci na vida, em encontros de fãs de Percy Jackson ou em festinhas aleatórias. Obrigada por tudo que compartilhamos ao longo do pouco ou muito tempo em que nos conhecemos.

Aos amigos da Esmec, que tanto me ensinam e coloriram os meus dias em 2019.

À UFC e aos professores do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Ao professor Riverson Rios, pelo apoio, incentivo e pela sua preciosa orientação neste trabalho.

Por fim, agradeço a todos e todas que se propuseram a criar universos ficcionais. Ao escreverem histórias, vocês construíram o meu mais valioso refúgio.

## RESUMO

Apropriando-se do papel do detetive das histórias de mistério, o jornalista investigativo aparece nas narrativas ficcionais como justiceiro defensor da sociedade. Temáticas da presente pesquisa, as representações do profissional como personagens estão associadas a estereótipos, como a dedicação exclusiva à profissão, problemas familiares e o vício em cigarro. Tais formas de apresentar o jornalista contribuem para o reforço e a criação de um imaginário coletivo sobre a profissão, podendo estar em forma de crítica quando o personagem assume a figura de vilão ou de idealização quando é o protagonista heroico. Em razão disso, a presente pesquisa tem como objetivo discutir a conexão entre a atuação do jornalista investigativo na ficção e o arquétipo de herói. Para isso, utiliza-se como objeto o personagem Mikael Blomkvist, do livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (2005), do escritor sueco Stieg Larsson, um jornalista investigativo que procura desvendar um grande mistério e combate realidades desfavoráveis. Com o objetivo de conceber se Mikael Blomkvist é caracterizado como um jornalista herói, adota-se como metodologia a análise da atuação do personagem através da sua atuação nos estágios do padrão narrativo da Jornada do Herói, proposta por Joseph Campbell e atualizado por Christopher Vogler. Para finalizar, o personagem é analisado com base na articulação de características atribuídas ao arquétipo do herói e estereótipos presentes nas representações de jornalistas-personagens. Ao longo da narrativa do livro, percebe-se uma correspondência da aventura do jornalista-personagem com os estágios da Jornada do Herói. Em sua caracterização, o jornalista também demonstra afinidade com o arquétipo, cujo papel na narrativa está intrinsecamente vinculado à atividade do personagem como jornalista investigativo.

**Palavras-chave:** Jornalista-personagem. Jornada do Herói. Estereótipos. Representação. Ficção.

## ABSTRACT

Appropriating the role of the mystery story detective, the investigative journalist appears in the fictional narratives as a righteous defender of society. Thematic of this research, the representations of the professional as characters are associated with stereotypes, such as exclusive dedication to the profession, family problems and cigarette addiction. Such ways of presenting the journalist contribute to the reinforcement and creation of a collective imagination about the profession, and may be in the form of criticism when the character assumes the villain or idealization figure when he is the heroic protagonist. For this reason, this research aims to discuss the connection between the investigative journalist's role in fiction and the hero archetype. For that, the object used is the character Mikael Blomkvist, from the book *The Girl with the Dragon Tattoo* (2005), by the Swedish writer Stieg Larsson, an investigative journalist who seeks to unravel a great mystery and fights unfavorable realities. In order to conceive if Mikael Blomkvist is characterized as a hero journalist, the analysis of character performance through his acting in the stages of the narrative pattern of the Hero's Journey, proposed by Joseph Campbell and updated by Christopher Vogler, is adopted as methodology. Finally, the character is analyzed based on the articulation of characteristics attributed to the hero archetype and stereotypes present in the representations of journalists-characters. Throughout the narrative of the book, it is noticeable a correspondence of the adventure of the journalist-character with the stages of the Hero's Journey. In his characterization, the journalist also demonstrates affinity with the archetype, whose role in the narrative is intrinsically linked to the character's activity as an investigative journalist.

**Palavras-chave:** Journalist as a character. Hero's journey. Stereotypes. Representation. Fiction.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Personagens fictícios Yoda e Luke, da trilogia <i>Star Wars</i> .....	19
Figura 2 – Quíron e Hércules, personagens da mitologia grega.....	19
Figura 3 – Hannibal conversando com Clarice em cena do filme <i>Silêncio dos Inocentes</i> .....	21
Figura 4 – Os doze trabalhos de Hércules.....	22
Figura 5 – Personagem Katniss Everdeen no campo de batalha.....	23
Figura 6 – Batman, super-herói das histórias em quadrinhos da <i>DC Comics</i> .....	25
Figura 7 – Evey Hammond, personagem do filme <i>V de Vingança</i> .....	26
Diagrama 1 – Ciclo da Jornada do Herói proposto por Christopher Vogler.....	28
Figura 8 – Sociedade do Anel no filme <i>Senhor dos Anéis: A sociedade do anel</i> .....	30
Quadro 1 – Estágios da Jornada do Herói para os autores Joseph Campbell e Christopher Vogler.....	32
Figura 9 – Jornalista-personagem Zoe Barnes do seriado <i>House of Cards</i> .....	40
Figura 10 – Cena do término do relacionamento de Andrea.....	41
Figura 11 – Personagens Hildy Johnson e Walter Burns do filme <i>Jejum do Amor</i> .....	43
Figura 12 – Capa do filme <i>Crimes na Escola</i> .....	44
Figura 13 – Capa do filme <i>A Embriaguez do Sucesso</i> .....	45
Figura 14 – Mikael Blomkvist fumando um cigarro após sua condenação.....	47
Figura 15 – Sondra Pransky conhecendo Peter Lyman .....	49
Figura 16 – Zoe Barnes e Frank Underwood juntos na cama.....	51
Figura 17 – Personagem Charles Foster Kane.....	55

Figura 18 – Cartaz do filme <i>Uma Manhã Gloriosa</i> .....	56
Figura 19 – Personagem Charles Tatum, do filme <i>A Montanha dos Sete Abutres</i> .....	58
Figura 20 – Personagem Louis Bloom manipulando a cena de um crime.....	59
Figura 21 – Rita Skeeter entrevista o personagem Harry Potter.....	60
Figura 22 – Capa do filme <i>Doces Poderes</i> .....	62
Figura 23 – Super-Homem usando sua identidade secreta de Clark Kent.....	64
Figura 24 – Personagem Lois Lane das histórias em quadrinhos da <i>DC Comics</i> .....	65
Figura 25 – Capa do jogo eletrônico <i>Outlast</i> .....	66
Figura 26 – Personagem Cal McCaffrey do filme <i>Intrigas de Estado</i> .....	67
Figura 27 – Escritor sueco Stieg Larsson.....	73
Figura 28 – Trilogia Millennium, escrita por Stieg Larsson.....	73
Figura 29 – Cartaz do filme <i>Millennium: Os Homens que Não Amavam as Mulheres</i> .....	74
Figura 30 – Michael Nyqvist interpretando Mikael Blomkvist.....	76
Figura 31 – Daniel Craig interpretando Mikael Blomkvist.....	77
Figura 32 – Escrituras no diário de Harriet Vanger.....	88

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estereótipos comuns nas representações de jornalistas.....	52
Tabela 2 – Questionamentos que direcionam a análise da Jornada do Herói de Mikael Blomkvist.....	70
Tabela 3 - Atuação de Mikael Blomkvist como herói .....	100
Tabela 4 - Atuação de Mikael Blomkvist como jornalista-personagem.....	105

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A PERSONAGEM E SEUS ARQUÉTIPOS.....	13
1.1 A narrativa e seu papel na sociedade.....	13
1.2 <i>Homo fictus</i> e suas características.....	15
1.3 Arquétipos.....	18
1.4 O Herói e a sua Jornada.....	21
1.5 Os Estágios da Jornada do Herói.....	27
2 A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA EM NARRATIVAS DE FICÇÃO.....	34
2.1 Afinidade entre o jornalista e a ficção.....	34
2.2 Estereótipos comuns na representação do jornalista.....	38
2.2.1 A vida pessoal prejudicada pela profissão.....	39
2.2.2 A vocação jornalística como virtude.....	42
2.2.3 Cidade grande como habitat natural.....	44
2.2.4 Os vícios.....	46
2.2.5 As questões de gênero nas narrativas sobre jornalismo.....	47
2.2.6 Os elementos do jornalismo na ficção.....	50
2.3 As diferentes faces do jornalista-personagem.....	53
2.3.1 O vilão sensacionalista.....	57
2.3.2 O heroico jornalismo investigativo.....	61
3 ANÁLISE DO JORNALISTA-PERSONAGEM MIKAEL BLOMKVIST.....	69
3.1 Metodologia.....	69
3.2 Os Homens que Não Amavam as Mulheres.....	72
3.2.1 Mikael Blomkvist.....	76
3.3 A Separação.....	79
3.3.1 Mundo Comum.....	79
3.3.2 Chamado à Aventura.....	83
3.3.3 Recusa do Chamado.....	84
3.3.4 Encontro com o Mentor.....	85

3.4 A Iniciação.....	87
3.4.1 Travessia do Limiar.....	87
3.4.2 Provas, Aliados, Inimigos.....	88
3.4.3 Aproximação da Caverna Secreta.....	91
3.4.4 A Provação.....	91
3.4.5 Recompensa.....	92
3.5 O Retorno.....	93
3.5.1 O Caminho de Volta.....	93
3.5.2 Ressurreição.....	94
3.5.3 Retorno com o elixir.....	96
3.6 Super-Blomkvist: análise do personagem como herói.....	97
3.6.1 Análise da caracterização de Mikael Blomkvist como jornalista-personagem.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	111

## INTRODUÇÃO

A habilidade de criar e propagar narrativas imaginárias permitiu que o ser humano encontrasse um modo de escapar, mesmo que por alguns instantes, de sua realidade. Ela também assume funções de ressignificação ou de crítica do mundo e da sociedade, utilizando-se de elementos da própria realidade empírica.

Dentre as formas encontradas pelos autores para representar as suas visões de mundo e as suas experiências, está a criação das personagens. Apesar de serem mais limitados do que os indivíduos reais, esses seres são dotados de história, de personalidade, de aparência física, ocupação, família, medos e desejos. No presente trabalho, o substantivo “personagem” será tratado no feminino quando se tratar de uma referência à personagem como um ser fictício em geral.

Devido a sua posição de exposição e participação ativa na vida pública, a figura do jornalista frequenta as narrativas ficcionais com regularidade. Seja como protagonista que substitui o detetive na tarefa de desvendar mistérios, seja como um vilão que deseja expor algum segredo do herói, o profissional desperta o interesse do público pela sua afinidade com o meio urbano e seus principais acontecimentos.

Temática da presente pesquisa, a representação do jornalista na ficção é essencialmente influenciada pelos rótulos atribuídos à profissão. Em suas caracterizações, o profissional frequentemente aparece como um indivíduo integralmente dedicado à profissão, abdicando de uma boa relação com a família e da própria saúde em prol da notícia.

A idealização da presente pesquisa surgiu da observação de ambiguidades na forma de trabalhar do jornalista-personagem, como será tratado aqui. Através do consumo de filmes que retratam o profissional, verifica-se que, quando está em posição de antagonismo, o personagem exerce a profissão de forma sensacionalista em prol dos interesses pessoais; e quando ocupa o papel de herói, substitui a figura do detetive e investiga crimes com o objetivo de beneficiar a sociedade em geral.

Tendo em vista a última forma de representação, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a possível relação entre o jornalista investigativo e o arquétipo do herói na ficção. Para isso, será objeto da pesquisa o personagem Mikael Blomkvist, do livro *Os*

*Homens que Não Amavam as Mulheres* (2005), da trilogia *Millennium* escrita pelo sueco Stieg Larsson.

Jornalista talentoso e experiente, Mikael Blomkvist encontra-se no momento mais negativo de sua carreira no início da narrativa do livro. Após anunciar seu afastamento do veículo de comunicação em que trabalhava, recebe uma proposta de viajar para uma cidade pequena e investigar o súbito desaparecimento de uma jovem que aconteceu há quarenta anos e nunca obteve solução. Ao revirar os acontecimentos passados, Blomkvist se depara com uma série de assassinatos de mulheres acontecidos ao longo dos anos. O livro vendeu milhares de cópias pelo mundo, sendo considerado um best-seller.

Em razão de responder se o personagem Mikael Blomkvist pode ser considerado um jornalista investigativo herói, será utilizada a metodologia da análise da atuação do personagem. Como base para a análise, será observado como se expressa cada estágio da Jornada do Herói, padrão narrativo apontado por Joseph Campbell (2007) e desenvolvido por Christopher Vogler (2015), na aventura vivida pelo jornalista-personagem.

O primeiro capítulo deste trabalho “A Personagem e seus Arquétipos” contextualiza os conceitos de narrativa e personagem, para depois aprofundar a questão dos arquétipos, da figura do herói e da Jornada do Herói.

Em seguida, no capítulo “A representação do jornalista em narrativas de ficção” é realizada uma discussão sobre a motivação das diversas aparições do profissional em narrativas ficcionais, os estereótipos e ambiguidades existentes na sua representação. Para ilustrar a temática, são mencionados exemplos de jornalistas-personagens em diversas narrativas.

Por último, no capítulo “Análise do jornalista-personagem Mikael Blomkvist”, são apresentados os questionamentos que guiarão a análise e realizada uma introdução sobre o livro e o personagem. Em seguida, é analisado cada estágio da Jornada do Herói do jornalista-personagem no livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*. Concluindo, também articulam-se características atribuídas ao arquétipo do herói e aos estereótipos existentes nas representações do jornalista como personagem na ficção. O capítulo contém spoilers do livro.

## 1 A PERSONAGEM E SEUS ARQUÉTIPOS

Este capítulo objetiva fundamentar a análise no que diz respeito ao estudo da personagem e do arquétipo do herói. Será realizada uma contextualização sobre o papel da narrativa na sociedade, em especial da ficcional. Após, abordaremos estudos que envolvem a personagem e suas características. Em seguida, trataremos do conceito e da função dos arquétipos, para depois nos aprofundarmos na estrutura e na Jornada do Herói.

### 1.1 A narrativa e seu papel na sociedade

Qualquer que seja a nacionalidade, cultura ou o tempo em se vive, o ser humano está cercado de histórias, que podem ser relatos de acontecimentos reais ou frutos da imaginação. Segundo o sociólogo e semiólogo francês Roland Barthes “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa” (2011, p. 19).

A narrativa está presente nos mitos, nos livros, nas histórias em quadrinhos, no cinema, nos jornais, nos seriados televisivos, no teatro, na conversação, na pintura, na fotografia, entre outros (BARTHES, 2011). A partir dessa influência que ela exerce na sociedade surge a necessidade de criar métodos para analisá-la.

Em sua obra *Análise Crítica da Narrativa* (2013), o jornalista e professor Luiz Gonzaga Motta conceitua o ato de narrar como “relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado ao desfecho” (2013, p. 71). Logo, a narrativa comunica processos de transformação.

Com o objetivo de produzir efeitos de sentido no ouvinte, o narrador enuncia os acontecimentos de modo dramático, persuasivo e imparcial, como pontifica Motta:

Os narradores dos mitos e da literatura não se atêm aos fatos nem procuram ser fiéis à realidade. Ao contrário, criam suas narrativas, remetem em maior ou menor grau à fantasia, e não evitam contaminá-las com seus próprios valores morais, éticos e estéticos. Nesse caso, não são os fatos que falam, é um narrador quem media mais explicitamente entre a realidade e a audiência. ( 2013, p. 89)

O autor classifica a narrativa em dois grupos: a Narrativa Natural, descrição de fatos que aconteceram na realidade, e a Narrativa Artificial, caracterizada pela ficção, que apenas “finge dizer a verdade sobre o universo real ou afirma dizer a verdade sobre um

universo ficcional” (ECO, 1994, p. 126)”. Para o presente trabalho, interessa a narrativa artificial ou de ficção.

Em geral, um texto de ficção é reconhecido pelo seu paratexto, ou textos que acompanham o texto principal, e pelas suas mensagens internas. Quando na sinopse, no título ou na classificação de um filme ou livro não há indicação de que se trata de um relato ou de uma história baseada em fatos reais, o público reconhece que aquela narrativa é imaginária e fictícia. A partir desse momento, deve-se aceitar aquilo que Eco (1994) nomeia de “acordo ficcional”, em que o público deve entender que se trata de uma história imaginária sem tomar o autor como mentiroso, sendo capaz de compreender as motivações dos acontecimentos, envolver-se com a história e torcer pelo sucesso das personagens.

Ao mesmo tempo em que pactuam com o narrador, os leitores ainda precisam resgatar aspectos de suas próprias experiências e de seus conhecimentos adquiridos na leitura de outras histórias para compreender a narrativa ficcional (ECO, 1994), visto que tudo o que não é explicitamente enquadrado no plano fictício utiliza como pano de fundo a realidade empírica. Dessa forma, a ficção torna-se mimética, imitando e representando aspectos presentes no universo e no cotidiano dos indivíduos reais. As narrativas fictícias e suas personagens são caracterizadas por Eco (1994, p. 89) como “parasitas do mundo real”.

Utilizando a literatura para tratar da função representativa da ficção, a pesquisadora e jornalista Gabriela Sanseverino afirma que:

Diversos autores imaginaram mundos que refletiam sua visão do cotidiano e que possibilitaram que os sujeitos, em contato com seus textos, acionassem estratégias próprias para interpretar a realidade em que vivem. As narrativas, assim, criam imagens e representações do dia a dia das pessoas, que as observam e as absorvem como forma de pensarem aquilo que está presente em suas vidas.” (2015, p. 11)

Por serem menores e mais organizados do que a realidade, os mundos fictícios oferecem para o leitor o prazer de concentrar-se em um universo mais simples do que o seu (ECO, 1994). O sentimento satisfatório que a ficção oferece ao apresentar um universo menos traiçoeiro, onde a noção de verdade é indiscutível, é o que Eco (1994) defende que torna as narrativas tão fascinantes. Quando se está lendo um livro ou assistindo um filme, sabe-se que o que aconteceu e está acontecendo naquela narrativa é real dentro daquele mundo ficcional. O autor afirma ainda:

Ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdade a respeito do mundo. Essa é a função consoladora da narrativa - a razão pela qual as pessoas têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana (ECO, 1994, p. 93)

O sentimento de identificação com a narrativa advém, principalmente, da existência das personagens, pois são elas que performatizam os acontecimentos da narrativa e retratam as condutas humanas (MOTTA, 2013).

O crítico e teórico de teatro teuto-brasileiro Anatol Rosenfeld afirma que o surgimento de um ser humano no contexto da narrativa é o que “declara o caráter fictício do texto” (2007, p. 23). Se torna necessária a presença do elemento humano para que a narrativa não assuma a forma de uma pura descrição. Na próxima seção, trataremos do conceito e das características da personagem.

## **1.2 *Homo fictus* e suas características**

O “ser fictício”, apelidado de *Homo Fictus* pelo sociólogo e crítico literário brasileiro Antônio Candido (2007) é o encarregado de garantir o aspecto humano e vivo que nos aproxima da ficção. Através da personagem, manifesta-se o caráter realista da fantasia (CANDIDO, 2007).

Embora seja projetada como um ser humano “real”, a personagem é “uma configuração esquemática, tanto no sentido físico quanto psíquico” (ROSENFELD, 2007, p. 33). Ao contrário do *Homo Sapiens*, nome dado à espécie humana, o *Homo Fictus* resulta de uma caracterização intencional. O seu passado, os seus traços físicos, psicológicos e comportamentais são escolhidos e distribuídos pelo autor da obra, que tem como base suas próprias influências e impressões originadas da sua realidade e experiência. Essas escolhas resultam na totalidade de um modo de ser e de uma existência (CANDIDO, 2007).

Como o personagem que é objeto de análise do presente trabalho, Mikael Blomkvist, da trilogia *Millenium*, foi desenvolvido e construído pelo escritor sueco Stieg Larsson, ele é o fruto daquilo que este específico autor quis representar. A história, a

aparência, as características e preferências de Mikael são resultado de escolhas que o escritor fez para representar o profissional jornalista através de um personagem.

Estando limitado ao universo restrito da narrativa, o *Homo Fictus* oferece uma sensação de transparência (ROSENFELD, 2007). Ele é mais coerente do que o *Homo Sapiens* por ter todo o seu conteúdo organizado de maneira intencional. Quanto a isso, o romancista e estudioso de teoria literária E. M. Forster afirma que:

Na vida diária, nunca nos entendemos uns aos outros, não existe nem a completa clarividência nem o completo confessionalismo. Conhecemo-nos por aproximação, por meio de signos externos, que servem bastante bem tanto à sociedade quanto à vida íntima. Mas as pessoas de um romance podem ser completamente compreendidas pelo leitor, se assim o desejar o romancista; sua vida interior pode ficar tão exposta quanto a exterior. E é por isso que elas frequentemente parecem mais bem delineadas do que os personagens da história, ou mesmo do que nossos amigos; tudo o que pode ser dito a respeito dessas pessoas nos foi dito; mesmo que sejam imperfeitas ou irreais, não guardam nenhum segredo, como fazem e devem fazer os nossos amigos, sendo o segredo mútuo uma das condições da vida sobre este globo.” (2005, p. 47)

Como explica o autor, essa característica das histórias ficcionais é o que provoca a sensação de alívio. As personagens são compreensíveis e “oferecem uma ilusão de perspicácia e poder” (FORSTER, 2005, p. 56). Ao contrário dos indivíduos reais, as personagens têm seus objetivos e desejos claros para o leitor. No mundo real, ao ver alguém com certa expressão facial, o indivíduo pode ficar confuso quanto aos sentimentos daquela pessoa. Mas, na ficção, o público tem a possibilidade de desvendar as emoções das personagens, pois os elementos envolvidos naquele contexto são apresentados na narrativa.

Ainda que possua tais limitações, a personagem não é desprovida de profundidade. Através do resgate de características do mundo real, a personagem desperta a adesão afetiva e intelectual pela parte do público (CANDIDO, 2007). Isso acontece porque o indivíduo se identifica com a personagem, com seus desejos, seus medos e seus problemas.

Como é o exemplo da personagem Dorothy do filme *O Mágico de Oz* (1939). Após um tornado ameaçar destruir sua cidade, Dorothy desmaia e acorda em um mundo completamente diferente, onde existem bruxas e animais falantes. Ao longo do filme, o público pode se identificar e desenvolver empatia com a personagem pelo seu enorme desejo de voltar para casa e seu medo de estar em um lugar desconhecido.

Forster (2005) classifica as personagens de duas formas: planas e redondas. As planas são figuras caricaturadas e bidimensionais, facilmente reconhecíveis e lembradas com facilidade por uma simples característica. Como é o exemplo do personagem Pateta, das animações dos Estúdios Walt Disney, é um cachorro falante desengonçado, bobo e um pouco obtuso.

Já as redondas possuem uma organização superior. Forster afirma que a forma de testar um personagem redondo é compreender “se ele é capaz de nos surpreender de maneira convincente” (2005, p. 63). Ao contrário de um personagem como o Pateta, um personagem redondo tem diversas características contrastantes e complexas, semelhantes às de um *Homo Sapiens*.

Em sua obra *A Personagem*, a crítica literária e professora brasileira Beth Brait analisa a origem e a concepção da personagem. Segundo a autora, para discutir a construção da personagem como um “ser”, é preciso atentar para dois aspectos fundamentais: ela não existe fora do plano das palavras e representa pessoas. O *Homo Fictus* carrega em sua existência as reproduções que o(a) autor(a) da narrativa, através das palavras, quer fazer da realidade (BRAIT, 1985).

A caracterização da personagem começa desde o momento em que o contexto em que ela se encontra é apresentado (BRAIT, 1985). Desde o início devem ser apresentados elementos essenciais para compreender sua construção, sua função e as suas possíveis interpretações. Uma narrativa que começa com a descrição de um hospital pressupõe que aquele ambiente interfere de alguma forma no estado da personagem; ela pode ser uma médica ou enfermeira, estar doente ou ferida, ou acompanhando alguém que esteja. Sobre isso, a autora afirma:

A descrição, a narração e o diálogo funcionam como os movimentos de uma câmera capaz de acumular signos e combiná-los de maneira a focalizar os traços que, construindo essas instâncias narrativas, concretizando essa existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor. (BRAIT, 1985, p. 59)

Na obra *Os Homens que não Amavam as Mulheres*, do escritor Stieg Larsson, objeto de análise da presente pesquisa, a narração é realizada em terceira pessoa por um narrador onisciente que conhece bem os sentimentos e a subjetividade das personagens

principais. Sobre a figura do narrador, Brait (1985) explica que sua função é conduzir o leitor pelo mundo até então desconhecido. Segundo a autora (1985, p. 56), a apresentação da personagem por um narrador em terceira pessoa é uma “uma manifestação quase espontânea da tentativa de criar uma história que deve ganhar a credibilidade do leitor”.

Desde os mitos sobre deuses e heróis transmitidos oralmente de geração para geração até os filmes disponíveis em serviços de *streaming*, as narrativas transmitem as opiniões, as visões de mundo, os desejos e os temores humanos através das personagens. Para o roteirista e escritor estadunidense Christopher Vogler (2015), o que influenciou as imagens básicas da representação de seres humanos na mitologia permanece presente nas narrativas contemporâneas, que serão tratadas mais profundamente na próxima sessão.

### 1.3 Arquétipos

Figuras como o protagonista heróico, o antagonista vilanesco, coadjuvantes cômicos, entre outros, encontram-se, constantemente, estampando as narrativas. Conceito desenvolvido pelo psiquiatra suíço Carl G. Jung (2002), os arquétipos são imagens universais primordiais derivadas do inconsciente coletivo. Margaret Mark e Carol S. Pearson, autoras da obra *O Herói e o Fora-da-Lei* (2003), afirmam que:

As impressões, diretamente encadeadas na nossa psique, influenciam os atributos que amamos na arte, na literatura, nas grandes religiões do mundo e no cinema. Platão chamava essas impressões, ou matrizes psíquicas, de “formas elementares” e as via como as estruturas ideativas que formavam um gabarito para a realidade material. O psiquiatra C. C. Jung as chamou de “arquétipos” (2003, p. 25).

O criador, o governante, o mago, o sábio, o amante, o camaleão, a sombra, o inocente, o explorador, o órfão, o rebelde, o pícaro, a sombra e o herói são exemplos de arquétipos encontrados em narrativas primitivas e contemporâneas. Como exemplo da atemporalidade dessas figuras, podemos mencionar os personagens: Yoda (Figura 1), do universo fictício de *Star Wars*, e Quíron (Figura 2), centauro da mitologia grega, ambos representando o papel de Mentor em suas devidas narrativas.

**Figura 1 – Personagens fictícios Yoda e Luke, da trilogia *Star Wars***



Fonte: AdoroCinema<sup>1</sup>

**Figura 2 – Quíron e Hércules, personagens da mitologia grega**



Fonte: Luas de Júpiter<sup>2</sup>

Mark e Pearson (2003) afirmam que parte da atratividade dos arquétipos se dá por eles simbolizarem os desejos humanos básicos: estabilidade, realização, independência e pertencimento. O arquétipo do governante representa a estabilidade ao exercer o controle, enquanto o arquétipo do explorador representa a independência ao buscar experimentar vivências diferentes.

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-117823/>; Acesso em out, 2019.

<sup>2</sup> Disponível em <https://luasdejupitercom.files.wordpress.com/2019/07/doukas-ioannis-quc3adron-e-aquiles-national-gallery.jpg>; Acesso em out, 2019.

Refletindo as lutas interiores e os anseios dos indivíduos, os arquétipos possuem o que Mark e Pearson denominam “poder inconsciente”. Eles se somam à adesão afetiva desenvolvida entre o público e a personagem e no reconhecimento do que ela está exprimindo na obra. Ao ler um romance e se deparar com uma personagem humorada, tranquila e que não costuma levar os acontecimentos tão a sério, o leitor já reconhece o arquétipo do Pícaro ou Bobo da Corte.

Os personagens Timão e Pumba, da animação produzida pela empresa Disney *Rei Leão* (1994), consolam o protagonista Simba com suas músicas e piadas após o mesmo perder o pai. Assumindo a função de alívio cômico, que objetiva diminuir a tensão e entreter o público, eles são um exemplo do arquétipo de Bobo da Corte.

Por permanecerem constantes ao longo do tempo (VOGLER, 2015), os arquétipos auxiliam na identificação do objetivo e a função da personagem na história. Ao apresentarem níveis maiores de complexidade, ou, como classifica Forster (2005), serem “redondas”, as personagens podem transitar entre os arquétipos. Para ilustrar essa ideia, Vogler aponta personagens populares, como Obi-Wan Kenobi da obra *Star Wars* (1977), a Rainha Má da história *Branca de Neve* e Hannibal Lecter de *O Silêncio dos Inocentes* (1991).

Obi-Wan manifesta o arquétipo de Mentor, personagem que guia e prepara o herói para enfrentar os desafios da sua aventura. Mas quando ele se sacrifica para salvar seu pupilo Luke Skywalker, assume temporariamente o arquétipo de herói, que é caracterizado pelos feitos de coragem e abnegação.

O canibal Hannibal do filme *O Silêncio dos Inocentes* (1991) assume primordialmente o arquétipo da Sombra, já que tem valores e atitudes antagônicos aos protagonistas da história. Contudo, ao longo da narrativa ele também atua como Mentor da personagem Clarice Starling ao ajudar o FBI em suas investigações para capturar outro assassino em série (Figura 3).

**Figura 3 – Hannibal conversando com Clarice em cena do filme *Silêncio dos Inocentes*.**



Fonte: Andrea Rzad<sup>3</sup>

Jung (2002) explica que o arquétipo não é determinado pelo seu teor, mas a sua forma. O autor compara a forma com o sistema axial de um cristal, que “pré-forma, de certo modo, sua estrutura no líquido-mãe, apesar de ele próprio não possuir uma existência material” (JUNG, 2002, p. 91). Por mais que o arquétipo ofereça uma noção do que aquela personagem representa na narrativa, ele não abrange toda a profundidade, complexidade e subjetividade que ela possa ter.

Ao longo da revisão bibliográfica sobre arquétipos, constatou-se que a figura do Herói está em posição de destaque. Na próxima seção, abordaremos o arquétipo do herói, o motivo da sua popularidade e os padrões narrativos presentes em suas histórias.

#### **1.4 O Herói e a sua Jornada**

Em qualquer civilização humana, desde os tempos primordiais, os povos cultivam e propagam suas lendas para dar sentido às suas existências. O mito é definido pelo mitologista e escritor estadunidense Joseph Campbell (2007) como as narrativas fantásticas utilizadas para explicar os fenômenos da natureza, que deu origem aos sonhos, às artes, às religiões e às filosofias humanas.

Pesquisando e observando mitologias e histórias clássicas de povos de todos os continentes, Campbell conclui em sua obra *O Herói de Mil Faces* que “é sempre com a mesma história que nos deparamos” (2007, p. 15), mesmo que ela constantemente mude. As

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://i.pinimg.com/originals/7f/61/dd/7f61dd94330a919de307a50660097c80.jpg>. Acesso em nov, 2019.

narrativas vivenciadas pelos heróis, seus aliados e inimigos são representações implícitas do comportamento e dos sentimentos humanos.

O professor e doutor em comunicação Martin Cézár Feijó afirma que a figura do herói pode ser encontrada “no Mito, na História, na Literatura, na Antropologia, na Psicologia, nas histórias em quadrinho e até no rock.” (1984, p. 10). O autor defende que as narrativas sobre heróis são similares em culturas completamente diferentes e que a explicação para esse fenômeno está no estudo do próprio ser humano e da sua mente.

O herói é sempre um elemento da cultura, onde quer que ele se encontre, manipulado ou não, sofisticado ou mistificado, ele exerce o mesmo fascínio que mito exerce sobre os primitivos, porque este tem a ver com esferar de nós mesmos o que, na maioria dos casos, ainda desconhecemos (FEIJÓ, 1984, p.99)

Campbell descreve o herói como “o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.” (2007, p. 28). Como é o caso do semideus Hércules, filho de Zeus, deus mais poderoso da mitologia grega, e de uma humana. O herói ficou conhecido por ter ultrapassado diversas barreiras impostas pela sua madrasta, a deusa Hera (Figura 4). Após realizar doze tarefas consideradas impossíveis, dentre elas capturar o cão de três cabeças que guardava as portas do mundo dos mortos, Hércules foi premiado com a imortalidade.

**Figura 4 – Os doze trabalhos de Hércules**



Fonte: Dicas de História<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Disponível em

[http://www.dicasdehistoria.com.br/category/series/serie-12-trabalhos-de-hercules/?filter\\_by=popular;](http://www.dicasdehistoria.com.br/category/series/serie-12-trabalhos-de-hercules/?filter_by=popular;) Acesso em nov, 2019.

O arquétipo do herói também mantém uma forte ligação com a ideia de abnegação (VOGLER, 2015). Para realizar feitos heroicos, é essencial que a personagem abra mão de algo, nem que seja sua própria segurança ou conforto, em nome de um bem comum.

A tarefa que não exige sacrifícios, não pode ser atribuída ao arquétipo do herói. Por isso que a sua função básica, atribuída por Mark e Pearson (2003, p. 28), é “agir corajosamente”. Por exemplo, a protagonista da trilogia *Jogos Vorazes* (2008), escrita por Suzanne Collins, a jovem Katniss Everdeen se voluntaria para participar de um programa de televisão sanguinário no lugar de sua irmã mais nova, para salvar a vida da menor. A partir dessa escolha, ela sacrifica sua estabilidade e coloca a sua vida em risco.

Encontramos esse arquétipo nos campos de batalha, em florestas misteriosas, nas delegacias de polícia, nos becos perigosos da cidade grande ou em meio a desastres naturais. Mark e Pearson (2003, p. 114) afirmam que o herói está em “qualquer lugar onde as dificuldades ou desafios estejam à espera de uma ação corajosa e energética”. Como é o exemplo da personagem Katniss Everdeen (Figura 5), do filme *Jogos Vorazes* (2008). Ela passa a maior parte de sua narrativa dentro de uma arena, lutando pela própria vida.

**Figura 5 – Personagem Katniss Everdeen no campo de batalha**



Fonte: Distrito 13<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.district13.com.br/filmes/jogos-vorazes-filme/confira-o-primeiro-featurette-de-jogos-vorazes/>;. Acesso em nov, 2019.

Através dos atos de bravura e determinação, os heróis se tornam protetores dos mais frágeis (MARK; PEARSON, 2003). Alguns, como os super-heróis, que possuem poderes inacreditáveis, costumam salvar o mundo de forças que seres humanos normais não têm capacidade de enfrentar. Já os que não possuem esses poderes utilizam armas como a inteligência, a força de vontade, o carisma, entre outras. Por terem como características comuns a dignidade e o senso de justiça, alguns heróis muitas vezes não sequer se enxergam como tal (MARK; PEARSON, 2003), apenas acreditam que estão fazendo aquilo que deve ser feito.

Alegando que cada arquétipo é caracterizado pela realização de um desejo básico humano, Mark e Pearson inserem o herói na proeza da mestria. O arquétipo busca a transformação da vida através da superação de desafios. Ao aventurar-se, ele combate uma realidade desfavorável e restritiva.

Pela sua abrangência e nível de significação para a sociedade, o arquétipo do herói, como afirma Campbell (2007), pode ser representado de diversas formas. A face do guerreiro é uma das mais expressivas e memoráveis, mas ele pode transitar entre diversas outras (VOGLER, 2015). Para obter determinadas impressões na narrativa, o herói pode assumir temporariamente ou coexistir com outros arquétipos.

Vogler (2015) pontua que o próprio arquétipo da sombra, que repetidamente é projetado em personagens que configuram vilões ou antagonistas, pode manifestar-se no herói. A Sombra representa aquilo que está reprimido na figura da personagem, que a perturba e a faz vacilar de seu posto de perfeição, aproximando-a dos seres humanos.

Bruce Wayne, personagem fictício das histórias em quadrinhos da editora norte-americana *DC Comics*, comprometeu-se a combater o crime em sua cidade, Gotham City, após ter presenciado o assassinato dos pais quando era uma criança. Utilizando a identidade secreta “Batman” (Figura 6), inspirado em morcegos, ele opera nas sombras, defrontando seus inimigos, como uma forma de vingança pela morte dos pais.

**Figura 6 – Batman, super-herói das histórias em quadrinhos da *DC Comics***



Fonte: Estação Nerd<sup>6</sup>

O herói problemático, rebelde, bandido ou anti-herói é outra configuração comum do arquétipo, que apresenta uma atitude de conflito com o mundo conservador e com a moralidade (LUKÁKS, 1962, *apud* BRAIT, 1985, p. 40). Segundo Feijó (1984, p. 31), “ a fama dos bandidos tem sempre um caráter social: isto é, não são apenas heróis corajosos e guerreiros, mas representam sempre uma sede de justiça coletiva”.

No filme *V de Vingança* (2005), dirigido por James McTeigue, a personagem Evey Hammond (Figura 7), interpretada por Natalie Portman, é uma jovem trabalhadora em uma sociedade distópica, que, após escapar de uma tentativa de estupro com a ajuda de V, um revolucionário que luta contra a opressão do governo, reúne-se a ele para derrubar o sistema. Ao longo da história, ela apoia uma revolução sangrenta e violenta em nome da sua amizade com V. Pelas suas atitudes violentas e não condizentes com um código rígido de nobreza e moralidade, mas que têm como motivação uma causa social, Evey pode ser considerada uma anti-heroína.

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://estacaonerd.com/batman-day-saiba-tudo-sobre-um-dos-maiores-herois-de-todos-os-tempos/>. Acesso em out, 2019.

**Figura 7 – Evey Hammond, personagem do filme *V de Vingança***



Fonte: Pedro Sousa<sup>7</sup>

Feijó (1984) explica que a caracterização do herói acompanha o desenvolvimento da sociedade e as novas formas de mitologia. Sendo assim, não é previsto que um super-herói do cinema do século XXI tenha as mesmas qualidades que os heróis mitológicos da antiguidade. Os novos modelos econômicos e a cultura da época influem diretamente no que é passado para a sociedade como “herói”.

Contudo, conforme observado por Campbell (2007) em sua pesquisa e depois resgatado por Vogler (2015), o que marca o arquétipo do herói e permanece constante através dos tempos é a sua luta pela mudança. Ele simboliza a procura do indivíduo pela sua identidade e plenitude. Vogler acrescenta:

No processo de nos tornarmos seres humanos completos, integrados, somos todos Heróis enfrentando guardiões, monstros e ajudantes internos. Na busca por explorar nossa mente, encontramos professores, guias, demônios, deuses, colegas, serviçais, bodes expiatórios, mestres, sedutores, traidores e aliados como aspecto da nossa personalidade e personagens em nossos sonhos. Todos os vilões, pícaros, amantes, amigos e inimigos do Herói podem ser encontrados dentro de nós mesmos. A tarefa psicológica que enfrentamos é a de integrar essas partes separadas em uma entidade completa, equilibrada. O ego, o Herói que pensa estar separado de todas as suas partes, deve se incorporar a elas e tornar-se um ser único. (2015, p. 68)

Numa história, ele é muitas vezes o personagem mais ativo, que vive os conflitos, amadurece e no final apresenta uma solução para o problema existente no enredo. Após uma

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://i.pinimg.com/originals/e4/1b/d2/e41bd2e70ec51bac0c7f8d4b0d17bc96.jpg>. Acesso em out, 2019.

minuciosa pesquisa sobre as narrativas de mitos e histórias clássicas de civilizações do mundo inteiro, Campbell (2007) desenvolveu o conceito de “Jornada do Herói”, um padrão narrativo utilizado em diversas narrativas e, como defende Vogler (2015) baseado nos próprios estágios naturais da vida de um indivíduo.

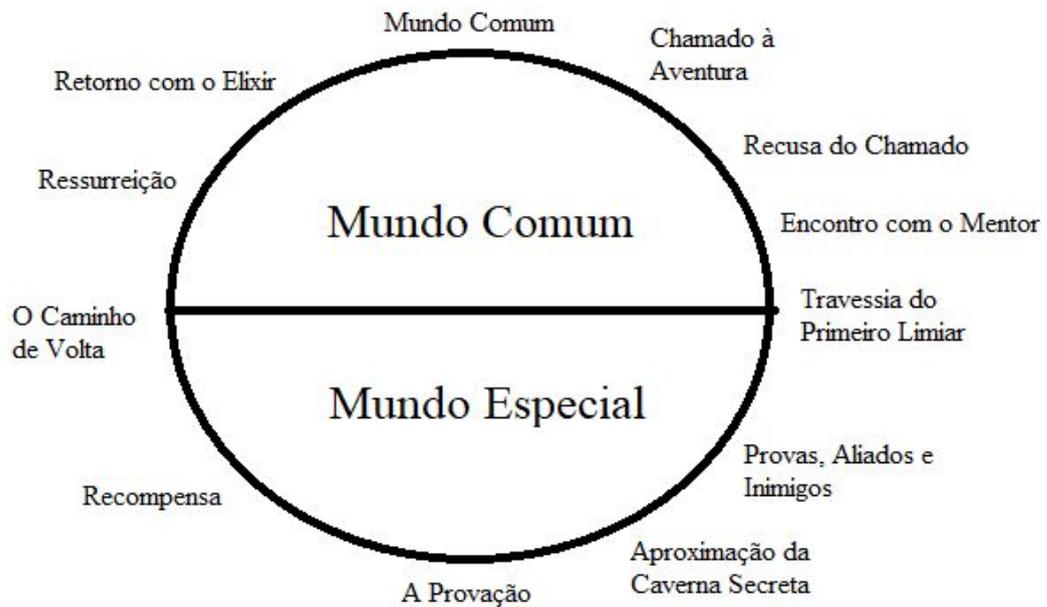
Campbell (2007) separa a Jornada do Herói em três fases principais: a separação, a iniciação e o retorno. A primeira simboliza o afastamento do herói do seu cotidiano, a saída da sua zona de conforto. A segunda consiste no que Campbell chama de “penetração em alguma fonte de poder” (2007, p. 40), e é o momento em que ele vive aventuras, passa por provações, faz aliados e enfrenta seus inimigos. E a terceira é o retorno enriquecedor ao cotidiano do qual ele havia antes se afastado.

Ressalta-se que a Jornada do Herói não é uma fórmula (VOGLER, 2015). Ela consiste no conjunto de certos elementos estruturais comuns às narrativas. Aplica-se a histórias românticas de casais apaixonados, histórias de detetive, de fantasia, e até quando pretende-se narrar um fato que aconteceu na vida real. “O protagonista de toda história é o herói de uma jornada, mesmo que o caminho leve apenas à sua mente ou ao reino dos relacionamentos pessoais” (VOGLER, 2015, p. 45). Na próxima seção, serão aprofundadas as fases e estágios do padrão narrativo mapeado por Campbell.

### **1.5 Os Estágios da Jornada do Herói**

A obra *A Jornada do Escritor*, de Christopher Vogler (2015), dialoga com *O Herói de Mil Faces*, de Joseph Campbell (2007), ao demonstrar como a Jornada do Herói adequa-se às narrativas modernas. Enquanto Campbell ilustrou a Jornada com histórias mitológicas e clássicas, Vogler aplicou-a em filmes como *Pulp Fiction* (1994), escrito e dirigido por Quentin Tarantino, *Rei Leão* (1994), animação produzida pela Disney, e *Titanic* (1997), dirigido por James Cameron. O diagrama abaixo (Figura 8) ilustra o padrão narrativo trabalho pelos autores e o seu aspecto cíclico.

**Diagrama 1 – Ciclo da Jornada do Herói proposto por Christopher Vogler**



A primeira unidade de estágios que compõe a narrativa é o Ato da Separação ou Partida. Nesse momento, a personagem deve separar-se de seu mundo habitual e cotidiano para iniciar o seu trajeto pelo mundo desconhecido e surpreendente.

Como reproduz um ser vivo normal, a personagem tem passado, presente e futuro. O “Mundo comum”, primeiro estágio da narrativa, é essencial para contextualizar o leitor na história do herói, que começa antes do início da aventura.

Vogler explica que a função do “Mundo Comum”, além de apresentar o herói, é contrastar com o Mundo Especial que ele vai explorar na sua Jornada. Segundo o autor (2015, p. 138), “As Sementes da aventura e do desafio geral são encontradas lá. Os problemas e conflitos do herói já estão presentes do Mundo Comum”. O autor acrescenta que:

A primeira ação do personagem é uma oportunidade maravilhosa para revelar muito sobre a sua atitude, seu estado emocional, histórico, pontos fortes e problemas. A primeira aparição deve ser um modelo da atitude característica do herói e dos futuros problemas ou soluções que resultarão dela. (2015, p. 141)

Já apresentado o herói, ele recebe o “Chamado para a aventura”, acontecimento que dá início à ação. Em muitas narrativas, o chamado é realizado por uma personagem que assume o arquétipo do Arauto. Na Idade Média, arauto era o mensageiro que transmitia

notícias de guerra para a realeza, como arquétipo ele é a personagem que convida ou convoca o herói para a aventura. Vogler (2015) apresenta como exemplo de Arauto o deus Hermes, da mitologia grega, que atuava como mensageiro dos deuses para os heróis, encaminhando-os para suas missões.

Campbell explica que o chamado é um momento de transformação. “Significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida” (CAMPBELL, 2007, p. 66). Para alguns heróis pode ser um momento empolgante, mas para a maioria o acontecimento é desconcertante e desorientador.

Por esse motivo alguns heróis também passam pelo estágio de “Recusa do Chamado” antes de serem convencidos ou não a embarcar na aventura. Vogler (2015, p. 164) explica que a função da Recusa é comunicar que a missão dada ao herói é perigosa, acrescentando tensão à narrativa.

O que pode vir amparar o herói que aceita participar da Jornada e convencer aquele que recusou é o que Campbell chama de “Auxílio sobrenatural” e Vogler de “Encontro com o Mentor”. Surge nesse momento uma figura protetora que oferece ao herói os conhecimentos, itens ou a segurança de que ele precisa para enfrentar o que está por vir.

São exemplos de mentores as fadas madrinhas dos contos de fadas, os deuses que ofertavam conselhos e presentes aos heróis na mitologia grega ou o sábio mestre Yoda, da franquia *Star Wars*. Em alguns casos, o herói não tem um mentor específico, como é a situação do personagem Mikael Blomkvist. Na narrativa de *Os Homens que Não Amavam As Mulheres* (2005), essa função é exercida pela própria experiência profissional do jornalista, adquirida ao longo dos anos.

Passado seu período de preparação, o herói realiza a passagem pelo primeiro limiar, barreira que divide o “Mundo Comum” do mundo que ele irá explorar. Vogler (2015) define esse estágio como um ponto de virada, do qual não há retorno. O herói deverá, enfim, comprometer-se com a Jornada.

Encontra-se na passagem o arquétipo do Guardiã do Limiar, que simboliza fisicamente o obstáculo que o protagonista necessita ultrapassar (VOGLER, 2015). O guardião representa a primeira provação do herói e integra parte de seu treinamento.

Depois do primeiro teste, inicia-se a segunda unidade de estágios da narrativa: a Iniciação. A partir desse ponto, o herói passará por uma sucessão de novos desafios do estágio “Caminho de Provas” (CAMPBELL, 2007), também conhecido como “Provas, Aliados e Inimigos” (VOGLER, 2015).

A função do estágio de Provas é preparar a personagem para a provação final que ela enfrentará. Mesmo tendo o auxílio do Mestre, o herói precisa adquirir aprendizados e experiências sozinho, encontrando dentro de si as respostas fundamentais para completar a sua tarefa.

Contudo, não significa que ele não possa receber ajuda. Esse é o momento ideal para o herói fazer alianças, formar uma equipe ou fortalecer as relações que possuía antes. Normalmente, o papel dos aliados é acrescentar alguma virtude ou vantagem que o herói não tenha. Na trilogia *Senhor dos Anéis* (2001-2003), dirigida por Peter Jackson com base na obra de J. R. R. Tolkien, o personagem Frodo recebe a missão de destruir um anel mágico antes que ele caia nas mãos do seu antigo dono, um vilão que teria poder para dominar o mundo. Frodo, um jovem munido apenas da sua coragem, sem nenhuma habilidade mágica ou bélica, parte em missão com um grupo de nove amigos, intitulado de Sociedade do Anel (Figura 8), com habilidades diferentes, essenciais para o sucesso da missão.

**Figura 8 – Sociedade do Anel no filme *Senhor dos Anéis: A sociedade do anel***



Fonte: *printscreen* do filme *Senhor dos Anéis: A sociedade do anel*

Ademais, é o estágio em que o herói identifica ou adquire melhor percepção dos seus antagonistas. Inimigos e rivais refletem aquilo que ameaça o protagonista ou lhe desperta repulsa.

O próximo estágio é a Aproximação da Caverna Secreta, momento em que o herói se aproxima do que será o seu principal teste. “O herói pode parar para planejar, reorganizar ou refinar o grupo, fortificar-se e armar-se, até dar a última gargalhada e fumar o último cigarro antes de adentrar a terra de ninguém” (VOGLER, 2015, p. 204). Esse estágio tem como função aumentar as expectativas e enfatizar os perigos que estão por vir.

A seguir, o protagonista passa pelo estágio da Apoteose (CAMPBELL, 2007) ou Provação (VOGLER, 2015). O herói enfrenta seu inimigo, um relacionamento amoroso encara as piores dificuldades, um time joga contra o adversário mais desafiador. Campbell (2007) define a Apoteose como o estágio em que o herói transcende e alcança a sabedoria através do encontro com a morte, ou força que simbolize a morte.

“Os heróis não fazem uma visitinha pra morte e voltam pra casa. Eles voltam transformados” (VOGLER, p. 218). A Apoteose é o principal acontecimento da Iniciação, também chamada de crise. Em *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (2005), a crise do personagem Mikael Blomkvist é o momento em que ele confronta o assassino em série que estava investigando e vive a situação mais perigosa da narrativa após desvendar uma parte do mistério.

A personagem que sobrevive à crise recebe a Recompensa. Podendo ser um conhecimento, uma revelação, um poder ou uma arma, a recompensa dada ao herói concede a ele a confirmação de que este é digno (CAMPBELL, 2007). Tendo conquistado aquilo que procurava na Jornada, o herói pode adentrar a última unidade da narrativa: o Retorno.

Assim como pode recusar o Chamado, o herói também pode resistir ao Retorno. Após conhecer as maravilhas da aventura, o herói talvez se sinta provocado a continuar naquele mundo e não levar a bênção de volta para o seu.

Quando deixa para trás forças poderosas da história aborrecidas, o herói precisa recorrer ao que Campbell (2007) intitula Fuga Mágica. Nesse momento, o herói tem a

possibilidade de ser auxiliado a escapar por forças que ele conquistou anteriormente na narrativa. Segundo o autor:

Nos estágios finais da aventura, é mostrada a continuidade da operação da força sobrenatural auxiliar que tem acompanhado o eleito em todo curso de suas provas. Tendo sua consciência sucumbido, o inconsciente, não obstante, produz seus próprios equilíbrios e o herói renasce para o mundo de onde veio. (2007, p. 212)

O Renascimento ou Ressurreição é o estágio que Vogler (2015) define como o clímax, pico mais alto da energia ou o último grande evento em uma obra. O protagonista reúne as lições apreendidas ao longo da história para efetuar uma ação crucial e definitiva.

Transformado pela Jornada, o herói realiza a Passagem pelo Limiar do Retorno. Trazendo a bênção, ele volta para o seu “Mundo Comum”, modificando-o com os vestígios trazidos da aventura. Segundo Campbell (2007, p. 242), “a bênção que o herói traz de sua jornada restaura o mundo”. Se a aventura for realizada no interior da personagem, a recompensa pode ser o autoconhecimento ou a superação de um trauma, que mudarão a forma como esta enxerga a vida e relaciona-se com os outros.

O ciclo da Jornada é fechado e equilíbrio, restaurado. O herói torna-se o Senhor dos Dois Mundos e alcança a Liberdade para Viver (CAMPBELL, 2007) por estar em sintonia com o cotidiano e com a realidade especial da aventura. O quadro a seguir ilustra as denominações dadas por Vogler (2015) e Campbell (2007) para os estágios da Jornada do Herói.

**Quadro 1 – Estágios da Jornada do Herói para os autores Joseph Campbell e Christopher Vogler**

<b>Christopher Vogler</b>	<b>Joseph Campbell</b>
Mundo Comum	Mundo Cotidiano
Chamado à Aventura	Chamado à Aventura
Recusa do Chamado	Recusa do Chamado
Encontro com o Mentor	Auxílio Sobrenatural
Travessia do Primeiro Limiar	A Passagem do Primeiro Limiar
Provas, Aliados e Inimigos	O Caminho de Provas

Aproximação da Caverna Secreta	Não identificado
Provação	Apoteose
Recompensa	A Bênção Última
O Caminho de Volta	Recusa do Chamado; A Fuga Mágica, Resgate com Auxílio Externo; Travessia do Limiar; Retorno
Ressurreição	Senhor dos Dois Mundos
Retorno com o Elixir	Liberdade para Viver

Retomando o que foi descrito anteriormente sobre os atributos do arquétipo do herói, afirma-se que ele é caracterizado, principalmente, pela fluidez e pela transformação, não somente pelo poder (CAMPBELL, 2007). O padrão narrativo do arquétipo vastamente utilizado é admissível pela sua amplitude e pelo seu caráter intrinsecamente ligado à mente humana (MARK e PEARSON, 2003).

Nesse capítulo, foi realizada primeiramente uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de narrativa e de ficção, discutindo o papel de ambas na sociedade. Depois, abordamos a questão da personagem, sua função na narrativa e suas características. Após apresentado o “ser fictício”, abordamos os seus arquétipos, com ênfase no arquétipo do herói. Por último, foi mostrado o padrão narrativo da Jornada do Herói, desenvolvido por Campbell (2007) e atualizado por Vogler (2015).

O objetivo do capítulo foi elucidar conceitos importantes para a metodologia da presente pesquisa, como o Herói e a Jornada do Herói, e contextualizar a questão da personagem e da narrativa antes de aprofundar a temática do jornalista como personagem, que será tratada a seguir.

## 2 A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA EM NARRATIVAS DE FICÇÃO

Em histórias de detetive, comédias, romances, suspenses e até em narrativas de fantasia encontra-se a figura do jornalista como personagem. O segundo capítulo do presente trabalho abordará as representações do profissional em narrativas de ficção. Para discutir o motivo da frequente aparição do jornalista como em diversas histórias, como ele é retratado, quais são os estereótipos e ambiguidades e como isso influencia diretamente a criação de um imaginário popular sobre o profissional, foram reunidos estudos de variados autores que tratam a temática.

Para fundamentar a pesquisa, utilizaram-se conceitos e considerações das obras científicas *O Último Jornalista: imagens de cinema*, da pesquisadora brasileira Stella Senra (1997), e *Jornalismo no Cinema*, organizado pela jornalista e professora brasileira Christa Berger (2002), que analisam a representação do jornalista como personagem no cinema. Também foi realizada uma revisão bibliográfica reunindo um conjunto de trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações e teses) que tratam da temática, analisando personagens específicos ou o conjunto de personagens representados em um determinado contexto.

Percebe-se no conjunto de obras que embasa a presente pesquisa uma preferência dos autores por estudar as representações do jornalista no cinema. Contudo, o presente capítulo refere-se a jornalista-personagem na ficção de um modo geral, abarcando o cinema, a televisão, a literatura, as histórias em quadrinhos e jogos eletrônicos.

Primeiramente, trataremos da atração da ficção pela figura do jornalista. Em seguida, serão apontados os padrões nas suas representações, que envolvem os estereótipos e as ambiguidades presentes no imaginário coletivo sobre a profissão.

### 2.1 Afinidade entre o jornalista e a ficção

O filme *The Power of Press* (1928), ou *Mocidade Audaciosa*, como é conhecido no Brasil, é um filme estadunidense mudo, produzido pela Vitagraph e dirigido por Van Dyke Brook. Ele trata da história de um repórter e de uma mulher suspeita de assassinato. Segundo a pesquisadora e mestra em jornalismo Macelle Khouri Santos (2009) o drama inaugurou a histórica relação entre o cinema ficcional e o jornalismo.

A pesquisadora Stella Senra (1997) atribui a emersão do jornalista-personagem nas narrativas de ficção nos anos 20 à circunstância em que se encontrava a rotina dos jornais, mais conectada com a sociedade. Nessa época, o jornalista passava a se tornar uma figura mais acessível, que compartilhava suas ideias, vivências e opiniões com seus leitores.

Em sua obra *O Último Jornalista: imagens de cinema* (1997), Senra examina obras clássicas do cinema que tratam sobre o jornalismo, como *A Montanha dos Sete Abutres* (1951), *A Embriaguez do Sucesso* (1957), *Jejum de Amor* (1940), entre outras. A autora objetiva, com sua pesquisa, analisar a relevância que a figura do jornalista vem manifestando na sociedade contemporânea e como está sendo construída a imagem do profissional. A colaboração da obra consiste no delineado dos fatores que influenciam e moldam a atuação do jornalista e a sua representação na ficção e serão explanadas ao longo do presente capítulo.

Posterior à pesquisa de Senra, o livro *Jornalismo no Cinema* (2002), organizada por Christa Berger, consiste no resultado da pesquisa “O Ofício do Jornalista: da sala de redação à tela de cinema” realizada entre 1998 e 2000, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Cada capítulo da obra consiste na análise que um dos autores faz da representação do jornalismo em filmes.

Tratando de temas pertinentes ao jornalismo, como as relações entre a mídia e os demais poderes, a influência da palavra e da imagem na sociedade, a ética e os procedimentos de produção e divulgação da notícia (BERGER, 2002), a ficção trata a profissão com distinção. Ao questionar-se sobre a razão desse privilégio, Berger (2002) cita o “glamour da mídia” e o esforço dos próprios jornalistas em consolidar sua imagem. Desde a possibilidade de aparecer na televisão até a elegância do exercício da escrita, os elementos do jornalismo são encorajados como interessantes e atraentes.

Para Senra (1997), “a sobrevivência de um mesmo herói ao longo de tantos anos é significativa tanto do interesse público pela personagem, quanto da sua adequação ao tratamento cinematográfico” (1997, p. 37). Por ser, de certa forma, uma “figura pública”, tendo seu rosto na televisão ou seu nome estampado na folha do jornal, o profissional já está mais exposto a esse reconhecimento. Senra (1997) explica que a construção de uma imagem

do jornalista integra uma etapa da sua atividade profissional, sendo ela consumida tanto quanto o produto do seu trabalho.

Naturalmente, a submissão do jornalista a uma visibilidade cada vez mais ampliada e a afirmação da sua imagem são mais notáveis na televisão. Mas um fenômeno semelhante vem ocorrendo igualmente nos jornais onde o nome, tanto quanto a imagem, também uma construção passível dos mesmos investimentos afetivos e mecanismos de projeção, vem sendo erigido como entidade definitiva, incontornável, competindo às vezes com a notícia e com o peso dos fatos. No mundo contemporâneo o jornalista da imprensa escrita também se vê cada vez mais solicitado a exibir sua *persona*, transformando-se do mesmo modo numa espécie de “personagem”, de modo a estabelecer com o público um padrão de convivência e de trocas afetivas semelhante àquele desenvolvido pela representação ficcional (SENRA, 1997, p. 17).

Além da visibilidade e do interesse público envolvido na sua imagem, o jornalista também tem uma rotina de trabalho facilmente adaptável para o padrão narrativo romântico. A notícia jornalística, organizada em torno da ação e centralizada em personagens individualizados, e todo o seu processo de apuração assemelham-se a como se estrutura uma narrativa (SENRA, 1997).

Assim como o cinema ou a literatura, o jornalismo enfatiza os fatos, dando atenção especial aos que geram agitação, tumulto e tensão. No processo, o profissional investiga os atores, as causas, a origem, os objetivos, os lugares, e no final monta toda a narrativa dos acontecimentos (SENRA, 1997). Quanto a essa semelhança, Berger afirma:

A atividade profissional do jornalista se presta exemplarmente para ser equiparada à função de personagem: o jornalista, na sua rotina de trabalho, localiza problemas, investiga suas causas, descobre fatos e apresenta soluções na forma de enunciados; os personagens cinematográficos são construídos através de ações quando acompanham, interferem e solucionam questões no filme. Muitos filmes de jornalista terminam com a publicação da reportagem, com o jornal sendo impresso ou a manchete exposta na banca de revista (2002, p. 15).

Ainda segundo a mesma autora (2002, p. 16) o jornalista é “o narrador da história viva”. Por ter acesso direto à informação sem a mediação que o próprio jornalismo faz, sua figura sugere ao público um vínculo direto com a raiz dos acontecimentos e da vida.

Retomando o que foi mencionado na seção 1.1 do primeiro capítulo sobre o acordo ficcional trabalhado por Eco (1994), outro elemento importante para a narrativa de ficção é que ela transmita uma impressão de veracidade e coerência para o leitor enquanto ele a consome. Através da sua credibilidade como mensageiro da verdade, o jornalista como personagem concede a sensação de transparência que a história necessita para envolver o

leitor e provocar sentimentos nele (SENRA, 1997). Dessa forma, a assimilação dos fatos da narrativa torna-se mais admissível e autêntica para o público.

Acompanhar o trabalho de apuração do jornalista-personagem colabora com essa sensação, mostrando ao público todas as peças que levam à resposta do enigma da história. Em concordância, o pesquisador e professor de cinema brasileiro Lisandro Nogueira justifica a distinção do jornalista como personagem na ficção pelo fato de o profissional ter “a investigação e a busca da verdade como mote da profissão” (2003, p. 143). Assim, a jornalista-personagem confere a pedagogia moral que a narrativa clássica busca passar por meio de exemplos de transparência, credibilidade e dignidade.

Em razão disso, Senra (1997) explica que, ao retratar na ficção jornalistas-personagens honestos e confiáveis, aproveita-se a transferência de admiração que já existe pelo profissional na vida real para o sentimento que o público terá pela personagem.

Em sua tese *Cinema e Jornalismo: o jornalista no cinema brasileiro*, Lisandro Nogueira (2003) analisa a representação da figura do jornalista em seis filmes brasileiros produzidos entre as décadas de 60 e 90. Para o autor, a presença assídua do jornalista no cinema nacional se dá pela forma como o profissional manifesta as controvérsias da modernização do país. “Ele é testemunha, facilitador e operador de ações entre as classes sociais, equilibra-se entre o público, o mercado e o Estado” (NOGUEIRA, 2003, p.12), explica, caracterizando o jornalista como uma personagem simbólica das contradições e dos conflitos da sociedade.

Ao mesmo tempo em que a ficção usufrui da imagem do jornalista em suas narrativas, ela contribui para a construção da mesma. Em sua pesquisa, a professora e doutora em comunicação Fabíola Tarapanoff (2014) estuda a influência que a ficção tem no fortalecimento de mitos e estigmas sobre o jornalismo e na escolha de jovens para seguir a profissão.

Narrativas que ajudam a nos entender como é viver a vida e também a ter acesso a outras realidades. Que possibilitam a escolha de uma carreira, pois as imagens fornecem vivências, amostras de como é o dia a dia de uma profissão. Imagens, portanto, que não só trazem representações de determinadas categorias profissionais, mas que também são contribuem na formação do imaginário que as pessoas têm sobre uma carreira específica e na determinação de expectativas futuras, principalmente quando não se tem experiência de vida, como no caso dos jovens que escolhem uma profissão. Experiências que podem não ser vividas, mas são

experimentadas e sentidas vividamente e apropriadas devido ao impacto proporcionado pela tela grande do cinema (TARAPANOFF, 2014, p. 57).

A apropriação dessas experiências é o que favorece a criação de um imaginário coletivo sobre a profissão (TARAPANOFF, 2014), que é reforçado pelos padrões existentes nas representações. A ideia da existência de uma vocação jornalística, de que o jornalista é uma pessoa desprovida de vivência fora do trabalho, entre outras, são alguns dos estereótipos criados pela ficção, que serão tratados a seguir.

## **2.2 Estereótipos comuns na representação do jornalista**

No decorrer da revisão bibliográfica sobre o estudo da jornalista-personagem, observou-se a recorrente citação de determinados estereótipos presentes na representação do profissional. Neste ponto, apontaremos os padrões que mais convergem na revisão bibliográfica e que podem ser aplicados a jornalistas exercendo diversas funções na narrativa, como de vilão, herói ou anti-herói.

Primeiramente, precisa-se esclarecer que, assim como acontece com outros tipos de personagens ou arquétipos, a ficção serve-se de elementos da própria realidade do jornalista e do seu ambiente de trabalho para criar as suas representações. A jornalista-personagem tem a mesma função de apurar os fatos para informar a sociedade, relações e rotinas de trabalho inspiradas nas dos profissionais da vida real, passando, inclusive, por conflitos semelhantes, como não poder medir o impacto que seu trabalho terá na vida de terceiros, entre outros que serão mencionados adiante.

Os estereótipos surgem a partir do momento em que, para seguir as regras da narrativa ficcional, é preciso simplificar a atividade do jornalista (SENRA, 1997). Assim como os arquétipos têm a função de facilitar para o público o reconhecimento da função que a personagem exerce na história, os padrões auxiliam no entendimento do que aquela jornalista-personagem representa em dado contexto.

A professora e doutora em comunicação Polianne Espindola (2009, p. 190) define estereótipo como “um produto da interação social”, que carrega significados e tradições da cultura de uma sociedade. A autora explica que quando os indivíduos não detêm das informações necessárias para caracterizar algo, são produzidas as generalizações. Embora

tenha uma base de informações para a sua criação, os estereótipos orientam as pessoas a terem uma opinião pré-formada sobre coisas que elas não conhecem bem (ESPINDOLA, 2009).

Relacionando os estereótipos criados pela ficção com o papel da mitologia, a pesquisadora e jornalista Gabriela Sanseverino (2015) afirma que ambos auxiliam o ser humano na sua busca pela interpretação do mundo. A autora afirma que, na atualidade, os estereótipos presentes nas narrativas são ferramentas encontradas para “organizar a experiência do acaso e lhe dar racionalidade, preenchendo o espaço antes ocupado pelo mito” (2015, p. 11). A ficção, além de servir-se dos estereótipos já existentes na sociedade, fortalece-os e auxilia na sua conservação no imaginário popular (SANTOS, 2009).

Santos (2009) explica que a relevância de compreender os estereótipos presentes na construção da jornalista-personagem se dá pela influência que essas representações têm no imaginário popular a respeito da profissão. Em vista disso, trataremos em seguida dos estereótipos criados para simplificar e generalizar a figura do jornalista na ficção, como: a sua vida pessoal desleixada, sua vocação inata para a profissão, a cidade como um *habitat* natural, os vícios, as influências do gênero na construção da personagem e sua relação com os fundamentos do jornalismo.

### ***2.2.1 A vida pessoal prejudicada pela profissão***

Em virtude da sua representação centralizada no exercício da profissão, a jornalista-personagem muitas vezes tem a sua história pessoal fora do trabalho negligenciada pelas narrativas. Para Senra (1997), uma representação recorrente do profissional da ficção é de um indivíduo desprovido de consistência psicológica.

A autora aponta que em muitas narrativas sobre jornalistas “não veremos nenhuma família da personagem ou sua casa, nem saberemos praticamente nada sobre seus gosto ou interesses pessoais” (1997, p. 53). Esses jornalistas da ficção variam entre dois cenários: a rua, onde apuram e vivem aventuras, e a redação.

Nas histórias em que importa somente o jornalista em ação, Senra (1997) afirma que a personagem não passa por evoluções significativas. Ao contrário do modelo narrativo da Jornada do Herói proposto por Campbell, nessas histórias o jornalista aparece como uma figura preparada, servindo de figurante frente à grandeza dos fatos.

Personagem coadjuvante do seriado estadunidense *House of Cards*, produzida para o serviço de streaming *Netflix*, a jornalista Zoe Barnes (Figura 9), interpretada por Kate Mara, é uma jovem iniciante na carreira que almeja, acima de qualquer coisa, o crescimento profissional. Sentindo-se estagnada em seu emprego no jornal *Washington Herald*, a personagem faz uma parceria com o protagonista da série, Frank Underwood, um parlamentar calculista e ávido por poder, interpretado pelo ator Kevin Spacey.

**Figura 9 – Jornalista-personagem Zoe Barnes do seriado *House of Cards***



Fonte: IndieWire<sup>8</sup>

Durante toda a sua aparição no seriado, Zoe não apresenta indícios de uma vida para além do jornalismo. Todas as suas relações amistosas ou sexuais são, de alguma forma, diretamente relacionadas à sua atuação profissional, movidas pelo interesse.

Quando a profundidade psicológica da jornalista-personagem é manifestada na história, sendo ela mais complexa e redonda, outros estereótipos transparecem (FORSTER, 2005). Como explica a pesquisadora e doutora em Literatura Comparada Isabel Travancas (2003), ainda que tenha uma família, amigos, um lar e *hobbies*, a jornalista-personagem ainda aparece na ficção com um estilo de vida completamente influenciado pelo trabalho. Essa dedicação ao jornalismo aparece nas narrativas como a causa de relações pessoais e amorosas prejudicadas, negligência aos hábitos saudáveis e manutenção de vícios.

---

<sup>8</sup> Disponível em

<https://www.indiewire.com/2013/02/being-zoe-barnes-reconsidering-the-most-difficult-character-in-house-of-cards-40539/>; Acesso em nov, 2019.

No filme *O Diabo Veste Prada* (2006), a protagonista Andrea “Andy” Sachs, interpretada por Anne Hathaway, é uma jovem recém-graduada em jornalismo e desempregada. Mesmo sendo uma pessoa desligada com a aparência e com o mundo da beleza, ela consegue um emprego na revista de moda *Runway*, para trabalhar como assistente da editora-chefe Miranda Priestly, interpretada por Meryl Streep.

Com esperança de que a experiência lhe proporcione a possibilidade de conseguir um emprego como repórter em outros jornais, Andrea submete-se a diversas situações complicadas e compromete sua vida pessoal para agradar a chefe, que é uma pessoa muito exigente e exploradora. Ao longo da história, a jovem falta compromissos com os amigos, com a família e com o namorado, culminando no fim do relacionamento amoroso (Figura 10) com seu namorado Nate, interpretado pelo ator Adrian Grenier.

**Figura 10 – Cena do término do relacionamento de Andrea**



Fonte: *print screen* da cena do filme *O Diabo Veste Prada*

Em comparação com a personagem Andrea, sua chefe Miranda também reforça a ideia de que, para obter sucesso na carreira, é preciso abdicar das suas relações pessoais. Conhecida pelos funcionários como “Dama de Ferro” por já ter se divorciado várias vezes, em uma das suas cenas mais sensíveis, Miranda é vista chorando após uma briga com o marido por conta das particularidades do seu cargo de editora-chefe da revista.

Santos (2009) justifica a falta de dedicação do jornalista-personagem à sua vida pessoal pela sua impossibilidade de desligar da profissão. No contexto da narrativa ficcional,

os fatos relevantes e noticiáveis são prioridade e exigem um constante estado de alerta da personagem.

A construção desse estereótipo baseia-se na interpretação de que a profissão exige renúncias da parte da jornalista-personagem, que deve desvendar um mistério ou revelar um esquema perverso que ameaça a sociedade. Por isso, nas narrativas mais voltadas ao exercício perigoso de um jornalismo investigativo, a aparência física do jornalista é de desleixo (BERGER, 2002).

No livro *A Fogueira das Vaidades* (1987), de Tom Wolfe, o jornalista-personagem Peter Fallow é um homem à beira de perder sua profissão. Para evitar que isso aconteça, investiga o envolvimento do magnata Sherman McCoy no atropelamento proposital de um rapaz. O jornalista é descrito pelo narrador onisciente como um homem de quarenta anos, de aparência cansada, com grandes bolsas de pele no queixo, acúmulo de gordura na barriga e que utiliza roupas antigas e empoeiradas. A casa de Peter é caracterizada como um ambiente escuro, sujo, mal ventilado e desconfortável.

Tais formas de representação transmitem a noção de que o jornalismo é uma profissão para pessoas independentes, solitárias e destemidas, que não conservam nada que possa impedi-las de realizar suas tarefas arriscadas (BERGER, 2002). A jornalista-personagem é o que Senra intitula de “desgarrado social” (1997, p. 198), pois vive numa espécie de marginalidade condicionada pela sua aptidão em buscar a verdade dos fatos, que será desenvolvida a seguir.

### ***2.2.2 A vocação jornalística como virtude***

Características presentes na construção da jornalista-personagem, como a sua resposta imediata aos acontecimentos, seu estado de alerta e a sua sensibilidade para o que é relevante noticiar para a sociedade, compõem o que é chamado de predisposição para a profissão. Como dom ou talento natural, a jornalista-personagem tem a sua vocação natural para o exercício da atividade (SENRA, 1997). Acompanhando a personagem desde a sua primeira aparição na narrativa, a habilidade para o jornalismo torna-se um estereótipo quando é construída como algo que o acompanha desde o berço e não poderia ser adquirida por qualquer indivíduo.

Para ilustrar essa representação recorrente, Senra (1997) analisa o filme *Jejum do Amor* (1940), que, segundo ela, introduz o estereótipo nas narrativas de ficção. A jornalista-personagem Hildy Johnson (Figura 11), interpretada por Rosalind Russel, anuncia no jornal onde trabalha que irá sair do emprego porque vai se casar. O editor do jornal e ex-marido de Hildy, Walter Burns, conhecendo a mulher e sua vocação para o jornalismo, propõe a ela uma última pauta, que consiste numa grande história jornalística. Incapaz de resistir à apuração dos fatos sobre um assassino peculiar, Hildy encontra dificuldades em afastar-se do trabalho.

**Figura 11 – Personagens Hildy Johnson e Walter Burns do filme *Jejum do Amor***



Fonte: Sensesofcinema<sup>9</sup>

Santos (2009) equipara o estereótipo à noção de “faro jornalístico”. A autora retoma a concepção de que ele é “visto como um ‘dom’ possuído apenas por aqueles que nasceram para ser jornalistas” (2009, p. 168), que tem como objetivo reforçar a compreensão do público da narrativa da existência de uma predisposição do indivíduo para a profissão.

O drama criminal *Crimes na Escola* (2018), narra a história da adolescente aspirante a jornalista Samantha Hodges (Figura 12), que decide treinar seu faro jornalístico investigando o assassinato de dois rapazes da sua escola que aspiravam uma bolsa de estudos.

<sup>9</sup> Disponível em

<http://sensesofcinema.com/2009/feature-articles/does-laughter-make-the-crime-disappear-an-analysis-of-cinematic-images-of-hitler-and-the-nazis-1940-2007/>; Acesso em nov, 2019.

Junto com seus amigos do jornal da escola, ela se compromete a descobrir o assassinato, com o objetivo de que isso a impulse a se tornar uma grande jornalista algum dia.

**Figura 12 – Capa do filme *Crimes na Escola***



Fonte: AdoroCinema<sup>10</sup>

Para poder seguir os seus instintos profissionais, o jornalista necessita estar onde os principais acontecimentos localizam-se. Assim, surge o estereótipo da sua forte ligação com o ambiente e com o meio urbano.

### ***2.2.3 Cidade grande como habitat natural***

Além do estúdio ou da redação, o cenário mais comum das narrativas com jornalistas como protagonistas é a rua, os becos, a cidade. Nas histórias, o meio urbano é tratado como o principal ponto de acontecimento dos fatos noticiáveis, então é nele que o jornalista-personagem deve estar inserido para operar a sua função.

Segundo Travancas (2003, p. 4), jornalista “é antes de tudo um habitante da cidade”. A autora associa ao profissional as características do meio urbano, como a superficialidade, a transitoriedade, a possibilidade de camuflar-se no anonimato, a sofisticação

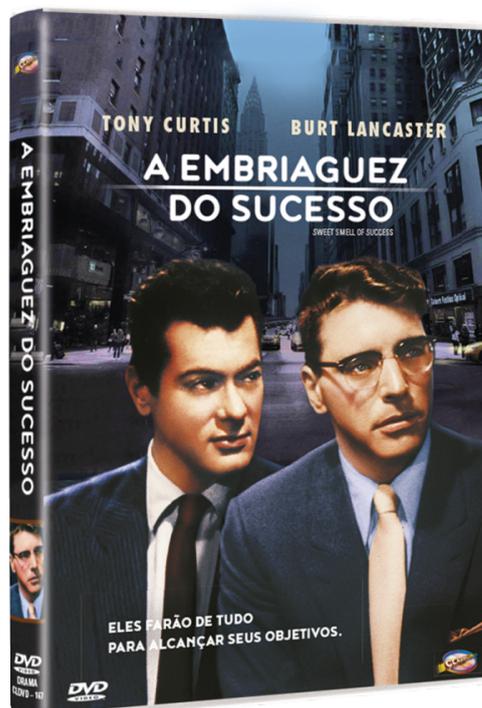
<sup>10</sup> Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-258083/>; Acesso em nov, 2019.

e a racionalidade. Para reproduzir a cidade, é necessário que a jornalista-personagem tenha uma conexão com ela, compreendendo suas particularidades.

Nos filmes *noir*, a jornalista-personagem adequa-se como substituta do detetive na atividade de desvendar os mistérios da cidade e relacionar-se com gângsters. Sendo um subgênero do filme polícia, caracterizado pela sua atmosfera escura e urbana, o filme *noir* representa bem o cinema estadunidense entre os anos de 1940 e 1950.

Ambientado na cidade de Nova Iorque, o drama *noir* estadunidense *A Embriaguez do Sucesso* (1957), ilustrado abaixo (Figura 13), conta a história de um famoso colunista, J.J. Hunsecker, que tem como missão impedir o casamento de sua irmã com um músico. A narrativa demonstra personagens corrompidos e com poucos escrúpulos, que almejam o acesso à alta sociedade da cidade. Aproveitando-se da atmosfera da cidade de Nova Iorque, várias cenas do filme se passam à noite, em bares e restaurantes, retratando a obscuridade da vida noturna no meio urbano.

**Figura 13 – Capa do filme *A Embriaguez do Sucesso***



Fonte: Classicline<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.classicline.com.br/a-embriaguez-do-sucesso.html>; Acesso em out, 2019.

Como explica Nogueira, a ficção encontra no jornalista a personagem exemplar para representar a cidade e suas nuances:

O jornalista é aquele que desafia o novo das entranhas do meio urbano; que descreve o humor e a raiva dos cidadãos; que contribui decisivamente para o estabelecimento de uma nova moral, alicerçada no choque urbano e no aparecimento das novas formas de comunicação; que faz o diálogo entre classes e inaugura uma nova modalidade de representar os fatos; que traduz, com personagens totalmente urbanos, como cineastas e terapeutas (psicanalistas e psicólogos), o novo ambiente urbano de desamparo psicológico do mundo pós-moderno. (2003, p. 56)

Dentre as características do meio urbano, a urgência e a pressa estão fortemente marcadas na composição da jornalista-personagem. Ávido para dar a informação com exclusividade, o profissional está sempre trabalhando com prazos estreitos.

Embora tenham uma forte conexão com o tempo, os jornalistas-personagens não são os donos de seu tempo (TRAVANCAS, 2003). Eles respondem à demanda da empresa a qual trabalham, que, muitas vezes, tem em vista um bom espaço no mercado competitivo acima de qualquer coisa.

#### **2.2.4 Os vícios**

Por conta da intensidade e da pressão envolvidas no trabalho, as jornalistas-personagens procuram estratégias de alívio da tensão. Dentre os estereótipos recorrentes na representação do profissional está o do vício em bebidas alcoólicas, cigarros ou jogos de azar (SENRA, 1997).

Santos (2009, p. 171) descreve o cigarro como uma “marca registrada” do imaginário popular sobre os jornalistas. A autora afirma que, como por muito tempo, a fumaça e o cheiro foram representativos do ambiente das redações, a associação da figura do jornalista ao hábito de fumar é muito comum em suas aparições na ficção.

Associado à suavização do estresse envolvido no cotidiano, o cigarro acompanha o jornalista-personagem em seus momentos de reflexão e investigação, indicando para o público a identidade da personagem como profissional (BERGER, 2002). No filme *Millenium: Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (2011), adaptação cinematográfica do livro que é objeto da presente pesquisa, uma das primeiras atitudes do personagem Mikael

Blomkvist, interpretado por Daniel Craig, após a sua condenação por difamar um empresário, é comprar um maço de Marlboro Red e um isqueiro (Figura 14).

**Figura 14 – Mikael Blomkvist fumando um cigarro após sua condenação**



Fonte: *print screen* do filme *Millennium: Os Homens que Não Amavam as Mulheres*

Constantemente nas histórias sobre jornalismo, o bar representa o cenário de momentos de descontração ou de encontros sociais (TRAVANCAS, 2001, p. 6). Mas para além do divertimento da jornalista-personagem, a bebida pode representar também os seus conflitos, receios e suas angústias.

O ator Johnny Depp interpreta no filme *Diário de um Jornalista Bêbado* (2011), o personagem Paul Kempt. Esgotado pela vida na cidade grande, o jornalista muda-se para a ilha de Porto Rico, aceitando um emprego no jornal local. Ao longo da narrativa, percebe-se que Paul é viciado em álcool, especialmente rum, que o acompanha em momentos de tensão e de descontração na história e compõe uma parte importante da sua caracterização.

Senra (1997) afirma que o alcoolismo participa da “elaboração de figura mitológica do jornalista”, sendo um estereótipo herdado do período em que a profissão estava envolvida em um contexto mais boêmio.

### **2.2.5 As questões de gênero nas narrativas sobre jornalismo**

Frequentemente, encontra-se nas narrativas de ficção que buscam reproduzir aspectos da realidade diferenças nas formas de construir personagens femininas e masculinas. Outros estereótipos identificados na revisão bibliográfica do presente trabalho são os que envolvem a representação das mulheres como jornalistas na ficção.

A professora e mestre em comunicação Cláudia Rejane do Carmo (2002) indica como justificativa para o tratamento do jornalismo como um mundo “masculino” que certas características da profissão são atribuídas aos homens pela sociedade. São exemplos dados pela autora “a agressividade necessária à obtenção da notícia, a jornada de trabalho exaustiva e possíveis riscos aos quais se expõe o profissional da imprensa, situações tidas como inadequadas ao êxito feminino” (2002, p. 189).

Quando há significativa presença feminina em uma narrativa sobre jornalismo, a convenção mais frequente é a de que a personagem estará em posição de subalternidade no ambiente de trabalho. “Seja qual for o tipo de função jornalística desempenhada pela personagem, sempre aparece um homem ocupando um cargo superior ao dela” (CARMO, 2002, p. 190).

Citada anteriormente na seção 2.2.1, a editora-chefe da revista de moda fictícia *Runway*, Miranda Priestly é uma chefe rígida e cobra muito de seus funcionários, para garantir que o resultado final das edições da revista seja perfeito. Entretanto, Miranda sofre as suas próprias pressões dos executivos da revista, que são homens e acreditam que ela já está ficando velha para o trabalho, que demanda uma mente atualizada e aberta para as novidades.

Outro exemplo de mulher em papel de subordinação é a personagem Hildy Johnson, do filme *Jejum do Amor* (1940), citado na seção 2.2.1, uma repórter que tem como editor o seu próprio ex-marido. Na trama, o personagem Walter Burns, movido pelo ciúme que tem da mulher que pretende casar-se com outro, propõe a ela um trabalho irrecusável, ganhando tempo para fazê-la mudar de ideia.

Quanto à sua caracterização, a jornalista-personagem mulher também conta com uma carga negativa quando se trata da sua aspiração em alavancar sua carreira. A escritora e mestre em comunicação Karen Silvia Debértolis (2002) afirma que, ao contrário de como ocorre da representação de personagens masculinos, a ambição da profissional feminina é tratada como um desvio de caráter.

Como meios para atingir seus objetivos, as jornalistas mulheres da ficção costumam utilizar a astúcia, a insistência, a sutileza, a intuição, ou até a sedução através da aparência física (CARMO, 2002). Segundo Debértolis (2002, p. 153), “Os enredos se

resumem, muitas vezes, a uma historieta de belas mulheres ambiciosas em busca de um ‘furo’ de reportagem e que estão dispostas a usar de todos os artifícios para conquistar seu objetivo”.

Interpretada pela atriz Scarlett Johansson, a personagem Sondra Pransky, do filme *Scoop: o grande furo* (2006), é uma jovem estudante de jornalismo desajeitada e tímida, que, acidentalmente, se envolve em uma investigação envolvendo um assassino em série. Após ser informada por uma fonte sobre a identidade do criminoso, o milionário Peter Lyman, Sondra aceita a missão de apurar mais informações sobre o caso e desvendar o mistério.

Para aproximar-se do suposto assassino, interpretado por Hugh Jackman, Sondra arma um plano em conjunto com o seu cúmplice, de seduzi-lo. Ela vai até um clube que o homem costuma frequentar e finge se afogar na piscina na frente dele, induzindo-o a salvá-la. Na cena ilustrada abaixo (Figura 15), Sondra está utilizando um maiô vermelho e seu charme para estabelecer o contato inicial com o seu alvo de investigação.

**Figura 15 – Sondra Pransky conhecendo Peter Lyman**



Fonte: AdoroCinema<sup>12</sup>

Os estereótipos presentes nas representações das jornalistas-personagens mulheres aqui mencionados são Hildy Johnson do filme *Jejum do Amor* nas narrativas, reforçando um mito de que a profissão não pode ser exercida da mesma forma por homens e mulheres. Contudo, esses padrões não excluem a existência de personagens femininas que têm presenças fortes, determinadas e éticas.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-60736/trailer-19359440/>. Acesso em out, 2019.

Por exemplo, a personagem Erika Berger, do livro *Os Homens que não Amavam as Mulheres* (2005) está em posição de superioridade ao personagem Mikael Blomkvist na gestão da revista *Millenium*. Dentro do contexto da revista, os dois têm uma imaculada relação de respeito pelo trabalho um do outro, e Erika é sempre muito clara e honesta quanto aos seus objetivos e na sua forma de adquirir as informações.

### **2.2.6 Os elementos do jornalismo na ficção**

A profissão de jornalista envolve um conjunto de elementos e fundamentos que constituem a sua deontologia e o seu código de ética, como a objetividade, o compromisso com a verdade, entre outros. Com o objetivo de retratar o jornalista-personagem de forma convincente, a ficção apropria-se desses elementos, adequando-os ao estilo narrativo convencional. Não raro, utiliza-se desses princípios para criticar ou enaltecer a figura do jornalista na sociedade.

O professor e doutor em Ciências da Comunicação Felipe Lima (2012, p. 65) destaca que “em meio aos acontecimentos ficcionais, podem estar presentes histórias do processo de formação de uma pauta jornalística, dados de apuração, modos de escrita, bastidores do funcionamento da imprensa e as relações de poder”. Através desse resgate de elementos da vida real, torna-se mais fácil para o público reconhecer a profissão e resgatar seus conhecimentos prévios sobre ela para interpretar sua função naquela narrativa.

Além de retratar a forma como o profissional age, investigando, apurando ou escrevendo, a ficção também realça os códigos morais que envolvem o jornalismo (SENRA, 1997). Dessa forma, a jornalista-personagem passa a ter o que o roteirista e escritor Christopher Vogler (2015) chama de problemas externos e internos. Ela deve solucionar os mistérios e informar a sociedade sobre os fatos, mas também lida com dilemas e com reflexões sobre como deve exercer seu papel.

É relevante reconhecer quais são os padrões retratados quanto aos elementos do jornalismo tendo em vista que a dramatização deles na ficção representa as formas como estão presentes no imaginário coletivo sobre a profissão (LIMA, 2012). Neste espaço, iremos mencionar alguns dos elementos do jornalismo tratados pelos autores da obra *Os elementos do*

*jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*, os jornalistas estadunidenses Bill Kovach e Tom Rosenstiel, dando exemplo de como são retratados em narrativas fictícias.

Dentre as questões éticas apresentadas em filmes envolvendo o jornalismo, ela a participação direta do jornalista-personagem nos fatos que estão sendo relatados. Para Kovach e Rosenstiel (2004), o envolvimento deturpa a tarefa do profissional de relatar os fatos tal quais aconteceram de maneira objetiva e imparcial.

No filme *Scoop: o grande furo* (2006), a estudante de jornalismo Sondra Pransky utiliza-se da sedução para confirmar se um homem acusado de ser um assassino em série realmente cometeu os crimes. Ao longo do filme, a jornalista se apaixona pelo homem, envolvendo-se romanticamente com ele, o que atrapalha seu tratamento imparcial sobre o caso.

A jornalista-personagem Zoe Barnes do seriado *House of Cards* passa por uma situação semelhante ao se envolver com o político Frank Underwood. Além de utilizar-se da chantagem para aproximar-se do político, conseguindo assim informações privilegiadas em troca de publicar sobre assuntos que favoreçam o mesmo, Zoe se torna amante de Frank (Figura 16). Por causa disso, a personagem torna-se extremamente manipulável pelo político, perdendo a sua ligação com o dever de defender os interesses da sociedade.

**Figura 16 – Zoe Barnes e Frank Underwood juntos na cama**



Fonte: *print screen* da série *House of Cards*

Quanto aos seus métodos para obter a informação, também são frequentes as representações dos problemas envolvendo o uso de estratégias controversas. São exemplos de

práticas ilegais: câmeras ocultas, uso de grampos, uso de identidade falsa, obter informações através da invasão de computadores ou demais dispositivos eletrônicos, entre outros.

Mikael Blomkvist, personagem que é objeto de análise da presente pesquisa, também passa por um dilema ético durante o processo de investigar a corrupção cometida pelo seu rival, o empresário bilionário Hans-Erik Wennerström. Em parceria com a hacker profissional, Lisbeth Salander, que se torna sua amiga e amante ao longo da história, ele utiliza dados obtidos através da invasão do computador do empresário e do sistema da empresa para escrever uma longa reportagem sobre os seus incontáveis crimes.

Adentrando o âmbito da fantasia, a personagem Rita Skeeter, da saga de livros e série de filmes *Harry Potter*, de autoria da escritora J. K. Rowling, é uma jornalista que utiliza métodos questionáveis para descobrir os escândalos do mundo dos bruxos. A personagem tem o poder de transformar-se em mosca, habilidade adquirida ilegalmente, para poder estar em qualquer lugar sem ser percebida e escutar conversas importantes e sigilosas.

Salienta-se que o objetivo aqui não é discutir a ética das práticas jornalísticas nessas narrativas, e sim exemplificar como são retratados esses princípios presentes no cotidiano de jornalistas.

Os estereótipos envolvendo o jornalista-personagem variam entre suas características básicas, como relação com a família e vícios, e seu modo de exercer a profissão, como a vocação e os seus dilemas éticos. A Tabela 1 ilustra os padrões anteriormente apontados na representação do profissional.

**Tabela 1 – Estereótipos comuns nas representações de jornalistas**

<b>Estereótipo</b>	<b>Características da personagem</b>
<b>Vida pessoal prejudicada</b>	Pouca consistência psicológica; Negligência aos relacionamentos amorosos e familiares; desleixo com a aparência.
<b>Vocação para a profissão</b>	Dom ou talento natural para a profissão; capacidade de responder imediatamente aos acontecimentos; constante estado de alerta; sensibilidade para o que é noticiável.
<b>Cidade como habitat natural</b>	Conexão com a cidade; pressa e urgência

	em realizar o trabalho.
<b>Vícios</b>	Utilizar o álcool ou o cigarro como distração e alívio do estresse.
<b>Representação feminina</b>	Posição de subalternidade; ambição com carga negativa; utilização da sutileza e da sedução para conseguir as informações
<b>Representação dos elementos do jornalismo</b>	Dilemas éticos; relações conturbadas com as fontes; práticas ilegais na apuração dos fatos; pressões empresariais

Em resumo, observou-se que a existência de um imaginário coletivo sobre a profissão permitiu que a ficção se apropriasse de certas características atribuídas ao jornalista para desenvolver estereótipos na sua representação. Contudo, a caracterização do jornalista-personagem também é influenciada pela função do profissional na narrativa, que pode ser positiva ou negativa. Em seguida, serão abordadas as ambiguidades oscilações nas representações do jornalista na ficção.

### **2.3 As diferentes faces do jornalista-personagem**

Como as formas de praticar o jornalismo são diversas, as de retratar o profissional também são. Na presente seção, trataremos dos padrões na construção das jornalistas-personagens que divergem uns dos outros, resultando numa ambiguidade no modo como o profissional é caracterizado na ficção.

Retomando a influência que as representações do jornalista têm em como se constrói o imaginário coletivo a respeito da instituição do jornalismo, podemos a partir disso refletir sobre o seu próprio posicionamento na sociedade (SANSEVERINO, 2015). Segundo Santos (2009), os mitos e estereótipos criados a partir dessas representações são tidos como a reprodução exata da realidade do jornalista.

A análise das representações auxilia, inclusive, a compreender o contexto em que se insere o jornalismo na época em que a narrativa foi criada (LIMA, 2012), auxiliando na manutenção de uma memória que confere à profissão legitimidade e reconhecimento.

A partir da íntegra e insolúvel relação que possui com a notícia (SANSEVERINO, 2015), a jornalista-personagem se desenvolve nas narrativas, assumindo diferentes faces. Como explica Sanseverino (2015, p. 163), “as funções sociais ocupadas pela profissão variam de acordo com seu contexto na história e o *ethos* que cada jornalista incorpora determina como elas serão cumpridas e se serão cumprida”. Exemplificado: duas jornalistas-personagens podem ter o mesmo interesse numa história, estando dispostas a arriscar a própria vida para conseguir publicá-la, mas uma tem como motivação o dinheiro que vai conseguir vendendo a matéria para uma grande empresa jornalística e outra tem a contribuição que aquela informação vai ter para com a população de uma cidade. Portanto, ambas representam diferentes papéis na narrativa.

Como exemplo de categoria de representação determinada pela posição do jornalista na história, está a figura do editor ou o dono de jornal. Ao analisar de como esses profissionais são retratados, Berger (2002, p. 26) afirma que “estão associadas ao desejo desmedido de lucro, à concorrência desenfreada e ao tratamento sensacionalista”.

Produzido, escrito, dirigido e interpretado por Orson Welles, o filme vencedor de Oscar, *Cidadão Kane* (1941) conta a história de um rapaz pobre do interior que se torna um grande magnata dono de império midiático, mostrado na figura abaixo. A narrativa começa com a morte do milionário Charles Foster Kane (Figura 17), que deixa um mistério no ar com as suas últimas palavras.

Ao mesmo tempo em que um grupo de jornalistas investiga a vida do empresário, o filme demonstra diversas cenas da sua vida, apresentando todas as manobras que ele realizou para levantar seu império. Por se tornar um homem soberbo e pretensioso, Charles Foster Kane morre solitário.

**Figura 17 – Personagem Charles Foster Kane**



Fonte: Fortune<sup>13</sup>

Também identifica-se uma representação diferenciada quando a jornalista-personagem atua na televisão. Mais elegante, sofisticado, bem arrumado e aparentemente mais bem pago, o repórter de televisão da ficção difere-se dos demais que atuam nas redações (BERGER, 2002).

Envolvida em um contexto de maior vaidade e competitividade, a jornalista-personagem da televisão é representada como uma celebridade, que deve alimentar a ânsia dos telespectadores pelo espetáculo (SANTOS, 2002).

Após ser demitida do seu emprego, a jornalista-personagem da comédia romântica ilustrada abaixo (Figura 18) *Uma Manhã Gloriosa* (2010), Becky Fuller, interpretada por Rachel McAdams, é contratada como produtora executiva de um programa de televisão jornalístico que está quase sendo cancelado pela emissora por causa da baixa audiência. O conflito existente no filme gira em volta da ideia de Becky, que consiste em tornar o conteúdo do programa mais inclinado ao entretenimento, como matérias sobre moda ou celebridades. A caracterização de Becky demonstra a personagem como uma mulher moderna, atraente e bem arrumada, que precisa desenvolver sua habilidade de articular com os colegas. Os âncoras do

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://fortune.com/2016/03/26/jeff-bezos-charles-foster-kane-rosebud/>. Acesso em out, 2019.

programa, interpretados pelos atores Harrison Ford e Diane Keaton, representam pessoas orgulhosas e preocupadas com a imagem que passam para o público.

**Figura 18 – Cartaz do filme *Uma Manhã Gloriosa***



Fonte: Café com Filme<sup>14</sup>

Conferem-se aqui exemplos da variedade existente nas representações de jornalistas, que dependem tanto da sua função no jornal, do veículo de comunicação para qual atua, e da sua própria maneira de enxergar a profissão e seus deveres.

Segundo Berger (2002), o imaginário coletivo a respeito do jornalista associa-o à investigação, à aventura, à independência, à falta de escrúpulos e à arrogância. Dependendo da combinação que é realizada dessas características para a construção da personagem, é possível definir seu papel na narrativa.

A imagem de herói funciona tanto para o bem quanto para o mal. Perseguido criminosos ou manipulando fatos, ele está ali, imprimindo sua marca — de investigador, de aventureiro, de destemido e solitário lutador — correndo riscos para realizar sua profissão/missão, como também estão na tela com a mesma inclinação, cowboys e policiais. (BERGER, 2002, p. 17)

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.cafecomfilme.com.br/filmes/uma-manha-gloriosa;>. Acesso em out, 2019.

Segundo Sanseverino (2015), as formas de representar o jornalismo variam de acordo com a concepção do autor da narrativa sobre a própria profissão. Se a jornalista-personagem exercer a profissão com integridade, respeito e em prol da coletividade, pode-se considerá-la uma jornalista-herói. Já o vilão ou anti-herói é aquele que age com trapaça e astúcia em benefício próprio ou da empresa jornalística para a qual trabalha. Nas seções seguintes, serão discutidas as principais características e apresentados exemplos dos respectivos padrões.

### ***2.3.1 O vilão sensacionalista***

O personagem das histórias em quadrinhos do Homem-Aranha, J. Jonah Jameson, é o dono do Clarim Diário, e tem como seu principal objetivo na carreira provar que o super-herói é um criminoso e descobrir e revelar sua identidade secreta. Adverso à maioria dos heróis, o jornalista distorce os fatos para culpar o Homem-Aranha pelos ataques de vilões na cidade.

Empenhar-se ao máximo, passando por cima de todos os códigos de conduta, para descobrir e divulgar alguma notícia estrondosa é apontada por Travancas (2001) como característica significativa na composição do jornalista vilão ou anti-herói. “Sem caráter e trafegando pelos submundos do crime, ele não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos.” (TRAVANCAS, 2001, p. 2). Para a autora, essa representação negativa é a mais comum do profissional na ficção.

Santos (2009) aponta que esse retrato constante da profissão, como uma que se preocupa mais com a venda dos jornais ou visibilidade do noticiário do que com a responsabilidade para com a população, é determinante na disseminação de um imaginário popular negativo, que compromete a credibilidade da instituição. Kovach e Rosenstiel (2004) reafirmam essa percepção ao argumentarem que o sensacionalismo na imprensa gera a desconfiança do público, que entende que o interesse dos jornalistas e dos donos de jornal é lucrar ou prejudicar pessoalmente os indivíduos que são alvos de suas notícias.

Nome dado às aves que se alimentam dos cadáveres de animais anteriormente mortos, “abutre” é uma expressão significativa para referir-se aos jornalistas-personagens

vilões ou anti-heróis, como é o exemplo dos filmes *A Montanha dos Sete Abutres* (1951) e *O Abutre* (2014).

O ator Kirk Douglas interpreta no primeiro filme o jornalista Charles Tatum (Figura 19), um homem desempregado, que após várias tentativas em jornais diferentes, não obteve sucesso na profissão. Chegando a uma pequena cidade no interior do estado de Albuquerque, nos Estados Unidos, o personagem consegue um emprego pacato no jornal local. Em uma de suas coberturas desanimadoras para o jornal, Charles se depara com Leo Minosa, um homem em situação de perigo, soterrado em uma mina de carvão.

Enxergando no caso do acidente um potencial furo de reportagem bom o suficiente para alavancar sua carreira e chamar a atenção de algum grande jornal da cidade grande, Charles Tatum começa a se dedicar exclusivamente à cobertura do fato. Lucrando e recebendo muita visibilidade à custa do homem ainda soterrado, o jornalista começa a sentir a necessidade de prolongar seus minutos de fama. A partir disso, ele passa a agir contra Leo Minosa, evitando que este seja salvo de sua situação, ocasionando, assim, a morte dele.

**Figura 19 – Personagem Charles Tatum, do filme *A Montanha dos Sete Abutres***



Fonte: AdoroCinema<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-87253/fotos/detalhe/?cmediafile=21371099;> Acesso em out, 2019.

No filme *O Abutre* (2014), o personagem desempregado Louis Bloom, interpretado por Jake Gyllenhaal, precisa conseguir dinheiro a qualquer custo. Numa noite, ele se depara com um acidente no meio da estrada e observa que alguns homens filmavam a cena de dois policiais tentando tirar uma mulher de dentro de um carro em chamas. Em uma conversa rápida com um dos homens que filmaram a cena, Louis descobre que eles são cinegrafistas independentes e que lucram bastante com a venda daquelas imagens para veículos de comunicação. Assim, surge a iniciativa de Louis fazer o mesmo.

Autodidata, determinado e detentor de um enorme poder de convencimento, o protagonista rapidamente vai aprendendo os truques para ter sucesso na profissão. Sua falta de escrúpulos o faz ser capaz de fazer qualquer coisa para conseguir as imagens que os editores dos telejornais demandam, inclusive manipular cenas de crimes (Figura 20).

**Figura 20 – Personagem Louis Bloom manipulando a cena de um crime**



Fonte: AdoroCinema<sup>16</sup>

A partir dessas representações, constrói-se o estereótipo do jornalista como um vilão ou anti-herói para a sociedade, que julga que “nada é mais importante que o domínio sobre a exclusividade do fato, nem o companheirismo profissional, nem a vida ou a saúde

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-222858/fotos/detalhe/?cmediafile=21139409;>. Acesso em out, 2019

daqueles que estão envolvidos na história” (SANTOS, 2009, p.169), como é possível comprovar nas atitudes do personagem Charles Tatum.

“Profanador do espaço sagrado da intimidade” (SENRA, 1997, p. 130), o jornalista vilão ou anti-herói muitas vezes age de forma insolente e imoral, distorcendo os fatos para incriminar os indivíduos em nome da divulgação do escândalo (BERGER, 2002). Como é o exemplo da personagem Rita Skeeter, da saga de livros de fantasia *Harry Potter*, que utiliza seus poderes mágicos para divulgar escândalos do mundo dos bruxos.

Além de utilizar suas habilidades ilegais de transformar-se em mosca para descobrir os segredos das pessoas, Rita muitas vezes distorce as informações que coleta através de entrevistas. Como é o caso de uma entrevista (Figura 21) que ela realiza com o protagonista da saga, Harry Potter, em que ela coloca palavras na boca do rapaz e depois divulga informações completamente equivocadas.

**Figura 21 – Rita Skeeter entrevista o personagem Harry Potter**



Fonte: Besourando<sup>17</sup>

Em sua pesquisa sobre as representações do jornalismo no universo de *Harry Potter*, Sanseverino (2015) confirma que a personagem é um modelo ideal de jornalista vilão e sensacionalista, já que a mesma é manipuladora, valoriza somente o *status* adquirido através

---

<sup>17</sup> Disponível em <http://besourando.blogspot.com/2012/05/voce-nao-se-importa-harry-se-eu-usar.html>; Acesso em out, 2019.

do jornalismo e tem como únicos interesses o lucro e a audiência. Atitudes estas que contrariam o que Kovach e Rosenstiel (2004) apontam como princípios do jornalismo, como não enganar o público, ser transparente quanto aos seus métodos e não manipular os fatos para além do que realmente aconteceu.

Caracterizado como forma de crítica a um segmento impopular do jornalismo, o jornalista vilão ou anti-herói é representado em posição de antagonismo para passar a mensagem de que essa categoria de profissional é negativa para a sociedade. Em contraste, quando representado de forma positiva, em posição de protagonismo e heroísmo, o jornalismo simboliza aquilo que deve ser.

### ***2.3.2 O heroico jornalismo investigativo***

A posição privilegiada que o jornalista ocupa como detentor das informações permite que o profissional tenha uma compreensão apurada sobre a comunidade e o ambiente em que se localiza. Segundo o professor e doutor em Comunicação e Semiótica Ronaldo Henn (2002), é essa capacidade, sendo transmitida para o público através da notícia, que garante a posição de herói do profissional no imaginário coletivo.

Abordando as representações mais românticas do profissional, Senra (1997) atribui à jornalista-personagem uma construção mais idealista. O jornalista herói é aquele que tem como missão no trabalho beneficiar a coletividade, e para isso não mede esforços. Segundo a autora, ele não se desmotiva com o excesso de trabalho, a falta de tempo para a família ou para si mesmo e a baixa remuneração.

No posto de paladino e defensor do interesse público (HENN, 2002), o jornalista herói trabalha para proteger os indivíduos que necessitam de apoio, visando denunciar injustiça e garantir-lhes o direito à informação. Assim, ele entra em concordância com o que Kovach e Rosenstiel (2004, p. 9) afirmam com base nos códigos de ética e declarações de princípio: o jornalismo deve ter como finalidade “fornecer às pessoas a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem”.

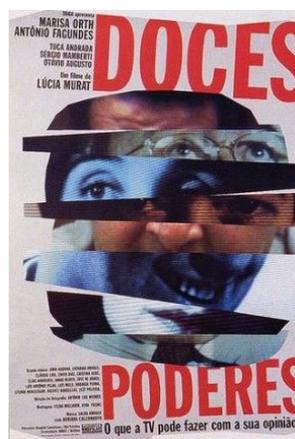
A confiabilidade da instituição é indicada por Kovach e Rosenstiel (2004) como o seu mais importante capital. O público deve aceitar o pacto de que aquilo que os jornais estão publicando tem como finalidade protegê-lo. Dessa forma, o jornalista herói encarrega-se de

defender os valores da democracia (TRAVANCAS, 2001). Associando o jornalista herói da ficção com os profissionais que se posicionaram contra o regime militar brasileiro, arriscando assim sua segurança, Lima (2012) afirma que uma das possíveis características da personagem é o confronto aos abusos e tiranias dos indivíduos poderosos.

Para isso, é necessário que o profissional mantenha um compromisso com a apuração aprofundada dos fatos. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 42) conceituam a verdade jornalística que o profissional deve almejar como “um processo de seleção que se desenvolve entre a história inicial e a interação entre o público e os jornalistas ao longo do tempo”. Mesmo que a veracidade absoluta dos fatos seja um desafio, ela deve representar um empenho diário.

Em sua pesquisa, Nogueira (2003) afirma que a jornalista-personagem Bia Campos Jordão, do filme de comédia brasileiro *Doces Poderes* (1996), ilustrado abaixo, dirigido por Lúcia Murat, pode ser caracterizada como uma heroína pela sua gratificante busca pela verdade acima de tudo. A história se passa durante o período eleitoral e a empresa para a qual Bia trabalha está passando por diversas crises econômicas e políticas. Nogueira (2003, p. 101) analisa que a forma como o filme trabalha a relação entre a mídia e a política “provoca indagações a respeito do papel e autonomia do campo jornalístico na virada do século XX”.

**Figura 22 – Capa do filme *Doces Poderes***



Fonte: TV Brasil<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Disponível em <http://tvbrasil.ebc.com.br/ciclos-de-cinema/episodio/doces-poderes>; Acesso em out, 2019.

No meio desses conflitos, a personagem Bia, interpretada por Marisa Orth, passa por dificuldades frente aos dilemas profissionais e com a formação de um triângulo amoroso com dois homens diferentes e envolvidos na questão. Mas ao longo da representação dos desafios éticos enfrentados na narrativa, Bia prova-se uma profissional muito objetiva e comprometida com a verdade, negando-se a atender os interesses políticos e econômicos que a tentam. Quanto à personagem, Nogueira argumenta (2003, p. 127) que “o espectador identifica-se com sua vontade de superar obstáculos e enfrentar os perversos”, havendo em sua representação algo digno de admiração do público.

As atitudes da personagem combinam com o que Kovach e Rosenstiel (2004) afirmam sobre a separação que o jornalista deve manter do fato que ele apura, devendo haver o máximo de independência possível daqueles que o demandam. O jornalista dependente de empresas privadas torna-se cada vez mais comprometido por estas, tendo que atender às suas demandas e perdendo a autonomia em relação ao que pode ou não relatar.

Travancas (2001) aponta como elemento fundamental para a caracterização da jornalista-personagem como herói é o seu nível de envolvimento com a atividade jornalística. Entendendo herói como a personagem que movimenta a história, resolvendo os problemas do enredo, entende-se que para encaixar-se na categoria, ele deve querer modificar de alguma forma o contexto desfavorável em que vive. Tarapanoff (2014, p. 200) argumenta que as representações positivas das jornalistas-personagens acentuam na atualidade o mito do herói, retratando o indivíduo que “abdica de tudo para poder passar a verdade para a população e ainda salvar o mundo”.

Além do compromisso e dos sacrifícios que deve realizar em prol de cumprir sua função, Kovach e Rosenstiel (2004) enfatizam que o jornalista deve ter um sentido pessoal de ética e de responsabilidade, movido pelo caráter e pela integridade.

Para proteger seus entes queridos dos seus inimigos, o personagem das histórias em quadrinhos Super-Homem utiliza como identidade secreta o jornalista Clark Kent (Figura 23). Quando não está protegendo planeta de desastres naturais e de monstros assustadores, o personagem trabalha no jornal *Planeta Diário* para se manter informado sobre possíveis ameaças.

**Figura 23 – Super-Homem usando sua identidade secreta de Clark Kent**



Fonte: Superinteressante<sup>19</sup>

Como Clark Kent, o super-herói envolve-se bastante com a editoria criminal, aproveitando-se da sua condição de homem quase indestrutível para adentrar lugares perigosos e conseguir expor criminosos sem precisar apelar para sua identidade de Super-Homem. É claro durante toda a sua representação que a sua principal motivação é a segurança da população.

O mito do Super-Homem atualiza uma série de elementos fundamentais da vida e da prática jornalística: solidariedade com a história, forte sentimento de ligação com a comunidade, sua atividade de testemunha dos acontecimentos e seu empenho na defesa do bem e da justiça e busca pela verdade (SENRA, 1997, p. 54).

Par romântico do personagem em diversas histórias, a personagem Lois Lane (Figura 24) é uma jornalista mais ativa do que o companheiro, sendo considerada a estrela do jornal. Reconhecida mundialmente, no contexto ficcional da história, pela sua profissão, Lois é corajosa, determinada e frequentemente assume riscos para investigar os vilões das histórias.

---

<sup>19</sup> Disponível em <https://super.abril.com.br/cultura/os-oculos-de-clark-kent-nao-sao-um-disfarce-tao-ruim-diz-estudo/>; Acesso em out, 2019.

**Figura 24 – Personagem Lois lane das histórias em quadrinhos da *DC Comics***



Fonte: MinasNerd<sup>20</sup>

Atuando como substituto do detetive como protagonista de narrativas de mistério, o jornalista investigativo da ficção é construído como um indivíduo perspicaz, engenhoso e inteligente (TARAPANOFF, 2014). O problema da personagem é a resolução do enigma principal do enredo e publicar a reportagem relatando todos os acontecimentos no final. Segundo Tarapanoff (2014), a personagem envolve o público, que, movido pela curiosidade, torce para a jornalista-personagem apresentar as respostas para todas as incógnitas apresentadas durante a história.

O jornalista, cineasta e crítico de cinema brasileiro Tuio Becker (2002) reforça essa possível atuação da jornalista-personagem ao afirmar que ela nasce da transformação do tradicional detetive particular das histórias de mistério dos anos 30 e 40. Segundo o autor, o jornalista age como um policial despreparado para investigar crimes, sendo assim uma representação mais acessível e identificável, mais vulnerável ao perigo de suas missões.

A professora e autora do livro *Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia* Cleofe Monteiro de Sequeira (2005) diferencia o jornalismo investigativo das demais atividades da imprensa pela diferença no processo de trabalho envolvido. O que a autora qualifica como “forma extremada de reportagem” (2005, p. 24) demanda do jornalista mais dedicação, esforço, sensibilidade, paciência e, em alguns casos, o uso de métodos e estratégias questionáveis para o jornalismo do cotidiano.

---

<sup>20</sup> Disponível em <http://minasnerds.com.br/2016/01/13/a-importancia-de-lois-lane-na-vida-de-superman/>;. Acesso em out, 2019.

O jornalismo investigativo deve ter como objetivo penetrar profundamente nas possíveis fontes de informação, para assim tornar público aquilo que os grupos de poder desejam esconder (SEQUEIRA, 2005). Assim, o profissional manifesta sua face fiscalizadora, estando no que Sequeira (2005, p. 58) descreve como “a contramão do fazer jornalístico processado nas redações de hoje”. Sobre as reportagens investigativas, a autora afirma:

Essas demandam do profissional uma rotina estafante, às vezes perigosa e quase sempre solitária, a que se submete o repórter na sua obsessão por levar ao leitor histórias que podem desvendar os meandros da corrupção no setor público, a violência policial, casos escabrosos como a exploração sexual de crianças e adolescentes, ou o tráfico de órgãos para transplantes (2005, p. 183).

O jogo eletrônico *Outlast* (Figura 25), desenvolvido pela empresa Red Barrels, tem como enredo que sustenta a narrativa do jogo a invasão de mortos-vivos em hospital psiquiátrico. O jogador vive a pele do jornalista Miles Upshur, que recebe a denúncia de uma fonte anônima informando sobre o que está se passando no local e vai investigar. Corajoso e determinado, Miles passa por uma série de obstáculos assustadores para descobrir a verdade sobre o que acontece no local.

**Figura 25 – Capa do jogo eletrônico *Outlast***



Fonte: Gamestop<sup>21</sup>

Sobre a representação do jornalismo investigativo na ficção, Santos (2009) afirma que no imaginário coletivo sobre a profissão consolidou-se que é justificável que o jornalista

---

<sup>21</sup> Disponível em <https://www.gamestop.com/video-games/pc/games/products/outlast/10111927.html>; Acesso em out, 2019.

viole a lei para exercer sua função. As narrativas tornam trivial a imagem da jornalista-personagem como alguém que vive aventuras dignas de um espião ou detetive, e “vestido despojadamente, vivendo uma situação de risco ou a tensão característica de quem busca incessantemente as notícias” (SANTOS, 2009, p. 170).

No filme *Intrigas de Estado* (2008), o ator Russel Crowe interpreta o repórter experiente Cal McAffrey (Figura 26), que investiga o caso da morte da assistente de um famoso político. Representado como um homem inteligente, sagaz e muito comprometido com a sua profissão, Cal descobre um enorme esquema de conspiração por trás da morte da mulher. Por causa disso, ele se envolve em situações perigosas de perseguição e conflitos.

**Figura 26 – Personagem Cal McAffrey do filme *Intrigas de Estado***



Fonte: Música e Cinema<sup>22</sup>

No entanto, essa forma de exercer a profissão normalmente tem consequências dramáticas para o jornalismo. Algumas, como a solidão e os vícios, já foram apontados na seção 2.2 sobre estereótipos. Mas em certas narrativas, o final do jornalista acaba sendo mais trágico. Ao tratar das mortes de jornalistas-personagens, Berger (2002, p. 119) justifica que normalmente são ocasionadas pelos riscos corridos ao longo do trabalho e afirma que “eles morrem perseguindo bandidos, descobrindo corruptos ou acompanhando guerras”.

Após colaborar muito com o político Frank Underwood, a jornalista Zoe Barnes, do seriado *House of Cards* passa a questionar as atitudes de seu cúmplice quando

---

<sup>22</sup> Disponível em <https://musicaecinema.com/intrigas-de-estado-thriller-politico-com-ben-affleck-e-russell-crowe/>. Acesso em out, 2019.

desconfia que ele esteja envolvido na morte de outra figura política. Ela marca um encontro com Frank em uma estação de metrô, e começa a questioná-lo diretamente sobre o caso e esclarece que está investigando seus atos. Percebendo que a moça tem potencial de descobrir o resto da sua trama, o político monta uma armadilha e arremessa Zoe na frente de um trem, matando-a e fazendo parecer um acidente.

A partir das diferentes representações mencionadas no capítulo, é possível perceber que a representação do profissional jornalista não segue um único padrão ou está presa a estereótipos fixos, e sim a um conjunto de padrões que são variantes de acordo com a mensagem sobre a profissão que o autor da narrativa deseja passar. Segundo Senra (1197), é possível que a explicação para essa variação tenha como origem a deficiência em traçar um perfil específico para como é praticada a atividade do jornalismo.

Confiável ou não. Admirável ou repugnante. Protetor da sociedade ou dos próprios interesses e de uma minoria privilegiada. A contradição e a ambiguidade nas representações são importantes para compreender a reputação da instituição da imprensa. Segundo Santos (2009), a jornalista-personagem não deve ser encarada dentro das categorias de herói ou vilão, ela está simplesmente exercendo a profissão dentro das suas particularidades. Para além da crítica ou da romantização da profissão, a análise das suas representações reflete os dilemas éticos, profissionais e pessoais envolvidos no exercício do jornalismo (SANTOS, 2009).

Ao retratar o complexo processo de apuração de uma grande história, a ficção concede representatividade e legitimidade ao jornalista, concedendo a ele o apreço do público pela sua atividade. Berger (2002) descreve a experiência da jornalista-personagem como transformadora na sua visão de mundo, afirmando que, ao retornar, ele pode revelar-se um indivíduo mais sensível, realista e humanitário. Tal definição condiz com as etapas da Jornada do Herói, desenvolvida por Joseph Campbell (1949).

No próximo capítulo, nos aprofundaremos na atuação e caracterização de um jornalista-personagem específico, analisando sua narrativa, sua jornada e a conexão entre a forma como ele exerce a profissão e as definições de herói trabalhadas na revisão bibliográfica do presente trabalho.

### 3 ANÁLISE DO JORNALISTA-PERSONAGEM MIKAEL BLOMKVIST

Após a contextualização sobre narrativa, personagem, arquétipos e a representação do jornalista na ficção, será realizada a seguir a análise da atuação do jornalista-personagem Mikael Blomkvist, da trilogia de livros *Millennium*. Objetiva-se analisar cada um dos estágios da Jornada do Herói aplicados ao personagem e, com isso, refletir sobre a sua caracterização como um jornalista herói.

#### 3.1 Metodologia

A Jornada do Herói, conceituada no primeiro capítulo do presente trabalho, é fruto de uma minuciosa observação de narrativas primordiais de todo o mundo realizada pelo mitólogo Joseph Campbell (2007). Em sua obra *A Jornada do Escritor*, Christopher Vogler (2015) retoma o padrão narrativo, demonstrando sua aplicação em histórias modernas.

O jornalista, professor e mestre em Sociologia Vitor Gomes (2013) afirma que a Jornada é uma possível metodologia de análise de narrativas clássicas. Como explica o autor, através dela é possível desconstruir um romance ou roteiro para encontrar elementos comuns das representações dos heróis.

Em seu artigo “O jornalista enquanto herói: uma proposta para análise das representações do jornalismo no cinema”, Gomes (2013) defende a utilização da Jornada do Herói para compreender o posicionamento do jornalista-personagem como um herói na narrativa. Através da análise, pode-se “obter o máximo possível de explicações sobre o modo como ele se desloca na trama, tomando decisões, fazendo opções, relacionando-se com outros arquétipos” (GOMES, 2013, p. 96).

No presente trabalho, será realizada uma análise a função Mikael Blomkvist como herói na narrativa do primeiro livro da trilogia *Millennium*, *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (2012). Para isso, a metodologia utilizada será a análise da atuação do personagem através de como se expressa cada estágio da sua Jornada do Herói, com base nos conceitos que Vogler (2015) utilizou ao tratar do padrão primeiramente apontado por Campbell (2007), durante a história. Seguindo os conceitos de cada estágio apresentados no primeiro capítulo e

as propostas de Gomes (2013) de como aplicá-los na análise de jornalistas-personagem, objetiva-se responder aos questionamentos que compõem a Tabela 2.

**Tabela 2 – Questionamentos que direcionam a análise da Jornada do Herói de Mikael Blomkvist**

<b>Estágios da Jornada do Herói</b>	<b>Questionamentos – Vogler (2015)</b>	<b>Questionamentos – Gomes (2013)</b>
<b>Mundo Comum</b>	Quais são os meios utilizados para informar o leitor sobre as características do herói? Qual é a história pregressa do herói (classe social, educação, hábitos, experiências, condições sociais e forças opositoras)? Como é feita a primeira aparição do herói? O que isso revela sobre ele? Qual é a questão dramática no Mundo Comum? O que está em jogo para o herói? Quais são os problemas internos e externos do herói? Em que aspectos ele é incompleto? O que ele deseja?	O que a narrativa considera “Mundo Comum” para um jornalista-personagem?
<b>Chamado para a Aventura</b>	Qual é? Algo assume o aspecto de arauto? Quem?	O que seria capaz de tirar um jornalista-personagem da inércia? O que pode ser considerado uma aventura para ele?
<b>Recusa do Chamado</b>	Quais são os medos do herói na aventura? O que ele está arriscando? Como reagiu ao chamado?	O que leva o jornalista-personagem a recusar o chamado?
<b>Encontro com o Mentor</b>	O que representa a figura do mentor? Como ela age? O herói tem algum código interno ou modelo de comportamento? Como se manifesta a consciência dele?	O que o influencia tão fortemente?
<b>Travessia do Primeiro</b>	Como é?	O que costuma ser retratado como Mundo Especial para as narrativas

<b>Limiar</b>		sobre jornalismo?
<b>Provas, Aliados e Inimigos</b>	Quais são as provas? Como elas preparam o herói para o final? Quem são os aliados e inimigos? Qual é o papel deles na construção do personagem?	Na sua travessia pelo Mundo Especial, quem costuma se aliar a ele? Quem o hostiliza? Quais são seus inimigos declarados?
<b>Aproximação da Caverna Secreta</b>	Como é a preparação do herói?	Qual é o lugar mais perigoso para um jornalista-personagem obter o que deseja? O que ele encontra lá?
<b>Provação</b>	Qual é a provação? Como o herói enfrenta a provação?	Quais são as forças mais elevadas contra as quais ele luta? Ele as derrota? Como as derrota?
<b>Recompensa</b>	O que muda no herói após enfrentar a morte? De que ele toma posse após esse momento?	O que normalmente busca o jornalista-personagem? Como ele consegue obtê-lo?
<b>Caminho de volta</b>	Ele aceita o retorno? Precisa fugir? Recebe auxílio externo?	Quais são as forças mais ameaçadoras que precisa enfrentar o jornalista-personagem para conseguir voltar para o Mundo Comum com seu “tesouro”?
<b>Ressurreição</b>	Qual é? Como é o aspecto do herói ressuscitado? O herói apresenta um crescimento realista? A mudança final é visível na aparência ou nas suas ações?	Quais os demônios internos que ele venceu? Quais são os resultados pessoais ou comunitários da sua jornada?
<b>Retorno com o Elixir</b>	Qual é a benção que o herói trás de volta para seu Mundo Comum? Como ele trata essa benção?	Uma vez de volta, o que apresenta como prova da sua jornada? O que consagra ou cura as suas feridas?

Após este primeiro momento, será realizada uma análise da caracterização de Mikael Blomkvist como um jornalista-herói. Para isso, serão articulados elementos apontados

na revisão bibliográfica do primeiro capítulo como características comuns aos heróis e do segundo capítulo que são comuns aos jornalistas-personagens.

Para analisar o personagem Mikael Blomkvist como herói, serão analisadas as seguintes características do arquétipo:

- a) ser o principal condutor da ação na história;
- b) vence suas limitações;
- c) faz sacrifícios;
- d) age corajosamente;
- e) protege os mais vulneráveis;
- f) possui senso de dignidade e justiça;
- g) combate uma realidade desfavorável;
- h) transformar a vida através da superação de desafios.

Quanto à caracterização de Mikael como jornalista, serão analisados os estereótipos mencionados no segundo capítulo (vida pessoa prejudicada, vocação para a profissão, habitante da cidade, vícios e a representação dos elementos do jornalismo), e a sua representação como jornalista investigativo, que foi apontado como heroico no segundo capítulo.

Para contextualizar a análise, será realizada a seguir uma breve introdução sobre o livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* e sobre o personagem Mikael Blomkvist.

### **3.2 Os Homens que Não Amavam as Mulheres**

O livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* é o primeiro de um conjunto de três volumes escritos pelo jornalista sueco Stieg Larsson. Somado a outros três livros escritos pelo sueco David Lagercrantz, compõem a série *Millennium*. Na Suécia, primeiro livro foi lançado em 2005 pela editora Norstedst, e no Brasil, o lançamento foi em 2008 pela editora Companhia das Letras.

Jornalista, escritor e ativista, Stieg Larsson (Figura 27) nasceu na Suécia e sempre agiu em prol de denunciar atividades preconceituosas e que ferissem os Direitos Humanos em

seu país. Morreu pouco após entregar o último livro de sua trilogia para sua editora, em 2004, antes da publicação dos livros.

**Figura 27 – Escritor sueco Stieg Larsson**



Fonte: The Telegraph<sup>23</sup>

Além de *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, Stieg Larsson também escreveu os livros *A Menina que Brincava com Fogo* (2006) e *A Rainha do Castelo de Ar* (2007) para a série *Millennium* (Figura 28). Em complemento à história iniciada por Larsson, o autor David Lagercrantz escreveu *A Garota na Teia de Aranha* (2015), *O Homem que Buscava sua Sombra* (2017) e *A Garota Marcada para Morrer* (2019). A série de livros vendeu mais de 100 milhões de exemplares.<sup>24</sup>

**Figura 28 – Trilogia Millennium, escrita por Stieg Larsson**



Fonte: Vai lendo<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Disponível em

<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/sweden/10662007/Dragon-Tattoo-author-solved-Sweden-P-M-murder.html>; Acesso em out, 2019.

<sup>24</sup> Todos os títulos foram traduzidos para o português.

<sup>25</sup> Disponível em <https://www.vailendo.com.br/2015/06/09/serie-millennium-ganha-novo-volume/>; Acesso em out, 2019.

Por causa do seu sucesso de vendas, a série também conta com adaptações cinematográficas. A companhia sueca Yellow Bird adaptou toda a trilogia inicial para o cinema. Em 2011, a distribuidora estadunidense Columbia Pictures lançou o filme *Millennium: Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (Figura 29), dirigido por David Fincher, adaptando somente a história do primeiro livro. Depois, foi lançado pela mesma distribuidora o filme *A Garota na Teia de Aranha* (2018), já do conjunto de livros escritos por David Lagercrantz.

**Figura 29 – Cartaz do filme *Millennium: Os Homens que Não Amavam as Mulheres***



Fonte: Dois terços<sup>26</sup>

A adaptação dirigida por David Fincher teve avaliações majoritariamente positivas da crítica e arrecadou mais de 200 milhões de dólares com bilheteria<sup>27</sup>. O filme também foi destaque nas premiações, sendo indicado em três categorias do Globo de Ouro e cinco do Oscar, ganhando o prêmio de Melhor Edição.

<sup>26</sup> Disponível em

<http://www.doistercos.com.br/concorra-a-convites-do-filme-millennium-%E2%80%93-os-homens-que-nao-amavam-as-mulheres/>; Acesso em out, 2019.

<sup>27</sup> Informação disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-178974/bilheterias/>; Acesso em nov, 2019.

O primeiro livro da série, que comporta o objeto de análise da presente pesquisa, é um romance criminal que em sua versão brasileira possui 528 páginas. A história é contada por um narrador-onisciente, que conhece tudo que se passa no enredo, na terceira pessoa e dividida em quatro partes: “A incitação”, “Análise das consequências”, “Fusões” e “Takeover hostil”. Além disso, o romance também conta com um epílogo.

Tendo como principal temática a violência sexual contra mulheres, o livro narra uma investigação sobre o desaparecimento de uma jovem, que revela um esquema longo de tortura e assassinato de mulheres. A história divide-se entre os contextos vividos pelos protagonistas Mikael Blomkvist e Lisbeth Salander.

Recém-afastado voluntariamente da sua função de editor da revista *Millennium* após ser condenado por difamação, Mikael é contratado pelo idoso bilionário Henrik Vanger para investigar o desaparecimento de sua sobrinha Harriet, que permaneceu um mistério que permaneceu irresolúvel por mais de quarenta anos. Mikael sai de Estocolmo, capital da Suécia e cidade onde mora, para a pequena ilha de Hedestad, onde revira toda a investigação policial sobre o caso, revelando uma direta conexão com a história da família Vanger, repleta de corrupção e perversão.

Simultaneamente aos acontecimentos vividos por Mikael, é narrada a história de Lisbeth, uma jovem hacker e investigadora. Ao longo das cenas com a personagem, percebe-se que ela tem uma vida social complicada. Após ter sido internada em uma clínica psiquiátrica por episódios violentos em sua adolescência, Lisbeth é uma adulta considerada incapaz pela justiça, que determina que ela deve ter um tutor para administrar seus bens e representá-la na sua vida civil.

Quando seu atual tutor sofre um acidente vascular cerebral, Lisbeth é designada para a tutela de um homem sádico e chantagista. Em dois episódios, o tutor abusa sexualmente de Lisbeth, ameaçando mandá-la de volta para a clínica psiquiátrica caso o denuncie. Como forma de se vingar e recuperar sua liberdade, Lisbeth filma um dos estupros e ameaça arruinar seu tutor caso ele volte a abusá-la.

Em determinado momento da narrativa, Mikael contrata Lisbeth para ajudá-lo a investigar o mistério envolvendo o desaparecimento de Harriet e a existência de um possível

assassino em série. Unindo as habilidades de ambos, eles desvendam a verdade, revelando o assassino e encontrando Harriet.

Durante a leitura do livro, é possível acompanhar cada passo da investigação e compreender todos os raciocínios e ações dos personagens que os levam ao desfecho. Como o tema da presente pesquisa é o jornalista como personagem na ficção, será analisada com mais ênfase a participação do personagem Mikael Blomkvist no enredo da história e sua atuação como herói e jornalista.

### **3.2.1 Mikael Blomkvist**

No decorrer da narrativa do livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, acompanhamos um recorte importante na vida do personagem fictício Mikael Blomkvist, um jornalista econômico investigativo de 43 anos que se envolve com a investigação de um crime sórdido. Editor e coproprietário da revista fictícia *Millennium*, o personagem é um indivíduo íntegro, com um código de ética muito bem estabelecido e crítico à sociedade e ao jornalismo sensacionalista.

Em suas representações cinematográficas, Mikael foi interpretado pelos atores Michael Nyqvist (Figura 30), na versão sueca, e por Daniel Craig (Figura 31), na versão estadunidense.

**Figura 30 – Michael Nyqvist interpretando Mikael Blomkvist**



Fonte: The Globe and Mail<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Disponível em <https://www.theglobeandmail.com/arts/film/the-end-of-the-millennium-for-michael-nyqvist/article4330434/>; Acesso em out, 2019.

**Figura 31 – Daniel Craig interpretando Mikael Blomkvist**



Fonte: Rolling Stones<sup>29</sup>

A história do livro começa logo após Mikael ser condenado por difamação após publicar uma reportagem denunciando atitudes ilegais do empresário bilionário Hans-Erik Wennerström em sua revista *Millennium*. Desolado ao ver sua carreira e sua credibilidade desabarem, Mikael é inicialmente apresentado no livro como um indivíduo com pouco a perder.

Afastado da revista, recebe a proposta inusitada de trabalhar por um ano para o ex-industrial idoso Henrik Vanger na ilha de Hedestad, conforme dito antes, com o objetivo de desvendar um mistério que perturba o homem há mais de quarenta anos: o desaparecimento súbito e nunca elucidado de sua sobrinha Harriet. Mikael hesita em aceitar a proposta, mas aceita após Henrik prometer a ele informações valiosas sobre seu rival Hans-Erik Wennerstöm.

A maior parte do período que Mikael passa em Hedestad é marcada pela falta de respostas para o caso nebuloso. Distante de seu emprego anterior e das pessoas importantes de sua vida, o personagem sente-se negativo em relação à possibilidade de desvendar o mistério do sumiço da mulher.

---

<sup>29</sup> Disponível em <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/daniel-craig-pode-ficar-fora-de-sequencia-de-imillennium-os-homens-que-nao-amavam-mulheres-i/>. Acesso em out, 2019.

Mikael segue assim até descobrir, após seis meses de investigação, novas pistas nunca antes apontadas pela polícia através de uma observação minuciosa e perspicaz. Guiado pela sua intuição jornalística, ele avança no trabalho e começa a acreditar na possibilidade de cumprir sua missão. Nesse momento, ele faz uma aliança com a personagem Lisbeth Salander, que tem as habilidades necessárias para dar a ele as informações necessárias para ele descobrir a verdade. Juntos, os dois percebem um padrão em assassinatos macabros de mulheres.

Quanto mais próximo Mikael fica de descobrir a identidade do assassino, mais perigosa se revela a missão. O jornalista começa a receber ameaças, seguidas de atentados contra a sua vida. Utilizando as ações do criminoso como pistas, Mikael descobre finalmente a sua identidade e vai confrontá-lo. Durante o conflito, momento mais tenso da narrativa, Mikael fica em desvantagem e quase é assassinado, sendo salvo no último minuto pela aliada Lisbeth.

Após escapar com vida do confronto com o assassino, Mikael chega à conclusão de que Harriet não foi assassinada e descobre seu paradeiro.

Na conclusão do livro, a família Vanger pede para Mikael abafar toda a história, visando não comprometer os inocentes envolvidos, e ele aceita mesmo insatisfeito por estar agindo contra seus princípios de jornalista. Para ajudá-lo a se recuperar, Lisbeth oferece a ele suas habilidades de hacker para investigar os crimes cometidos pelo empresário Hans-Erik Wennerström, que foi a causa da sua condenação e da perda de sua credibilidade. Mikael aceita a ajuda de Lisbeth e juntos descobrem várias atividades ilegais do empresário, que rendem a Mikael uma grande reportagem e um livro sobre o caso. A narrativa é encerrada com Mikael recuperando seu prestígio de jornalista.

Ao longo da análise realizada em seguida, serão aplicados os estágios da Jornada do Herói, mencionados anteriormente na Tabela 2, na trajetória de Mikael durante o livro. Através disso, procura-se compreender a caracterização do personagem e sua possível classificação como jornalista herói.

### 3.3 A Separação

Vogler (2015) define a primeira fase de estágios da Jornada do Herói como a Separação. Nesse momento, são apresentadas as etapas que antecedem a aventura do protagonista e apresentam a vida do herói anterior à sua transformação ao longo da Jornada. Compõem essa fase da narrativa os estágios: Mundo Comum, Chamado à Aventura, Recusa ao Chamado e Encontro com o Mentor.

#### 3.3.1 Mundo Comum

Antes de receber o convite para iniciar sua aventura em uma investigação perigosa, o jornalista-personagem Mikael Blomkvist estava inserido em um contexto que sustenta a caracterização inicial do personagem. Como tratado anteriormente na seção 1.5, o Mundo Comum apresenta o herói e o contexto em que ele se encontra antes do Chamado à Aventura.

Em *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, o leitor conhece o personagem Mikael Blomkvist através de diversos emissores. Dentre eles, está o narrador onisciente da história, que comunica para o leitor as informações selecionadas pelo autor. Além dele, participam como enunciadores da construção do personagem o próprio Mikael, as pessoas com quem ele interage, e de uma forma mais peculiar a personagem Lisbeth Salander, uma investigadora privada contratada para fazer um relatório detalhado sobre a carreira e a vida pessoal de Mikael.

Nesse primeiro momento, o leitor tem acesso aos acontecimentos da vida do personagem que antecederam a narrativa, informações nomeadas por Vogler (2015) de “história progressa”. Essas informações têm a função de justificar certas características de Mikael, como: condição social, educação, hábitos, experiências, forças opositoras e relacionamentos anteriores ao início da história.

Filho de um operário e uma dona de casa, Carl Mikael Blomkvist nasceu no dia 18 de janeiro de 1960 em Borlänge, na Suécia. Durante seu período escolar, o personagem obteve destaque, sendo um bom aluno com notas excelentes. Graduou-se em jornalismo em Estocolmo, capital da Suécia, interrompendo o curso somente para prestar serviço militar e depois voltando. Iniciou sua carreira como jornalista e mostrou-se talentoso, conquistando

reconhecimento da sociedade pela sua atuação como investigador político e econômico. Após sua pesquisa sobre a vida de Mikael, Lisbeth descreve-o como “o tipo primeiro da classe” (LARSSON, 2015, p. 53).

Aos 23 anos, Mikael descobriu o furo que procede a criação do seu apelido “Super-Blomkvist”, detestado por ele. Quando estava iniciando sua carreira como jornalista, descobriu, por acaso, o paradeiro de uma gangue de assaltantes de bancos, apelidada pela mídia de “Irmãos Metralha”. O personagem estava hospedado na casa de uma amiga próxima à cidade onde a gangue acabara de efetuar um assalto quando escuta uma transmissão de rádio ao vivo de um repórter que presenciou o crime. Logo, ele lembra de haver avistado um grupo suspeito de homens ocupando uma casa próxima. Por ser um indivíduo observador, Mikael suspeita que poderia ser a gangue procurada pela polícia.

O personagem investigou o caso e denunciou o grupo para a polícia, realizando toda a cobertura jornalística do caso. No dia seguinte, a manchete do jornal era “Super-Blomkvist resolve o mistério dos Metralha”, e ele conquistou a visibilidade e o prestígio necessário para construir sua carreira de sucesso.

Após esse episódio, Mikael se especializou em jornalismo econômico, com o objetivo de denunciar negócios duvidosos do mundo financeiro. O personagem demonstra-se motivado pela sua revolta com as corrupções existentes no meio, em que alguns ficam extremamente ricos e outros são prejudicados. As denúncias do jornalista são apontadas como a origem de um bom número de demissões e processos jurídicos. Seu trabalho mais famoso resultou na demissão forçada de um político e a prisão de um ex-tesoureiro municipal.

Sem envolvimento com partidos políticos, Mikael acredita, após anos de investigação e observação, que os grandes empresários são todos vigaristas e criminosos. Por conta disso, defende o papel do jornalismo na vigilância do cenário empresarial. Sobre isso, o narrador do livro afirma:

Mikael Blomkvist acreditava que a missão de um jornalista econômico era investigar e desmascarar os tubarões financeiros capazes de provocar crises de juros e de especular com o dinheiro do pequeno poupador. Acreditava que sua verdadeira missão jornalística era investigar os donos de empresas com o mesmo zelo implacável que os jornalistas políticos vigiam o menor passo em falso de ministros e parlamentares. (LARSSON, 2015, p. 66)

Para garantir a independência no seu trabalho, Mikael, em conjunto com sua amiga e colega Erika Berger, fundou a revista mensal *Millennium*, da qual é editor e co-proprietário. O veículo independente tem uma tiragem de 21 mil exemplares e é conhecido pela sua linha editorial crítica à sociedade.

Por não ter grandes investimentos envolvidos e ser um negócio pequeno, a *Millennium* não é protagonista no cenário midiático e tem uma margem de lucro muito pequena, estando sempre no vermelho. Contudo, é considerada por todos os seus funcionários um veículo de comunicação agradável de trabalhar, conservando uma imagem confiável. Com seus moderados rendimentos na revista e trabalhos independentes, Mikael consegue manter uma vida financeira confortável.

Quanto à vida pessoal, Mikael foi casado com uma mulher chamada Monica Abrahamsson, com quem tem uma filha de 16 anos. No início da história, os dois já estão divorciados há alguns anos e ele não vê a filha com frequência, mas mantém um bom relacionamento com ambas.

Segundo o relatório de Lisbeth sobre ele, Mikael tem uma vida sexual e amorosa intensa e movimentada. Seu relacionamento amoroso mais relevante é o que mantém com sua colega e coproprietária da *Millennium*, Erika Berger, uma mulher casada. Sendo essa relação a causa do seu divórcio com Monica. O marido de Erika sabe da relação entre os dois e aceita a situação. A relação dos dois é baseada em sexo e amizade, nunca tendo evoluído para algo mais sério.

O acontecimento mais recente e importante para compreender o contexto em que Mikael se encontra no início da história é o Caso Wennerström. Após receber informações de um antigo amigo sobre o grande empresário Hans-Erik Wennerström, dono de um grupo que detém um capital de duzentos bilhões de coroas suecas<sup>30</sup>, Mikael investiga a história. Ele checa cada documento, confere todas as informações, realiza entrevistas e constrói uma história coerente e verdadeira.

Contudo, ao longo de sua investigação, Mikael é alvo de uma trapaça do empresário e seus colaboradores. Um dos funcionários da *Millennium* informa Wennerström

---

<sup>30</sup> Moeda oficial da Suécia

sobre a investigação de Mikael e o mesmo induz o jornalista a publicar informações falsas sobre o envolvimento do empresário com desvio de dinheiro para financiar o mercado de armas para uma guerra. Wennerström processa Mikael pela reportagem e o jornalista é declarado culpado pelo crime.

Aos 43 anos, Mikael Blomkvist faz sua primeira aparição na narrativa de *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* minutos depois de ser condenado por difamação contra o empresário. Já havendo previsto o resultado negativo, ele aparenta apatia à derrota sofrida. A narração indica que Mikael havia feito o possível, mas o resultado era inevitável. A pena atribuída a ele consistia em três meses de prisão e o pagamento de cento e cinquenta mil coroas por perdas e danos, o que reduziria sua poupança a nada.

Aquela é apontada como a primeira condenação de toda a sua carreira. Assim, sendo um momento marcante e uma mancha na sua trajetória que havia sido impecável até então.

Conformado com a revolta, Mikael sai do tribunal e é abordado por repórteres de diversos veículos interessados no seu caso. Demonstra muita habilidade e respeito ao lidar com a imprensa, conseguindo colocar-se no lugar das pessoas que estão ali. A forma como o narrador constrói a cena comunica que os colegas jornalistas de Mikael estão surpresos e confusos em vê-lo naquela posição, posto que normalmente ele é um profissional muito prudente. Após responder todas as perguntas, Mikael sai da cena e vai andando até um restaurante, onde faz uma refeição, toma um café e depois fuma um cigarro.

Esse primeiro contato entre o leitor e o personagem apresenta-o como um indivíduo em um momento negativo de sua vida. A questão dramática de Mikael é apresentada nos primeiros momentos da narrativa, demonstrando o quão público é o problema pelo qual o personagem está passando.

Além disso, a primeira representação enfatiza a profissão de Mikael como a sua principal característica. O narrador e os demais personagens destacam que o fracasso e a difamação são incomuns na forma como o jornalista exerce a profissão. Dessa forma, o leitor compreende que Mikael é um profissional experiente e competente vivendo um episódio incomum em sua vida.

Pode-se apontar que a credibilidade de Mikael como jornalista está em jogo para ele. Quando perguntado sobre o impacto de perder o seu patrimônio financeiro e ser preso, Mikael afirma simplesmente “Sobreviverei”. O sentimento de humilhação é o mais arrasador para ele. Para proteger a revista *Millennium* de ser afetada pela sua derrota, Mikael resolve se afastar de seu emprego.

Os problemas externos observados no Mundo Comum de Mikael são a sua condenação, a perda de sua credibilidade e o seu desligamento da *Millennium*. Como problema interno, ele demonstra estar com a confiança abalada.

Frequentemente, no Mundo Comum são apresentados um ou mais aspectos em que o herói é incompleto. No caso de Mikael, existe a necessidade de reverter os acontecimentos e recuperar a sua credibilidade.

Em *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, o Mundo Comum da jornalista-personagem não é um contexto pacato e sem conflitos. Mesmo antes de receber seu Chamado para a Aventura, Mikael já está vivendo momentos de tensão como consequência do dia a dia de sua profissão. Assumindo riscos ao investigar um poderoso empresário, o jornalista-personagem já vive uma aventura no seu próprio Mundo Comum.

### **3.3.2 Chamado à Aventura**

Dois dias antes do Natal, depois de comunicar à imprensa seu desligamento da atividade de editor da revista *Millennium*, Mikael recebe o telefonema que consiste na primeira parte do seu Chamado à Aventura. Em um diálogo vago e sem muitas explicações, o advogado Dirch Frode, que até então Mikael não conhecia, o convida para um encontro com um cliente importante.

Inicialmente, Mikael demonstra desinteresse na proposta. Contudo, ao ser informado pelo advogado que o cliente é o ex-diretor administrativo de um grande grupo industrial, Henrik Vanger, um homem de muito prestígio, Mikael é vencido pela sua curiosidade e aceita encontrá-lo.

Em sua reunião com o jornalista, Henrik Vanger, um senhor idoso, é direto ao afirmar que deseja contratar Mikael para um trabalho. Em seu discurso, o idoso explica que o motivo de escolhê-lo é o seu espírito crítico e sua habilidade investigativa.

Henrik propõe a Mikael que ele resolva o mistério do desaparecimento de Harriet Vanger, sobrinha-neta de Henrik. O idoso relata que a polícia investigou profundamente o caso por muitos anos, mas nunca chegaram a uma conclusão sobre como a moça sumiu ou o motivo. Para isso, Mikael deve morar em Hedestad por um ano e percorrer toda a documentação da investigação anterior sobre o caso.

O Chamado à Aventura de Mikael é uma proposta de trabalho. A sua missão é desvendar um mistério iniciado há muito tempo e nunca foi solucionado pela polícia. Nesse caso, Henrik Vanger e seu advogado Dirch Frode, ao retirarem Mikael de seu Mundo Comum para inseri-lo na aventura, assumem o arquétipo de arauto.

Demonstra-se que os impulsos capazes de tirar um jornalista-personagem da inércia são aqueles relacionados com a investigação de acontecimentos interessantes e anormais. A aventura de Mikael assume a forma de um trabalho para o qual é contratado para realizar. Na seção seguinte, abordaremos a sua reação ao convite e como isso contribui na sua caracterização como herói da narrativa.

### ***3.3.3 A Recusa do Chamado***

Inicialmente, a reação de Mikael ao chamado é semelhante à de muitos heróis: ele fica surpreso, mas nega. A Recusa do Chamado é uma estratégia para informar ao leitor que a aventura não é confortável para o herói e representa desafios. Ao escutar a proposta de Henrik Vanger, a primeira resposta de Mikael Blomkvist é:

— Ouvi com atenção, Henrik, entendo seu pesar, mas vou ser franco. O que você me pede é uma perda de tempo e de dinheiro. Pede que eu solucione, como por magia, um mistério que a polícia e investigadores experientes, dispondo de recursos bem mais completos, não encontraram em todos esses anos. Pede que eu solucione um crime quase quarenta anos depois de ele ter sido cometido. Como eu conseguiria? (LARSSON, 2015, p. 113)

Afirmando que não pode abandonar sua vida pessoal e sua carreira para dedicar-se a uma causa perdida durante um ano, Mikael resiste veementemente. Henrik começa a apresentar quais serão seus ganhos caso aceite o trabalho. O primeiro é um pagamento de 200

mil coroas por mês e será inteiramente dobrado se Mikael resolver o mistério. Mikael considera incorreto aceitar e mantém a negação. Para convencer o jornalista, Henrik faz a proposta final:

— Posso entregar Hans-Erik Wennerström. Posso provar que ele é um vigarista. Começou sua carreira na minha empresa há trinta e cinco anos e posso lhe oferecer a cabeça dele numa bandeja. Resolva esse mistério e poderá transformar a sua derrota no tribunal na reportagem do ano” (LARSSON, 2015, p. 115)

Confrontado com a possibilidade de receber informações preciosas para se vingar do homem que causou sua condenação e recuperar sua credibilidade, Mikael aceita a proposta de Henrik Vanger. Contudo, ele não é esperançoso quanto à conclusão da tarefa. Pensando dessa forma, ele é direto e sincero com Henrik, não escondendo sua opinião do contratante, como pode ser observado no trecho a seguir da fala de Mikael:

— Henrik, só posso voltar a dizer que nós lançamos numa aventura que não dará resultado, mas farei aquilo para o qual fui contratado. Escreverei sua biografia e, conforme me pediu, lerei o material sobre Harriet Vanger com o máximo de atenção e cuidado. Quero simplesmente que entenda que não sou detetive particular, portanto não deposite em mim esperanças sem fundamento (LARSSON, 2015, p. 132).

A recusa de Mikael ao Chamado à Aventura não aparenta comunicar logo ao público os perigos envolvidos na tarefa incumbida a ele, que serão demonstrados somente mais tarde na narrativa. Mikael não teme que a Jornada seja perigosa, mas demonstra desânimo e descrença quanto às probabilidades de conseguir desvendar o mistério.

Dessa forma, a reação de Mikael comunica ao leitor o quanto a sua missão é difícil. Nesse momento, o risco apontado pela narrativa e pelo próprio Mikael é o de desperdiçar seu tempo em uma investigação sem sentido.

Como jornalista-personagem, o que leva Mikael a recusar um Chamado envolvendo uma grande história é o seu ceticismo quanto à possibilidade de descobrir algo interessante naquela investigação. Em paralelo, ele é motivado pela remota possibilidade de que, após sua conclusão, Henrik lhe apresente as provas necessárias para derrotar seu atual rival e recuperar a credibilidade.

### **3.3.4 Encontro com o Mentor**

Na narrativa de *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, o arquétipo do mentor não se encontra representado em um personagem bem definido para cumprir essa função. As

atribuições de oferecer ao jornalista Mikael Blomkvist os atributos, conhecimentos e habilidades necessárias para que esteja preparado para a aventura são cumpridas de maneira alternativa.

Pode-se mencionar que o personagem Henrik Vanger responsabiliza-se por auxiliar Mikael na tarefa que ele próprio o contratou para realizar. Anteriormente ao cruzamento do primeiro limiar da aventura, Henrik providencia o acesso do jornalista ao seu enorme arquivo de informações sobre o caso do desaparecimento de Harriet. Além disso, o idoso também tem um forte contato com Mikael no início de sua investigação, passando horas e mais horas conversando com ele sobre o caso.

Apesar dessa participação de Henrik ao cumprir esse papel, a função de conceder a Mikael as ferramentas necessárias para completar sua missão é realizada pela própria experiência e vocação do personagem para a sua profissão. O instinto de jornalista de Mikael é seu principal guia nesse primeiro momento em que ele está se esforçando para cruzar o primeiro limiar, que consiste descobrir algum fato novo sobre o caso.

Antes de conseguir qualquer avanço na investigação, Mikael utiliza seus métodos de apuração para fazer uma longa e minuciosa observação dos arquivos sobre o caso. Ele faz reconhecimento das possíveis fontes de novas pistas, entrevista as pessoas envolvidas com o acontecimento e questiona todo o trabalho de investigação anterior.

Esse estágio é o vagaroso em tempo de narrativa, visto que Mikael passa um semestre inteiro analisando todas as informações incompletas e passíveis de uma segunda observação até conseguir avançar para o próximo estágio. Tendo como seu principal foco a própria moça desaparecida e seu comportamento incomum nos meses que sucederam seu desaparecimento, o jornalista utiliza muitos conhecimentos adquiridos ao longo de sua carreira para adquirir novas informações sobre o mistério.

Ao longo da narrativa, a consciência do personagem se manifesta através do seu próprio código de ética, que consiste em ser um jornalista íntegro e responsável em todos os processos do seu trabalho.

Como motivação para persistir na missão mesmo após seis meses de investigação inconclusiva, Mikael tem o interesse pela solução do mistério. Envolvido pela curiosidade,

Mikael encontra inspiração para dedicar-se completamente ao trabalho, como é possível observar no trecho:

Mikael tentava manter distanciamento da missão, mas em alguns momentos se sentia terrivelmente fascinado pelo mistério do desaparecimento de Harriet. (LARSSON, 2015, p. 185)

Tudo isso é acentuado quando o personagem começa a descobrir os segredos sórdidos da família Vanger, que está completamente envolvida em uma longa história de ódio e corrupção. Instigado pela adrenalina da investigação, o jornalista faz, pela primeira vez em décadas, novas descobertas sobre o caso, passando para a segunda fase da sua Jornada do Herói.

### **3.4 A Iniciação**

Após a contextualização realizada na fase da Separação, inicia-se a fase da Iniciação. O desenvolvimento da aventura principal do herói e os principais pontos de tensão da história estão presentes nessa fase. Nesse recorte, o herói passa pelos seguintes estágios: Travessia do Limiar; Provas, Aliados e Inimigos; Aproximação da Caverna Secreta, A Provação e a Recompensa. Normalmente, essa é a fase mais longa da narrativa.

#### **3.4.1 Travessia do Limiar**

Após o período de preparação para a Aventura, o personagem Mikael Blomkvist atravessa o primeiro limiar. Esta segunda fase representa o momento em que o herói deve passar por uma série de desafios até provar-se digno da sua recompensa final.

Na Jornada do Herói do jornalista-personagem em questão, o estágio é definido pela descoberta de novas pistas que movimentam a investigação. Dessa forma, Mikael sai do seu estado de desinformação para um contexto diferente em que há esperança de conseguir desvendar o desaparecimento de Harriet Vanger. O seguinte trecho narra como o personagem sentiu-se após os avanços:

Estava ao mesmo tempo desanimado e excitado. Contra todas as expectativas, ele havia descoberto novos indícios. O problema era que, se eles jogavam uma nova luz sobre os acontecimentos, não o faziam avançar um milímetro na solução do enigma (LARSSON, 2015, p.281).

Uma de suas descobertas é a associação de algumas anotações no diário da garota desaparecida com nomes de mulheres assassinadas brutalmente anos antes (Figura 32). A

partir desse momento, Mikael passa a desconfiar que Harriet estava envolvida com um assassino em série.

**Figura 32 – Escrituras no diário de Harriet Vanger**

Magda - 32016  
 Sara - 32109  
 RJ - 30112  
 RL - 32027  
 Mari - 32018

Nesse estágio, observa-se que o Mundo Especial do jornalista-personagem é o universo dos novos fatos, dos furos e das informações inéditas. Mikael Blomkvist começa a avançar na sua investigação e a seguir para outros desafios.

### **3.4.2 Provas, Aliados, Inimigos**

Até alcançar seu objetivo final, Mikael passa por uma sucessão de obstáculos intelectuais e perigos de morte que aproximam o personagem da conclusão da história. O estágio do Caminho de Provas tem a função de enfatizar que a tarefa do jornalista não é fácil e exige esforço, sacrifícios, inteligência e coragem. Procura-se nesse momento testar se o personagem é verdadeiramente um herói e está apto a grandes realizações.

Logo após descobrir as primeiras pistas na sua Passagem pelo Primeiro Limiar, Mikael percebe a insegurança na sua aventuras. Atento aos detalhes mais sutis, o jornalista desconfia que alguém esteja rondando sua investigação. Mikael começa a desconfiar de todos os envolvidos, como demonstra o seguinte trecho:

À meia-noite, Mikael já estava na cama, porém não conseguia dormir. Até então, sua temporada na ilha de Hedeby limitara-se a desencavar extravagâncias históricas. Mas quem sabe o passado não estivesse mais próximo do presente do que ele imaginava, se alguém suficientemente interessado no que ele fazia foi capaz de se introduzir na sua saleta de trabalho? (LARSSON, 2015, p. 313)

Intrigado pelo desenrolar dos acontecimentos, Mikael fica ainda mais determinado a desvendar o mistério do desaparecimento de Harriet. Nesse momento, as suas habilidades

como investigador também passam por provações. Convicto de está perseguindo um assassino em série, Mikael descobre oito assassinatos brutais de mulheres com ligação com os versículos da Bíblia e conclui que o sumiço de Harriet está diretamente associado ao envolvimento da jovem com essas histórias.

Quanto mais Mikael ultrapassa os obstáculos investigativos de sua missão, mais risco ele corre. Após demonstrar avanço no seu trabalho, Mikael começa a receber advertências para abandonar a investigação. Nesse momento, sua provação é não se intimidar e continuar trabalhando no caso.

Contudo, ignorar as advertências tem efeitos negativos para Mikael e aumenta o perigo envolvido nas suas provações. Saindo para correr na ilha, o personagem acaba sendo alvo de um tiroteio, e algumas balas passam de raspão por ele, machucando-o. Essa prova tem a função de alerta sobre perigos que envolvem descobrir a verdade.

Esse também é o estágio em que Mikael fortalece e cria alianças, rivalidades e inimizades, definitivas para o resultado final de sua Jornada do Herói. A interação do jornalista com os demais personagens da história também demonstra ao leitor diferentes pontos de vista sobre Mikael, abordando não só sua face jornalista, mas suas faces de amigo, amante ou rival.

A primeira aliada de Mikael apresentada na narrativa é sua colega de trabalho e amante Erika Berger. Como Mikael se afasta da revista *Millennium* e vai para outra cidade, os dois ficam afastados na maior parte da aventura do personagem. Erika é relutante à investigação de Mikael, mas representa um apoio emocional importante para o personagem.

Os arautos da história, Henrik Vanger e Dirch Frode, são aliados de Mikael, pois compartilham com ele o interesse em comum pela verdade sobre o desaparecimento de Harriet.

Ademais, a mais significativa aliança que Mikael firma é com a personagem Lisbeth Salander. Carecendo de um bom pesquisador para descobrir novas pistas, o jornalista convida a personagem para trabalhar com ele. Lisbeth, que normalmente tem um comportamento hostil em relação a desconhecidos, desenvolve confiança facilmente por Mikael. Interessada no caso investigado por Mikael, ela aceita a proposta e desempenha um

papel crucial no desfecho da narrativa. Os dois formam uma dupla muito produtiva, unindo raciocínios e suposições para chegar à conclusão do que aconteceu com Harriet e descobrir quem é o assassino em série. Ao contrário da maioria das pessoas, Mikael não julga Lisbeth uma pessoa desagradável pela sua aparência e seu comportamento peculiares. A personagem descreve o jornalista como uma pessoa gentil, amistosa e um companheiro de trabalho agradável.

Quanto aos seus rivais e inimigos, que desempenham na narrativa função de tornar a realização da tarefa mais difícil e testá-lo, pode-se apontar alguns membros da família Vanger e o rival Hans-Erik Wennerström.

Incomodados com o trabalho de Mikael de investigar a família Vanger, alguns parentes de Henrik empenham-se em sabotar a tarefa do jornalista. A personagem Isabella Vanger, mãe da desaparecida Harriet, demonstra-se inteiramente hostil à presença de Mikael na cidade e espalha boatos maldosos contra ele para a cidade inteira. Outro membro da família que importuna o protagonista é Birger Vanger, primo de Harriet. Considerado por Mikael um soberbo deprimido e fanfarrão, Birger tenta fiscalizar a investigação de Mikael e impedi-lo de conseguir novas pistas.

Além desses, o principal antagonista de Mikael na história é o irmão de Harriet, Martin Vanger, um assassino em série de mulheres responsável pelos atentados à vida do jornalista. Como Mikael só descobre as atividades criminosas do antagonista mais tarde na narrativa, os dois desenvolvem uma relação amistosa no início. Com o passar do tempo, o jornalista começa a perceber indícios de chantagens de Martin, que deseja afastá-lo de sua investigação. Sem se intimidar, Mikael declara não ter a menor intenção de recuar até descobrir a verdade. Tal ação tem como consequência o ataque brutal que o jornalista sofre do antagonista no estágio da Apoteose.

Para mais, Mikael também mantém a rivalidade com o empresário Hans-Erik Wennerström, que age para prejudicar sua carreira. Embora seja um dos principais incômodos na vida do jornalista, Wennerström tem uma participação mínima na narrativa, representando um problema externo à aventura do personagem em Hedestad.

Em suma, todas as provações pelas quais Mikael passa nesse estágio da Jornada do Herói reforçam a concepção de que a tarefa desempenhada por ele é complexa e exige habilidades e características especiais. As provas também funcionam como impulso e alerta para o personagem perceber a gravidade da situação na qual está envolvido e a necessidade de demonstrar toda a sua coragem e determinação para cumprir a tarefa incumbida a ele. Tal percepção é fundamental para conduzi-lo aos próximos estágios da Jornada.

### ***3.4.3 Aproximação da Caverna Secreta***

Após passar por provações perigosas e unir partes essenciais do caso investigado, a aventura de Mikael se aproxima do desfecho. Após encontrar evidências relacionando o antagonista com assassinatos em série, o jornalista procura o inimigo em sua casa, adentrando o estágio da Aproximação da Caverna. Sem conseguir avisar ninguém do seu paradeiro, é movido pelo desejo de descobrir a verdade, como ilustrado no seguinte trecho do livro:

Mikael não sabia como agir. Todo seu corpo ardia de vontade de fazer perguntas — de confrontar. Uma atitude certamente pouco razoável, se suspeitava que Martin Vanger era um louco que assassinara a irmã é uma jovem em Uppsala, além de haver tentado matar o próprio Mikael. Mas Martin Vanger funcionava também como um uma. E ele não sabia que Mikael sabia. Mikael podia perfeitamente passar na casa dele com um pretexto... digamos, devolver a chave da cabana de Gottfried? Mikael trancou a porta e dirigiu-se ao promontório. (LARSSON, 2015, p. 397)

Ao chegar na casa do inimigo, Mikael entra em conflito com ele. Nesse momento, o narrador comunica que o protagonista está em grave perigo.

A caverna, representada pela casa do antagonista, representa a ambientação do enfrentamento entre Mikael e o assassino em série que investiga há meses. Na narrativa, o lugar mais perigoso para o jornalista-personagem é justamente a localização da maior fonte de informação para ele concluir sua investigação.

### ***3.4.4 A Provação***

O confronto de Mikael com o assassino em série Martin Vanger é o momento mais tenso e desafiador da sua Jornada. A Apoteose ou Provação é o encontro do herói com a possibilidade da morte, sendo o principal estágio da fase de Iniciação do herói.

Após abordá-lo, o inimigo ameaça Mikael com uma arma e o conduz até sua câmara de tortura particular. O narrador descreve o momento como um “pesadelo”. Enquanto

espanca o protagonista, Martin afirma para ele que não pretende deixá-lo sair vivo da situação. Contornando o sentimento de medo e desespero, Mikael começa a blefar para ganhar tempo, mas o antagonista não acredita nele.

Os dois têm um longo diálogo enquanto Mikael é torturado, durante o qual é revelado um enorme esquema de assassinatos brutais de mulheres. Durante o diálogo, Mikael faz uma importante descoberta para o desfecho da história que seguirá o estágio da Apoteose: Harriet não foi assassinada pelo irmão.

Em determinado momento do confronto, Martin começa a fumar um cigarro e Mikael pede um também. Mesmo estando à beira da morte, Mikael mantém o interesse em descobrir a verdade sobre a história. As perguntas que faz a Martin se assemelham a uma entrevista, demonstrando que o interesse jornalístico do personagem prevalece inclusive no momento mais desesperador.

Depois de muita conversa, o inimigo perde a paciência com Mikael e o pendura em uma corda pelo pescoço. O jornalista consegue escapar com a ajuda da sua aliada Lisbeth Salander.

Embora não tenha sido capaz de enfrentar sozinho o inimigo, Mikael demonstra habilidade e instinto de sobrevivência ao ganhar tempo e obter informações novas sobre a história. Outro mérito do jornalista é ter conquistado a confiança e a amizade de Lisbeth, que se arrisca para salvá-lo.

O protagonista ultrapassa o estágio da provação e, a partir desse momento, adquire as transformações necessárias para conduzir sua Jornada do Herói até o seu desfecho.

#### ***3.4.5 Recompensa***

Sofrendo as consequências do estágio anterior, Mikael fica machucado, triste e mal-humorado. Descobrir todas as atrocidades cometidas por Martin Vanger é árduo para o jornalista, que nunca em sua carreira precisou lidar com tamanha violência.

A força capaz de despertar o jornalista do seu estado de melancolia são as novas informações sobre o caso de Harriet. Em parceria com Lisbeth, Mikael conecta as pistas coletadas sobre o caso para chegar à conclusão do mistério.

Após um curto tempo de investigação, o jornalista viaja para a Austrália e encontra Harriet Vanger vivendo escondida de sua família. Nesse momento, demonstra-se que a recompensa alcançada por Mikael após sua experiência traumática na provação final é a verdade que o mesmo tanto desejava descobrir. Após um diálogo com a mulher Mikael descobre como a mesma secretamente foi embora de Hedestad para fugir das atrocidades do irmão Martin.

Retornando para a cidade Hedestad, Mikael provoca a reunião entre Henrik e Harriet, compartilhando a recompensa com o idoso e finalizando a sua tarefa.

Para o jornalista-personagem, a recompensa para todos os perigos que ele ultrapassou durante a sua Jornada é desvendar o mistério. Após uma longa, exaustiva e perigosa investigação, que quase custou-lhe a vida, ele cumpre a missão incumbida no seu Chamado à Aventura e retorna para o seu Mundo Comum.

### **3.5 O Retorno**

Finalizando o ciclo da Jornada do Herói, a última fase de estágios da narrativa é o Retorno. Posteriormente às provações do herói e à coleta das recompensas, essa fase consiste no regresso do protagonista ao seu Mundo Comum. São os estágios dessa fase: O Caminho de Volta; A Ressurreição; Retorno com o Elixir.

#### ***3.5.1 O Caminho de Volta***

Mikael finaliza sua missão em Hedestad e deve voltar para Estocolmo e solucionar suas questões pessoais. Nesse momento, o jornalista deve lidar com a crise na revista *Millennium*, sua rivalidade com o empresário Hans-Erik Wennerström e deve recuperar a sua credibilidade.

A saída de Hedestad é um momento complicado para Mikael. Após a volta de Harriet para a cidade, o advogado Dirch Frode comunica para Mikael que Henrik implora para ele abafar toda a história, incluindo os assassinatos em série cometidos por Martin Vanger. O jornalista é liberado de seu serviço e fica extremamente frustrado em ter que manter o segredo.

Tendo em vista o bem-estar de Harriet Vanger, que sofreria muito caso a história grotesca de sua família fosse revelada para a mídia, Mikael aceita não publicar a história apurada em Hedestad. Contudo, o jornalista não fica satisfeito em ignorar todas as vítimas de Martin Vanger. O trecho a seguir descreve como o personagem lida com a situação:

Mikael sentiu-se subitamente desesperado. Passara toda a sua vida profissional denunciando o que os outros tentavam esconder, e sua moral o proibia de participar da ocultação dos crimes terríveis cometidos no porão de Martin Vanger. O objetivo de seu trabalho era justamente denunciar o que ele sabia. Não hesitava em criticar colegas que não contassem a verdade. No entanto, ali estava ele discutindo o abafamento do caso mais macabro de que jamais ouvira falar (LARSSON, 2015, p. 461).

Além de solicitar o silêncio do jornalista, Dirch Frode também conta para ele a informação que Henrik havia prometido sobre o rival Hans-Erik Wennerström. Depois de escutar o relato do advogado, Mikael conclui que a informação não tem qualquer valor jornalístico, ficando ainda mais furioso.

Imponente e desesperançoso, Mikael precisa do auxílio externo da sua aliada Lisbeth Salander para realizar o retorno. Para incentivar o jornalista a realizar o Retorno, a aliada propõe ajudá-lo a conseguir informações para desmascarar o empresário Hans-Erik Wenneström e recuperar sua credibilidade. Interessado, Mikael aceita a proposta da aliada e inicia o Retorno.

Como jornalista-personagem, a força ameaçadora que Mikael precisou enfrentar para voltar para seu Mundo Comum foi a ocultação da verdade. Na concepção do personagem, abafar os assassinatos brutais de dezenas de mulheres é jornalisticamente imperdoável. Mikael sente-se envergonhado por acreditar que traiu todos os seus princípios de jornalista. A possibilidade de resolver os problemas anteriores ao Chamado o motiva a retornar para seu Mundo Comum.

### **3.5.2 Ressurreição**

Ao retornar para Estocolmo, Mikael inicia, em parceria com Lisbeth, o seu plano para recuperar a credibilidade e denunciar os crimes cometidos pelo seu rival Hans-Erik Wennerström. Nesse estágio, o personagem deverá ascender novamente à sua condição de jornalista respeitável.

Voltando para Estocolmo, o personagem encontra sua amiga e amante, Erika Berger, e ela tem a seguinte impressão sobre o aspecto de Mikael após a Jornada:

Alguma coisa havia mudado em Mikael. Parecia mais sofrido, mais magro. Seus olhos estavam envergonhados, e por um breve segundo ele evitou o olhar dela. Érika olhou para o pescoço, onde se via uma mancha amarelada, pálida mas muito distinta (LARSSON, 2015, p. 490)

Sendo retratada na narrativa como alguém que conhece Mikael muito bem, Erika tem credibilidade para analisar o estado do personagem. A impressão que ela tem dele representa o quanto a sua estadia em Hedestad o abalou fisicamente e psicologicamente. Mesmo tendo cumprido sua missão, Mikael não retorna de sua aventura sentindo-se vitorioso.

Com o objetivo de conseguir as informações necessárias para desmascarar Wennerström, Lisbeth copia o disco rígido do empresário para o seu computador. Dessa forma, Mikael tem acesso às informações que comprovam que seu rival é um criminoso que negocia com a máfia e com cartéis.

Em seguida, Mikael vai para sua cabana no interior com o material do caso Wennerstrom e mergulha no trabalho de investigação e de escrita sobre o material. O jornalista afirma que é a reportagem mais importante de sua vida, representando uma recompensa inesperada conquistada durante a sua Jornada.

Depois de alguns meses, Mikael termina de escrever a reportagem e um livro sobre o caso Wennerstrom. Depois de imprimir a última página do seu trabalho, Mikael faz as últimas correções e volta para Estocolmo renovado e transformado, pronto para colher os frutos do seu esforço.

A representação do crescimento do jornalista na narrativa é condizente com a sua personalidade apresentada no Mundo Comum e com todos os acontecimentos da aventura. Sendo um profissional muito comprometido, para ele é muito árduo não poder publicar todos os fatos apurados durante a sua Jornada. Tudo o que experienciou em Hedestad provocou uma mudança no personagem, visível na sua aparência e nas suas atitudes.

Contudo, Mikael retorna para o seu Mundo Comum com uma última vitória: consegue desmascarar seu inimigo. Como resultado de sua Jornada, Mikael escreve a reportagem que tem o potencial de salvar a revista *Millennium* da falência, recuperar a sua

credibilidade como jornalista e denunciar um esquema gigantesco de corrupção financeira, resultado em grande escala.

### 3.5.3 Retorno com o elixir

Depois de sofrer danos físicos e psicológicos e desvendar um mistério que perdurava quarenta anos, Mikael Blomkvist retorna para seu Mundo Comum com uma vitória. O estágio da Passagem pelo Limiar do Retorno ou Retorno com o Elixir do personagem é caracterizado pelo momento em que publica sua reportagem denunciando crimes graves cometidos pelo rival Hans-Erik Wennerström e recupera seu prestígio.

A publicação da reportagem sobre Wennerström tem uma repercussão positiva para o jornalista, recebendo muito apoio do resto da mídia. Com todas as provas muito bem documentadas, Mikael torna impossível a contestação as informações publicadas.

Como consequência da publicação da reportagem e do livro de Mikael, a Bolsa de Valores sofre um impacto muito forte e a polícia se envolve com o caso, iniciando uma investigação muito maior sobre o empresário corrupto. Dois dias depois da matéria, o caso se transforma em uma questão governamental.

Ficou rapidamente estabelecido que, se as afirmações da *Millennium* fossem levadas à Corte Suprema — e todos concordavam que mais cedo ou mais tarde o caso acabaria chegando lá —, seria sem dúvida nenhuma a maior bomba a explodir no mundo sueco das finanças desde o colapso financeiro de Krüger em 1932 (LARSSON, 2015, p. 507).

Aproveitando o impacto da reportagem, Mikael lança seu livro *O banqueiro da máfia* com ainda mais informações e provas sobre os crimes de Wennerström. Um livro foi um enorme sucesso de vendas e gerou ainda mais visibilidade na mídia para a revista *Millennium*. Durante uma entrevista, uma jornalista questiona Mikael sobre a sua responsabilidade na crise da bolsa de valores e ele responde:

Ao contrário, a mídia tem uma enorme responsabilidade. Durante pelo menos vinte anos, um grande número de jornalistas econômicos se omitiu de examinar o caso Hans-Erik Wennerström. Em vez disso, esses jornalistas ajudaram a construir o prestígio dele através de retratos idólatras e delirantes. Se tivessem trabalhado corretamente durante todos esses anos, não estaríamos nessa situação hoje (LARSSON, 2015, p. 510).

Em seu reencontro com Henrik Vanger, Mikael recebe o pagamento em dinheiro devido pelo seu trabalho. Ainda frustrado com todos os acontecimentos, o jornalista tem o seguinte diálogo com Henrik:

— Parabéns. — disse Mikael — Você conseguiu me corromper. Vou destruir todas as minhas anotações e registros das nossas conversas.

— Não acho que tenha sido corrompido — disse Henrik.

— É como estou me sentindo. E acho que é isso mesmo.

— Preciso escolher entre seu trabalho como jornalista e seu trabalho como ser humano. Eu não teria constrangimento em comprar seu silêncio. Tenho certeza de que teria escolhido seu papel de jornalista e nos exposto à degradação pública, se Harriet estivesse de algum modo implicada no caso ou se você me considerasse uma pessoa baixa (LARSSON, 2015, p. 519).

Na conclusão da narrativa, Mikael apresenta um sentimento positivo em relação à sua vida. Satisfeito com os bons rumos de sua carreira, ele segue como editor-chefe da revista *Millennium*, de volta à posição que ocupava em sua história pregressa. Como prova de sua Jornada, ele guarda a amizade com Henrik e Harriet Vanger e um segredo obscuro que o acompanhará pelo resto da vida. Ele passa a se tornar um ser humano completo ao recuperar sua credibilidade e sua influência como um grande jornalista, assumindo a posição de vigilante e protetor da sociedade.

Assim, é fechado o ciclo da Jornada do Herói do personagem Mikael Blomkvist. No início da narrativa, ele vivia em seu Mundo Comum com certos problemas externos e internos, até ser convidado para viajar até Hedestad e adentrar a aventura da investigação de um caso incomum. Ele passa por diversas provas, faz aliados, inimigos e, depois de uma experiência de quase morte, desvenda o mistério, sendo essa a sua recompensa. No final, Mikael volta para o seu Mundo, transformando-o positivamente a partir dos resultados obtidos com a aventura.

Em seguida, para completar a análise do personagem, será discutida a caracterização de Mikael como herói e como jornalista-personagem.

### **3.6 Super-Blomkvist: análise do personagem como herói**

Tendo em vista o objetivo do presente trabalho de analisar a construção do personagem Mikael Blomkvist na obra *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* como um possível jornalista herói, será feita uma comparação entre caracterização do personagem e os

conceitos apontados anteriormente sobre herói. Para isso, serão retomados e discutidos alguns elementos anteriormente apontados na análise da Jornada do Herói do personagem e outros retirados diretamente do livro.

Retomando as características do arquétipo do herói desenvolvidas no primeiro capítulo, qualifica-se a sua figura pelo aspecto condutor da narrativa. O arquétipo também pode ser identificado pelos seus valores morais e altruístas, que o levam a lutar por um bem comum. Além disso, o herói também representa a mestria, a mudança e a transformação.

Em relação à condução da narrativa em *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, toda a ação gira em torno da investigação que Mikael faz sobre o desaparecimento de Harriet Vanger. Embora a coprotagonista Lisbeth Salander esteja, inicialmente, inserida em um contexto diferente, no ponto mais central da história ela se une ao jornalista para desvendar o mistério. Dessa forma, a aventura vivida por Mikael movimenta e conduz a narrativa, sendo ele o principal agente da história.

Reconhecida a centralidade do personagem na história, compete em diante avaliar suas atitudes na narrativa. Compatível com o que já foi exposto anteriormente na seção 1.4 do presente trabalho, a função de proteger os indivíduos necessitados de apoio pode ser aplicada tanto para o jornalista da ficção quanto para o arquétipo do herói. Exercendo sua função de vigilante do mercado financeiro, Mikael assume a responsabilidade de denunciar os grandes empresários e defender o pequeno contribuinte que é prejudicado pelas corrupções dos primeiros. Dessa forma, o personagem apropria-se dessa primeira característica moral.

Para completar a sua missão e desvendar um esquema de assassinatos, Mikael é confrontado com a necessidade de agir corajosamente para encarar o inimigo e sacrificar sua segurança. Sabendo da gravidade dos crimes cometidos pelo adversário, Mikael não hesita em combatê-lo. Embora receba várias ameaças e avisos violentos indicando que se afaste da investigação, o jornalista permanece comprometido ao seu trabalho de descobrir a verdade, mesmo ciente dos perigos envolvendo um assassino brutal e desequilibrado.

Durante toda a narrativa, Mikael também demonstra tomar atitudes com base no que acredita ser o correto. Além de ser motivado pelo seu instinto jornalístico e pelo interesse particular no caso, ele age de acordo com o seu senso de justiça. O personagem odeia seu

apelido Super-Blomkvist, negando-se a ser comparado com um herói, porque acredita que sua forma de exercer a profissão deveria ser o mínimo para qualquer jornalista.

Uma demonstração da característica nobre do personagem é a sua atitude final de concordar em abafar o caso para não prejudicar Harriet, uma mulher que já havia sofrido bastante. Indo contra o código de sua profissão, Mikael toma a decisão que acredita ser a exata, mesmo que para isso precise abdicar de seu orgulho.

Sobre o protagonista, o narrador descreve a seguinte opinião de sua aliada Lisbeth Salander:

Ela o considerava um homem bom, em alguns momentos com um complexo de primeiro aluno da classe um pouco exagerado. E, infelizmente, de uma ingenuidade insuportável em algumas questões morais elementares. Ele tinha uma natureza indulgente e pronta a perdoar, que buscava explicações e desculpas psicológicas para as atitudes dos outros e que jamais entenderia que as feras deste mundo só conhecem uma linguagem. (LARSSON, 2015, p. 495)

Retomando o que já foi retratado na análise da Jornada do Herói de Mikael Blomkvist, pode-se afirmar que sua atuação durante toda a narrativa tem efeitos de combate a uma realidade desfavorável. Em suas atitudes, ele descobre a identidade de um assassino brutal de mulheres, com o auxílio de Lisbeth, impedindo a continuação das suas atrocidades. Ele também desvenda um mistério que atormentava um homem por quarenta anos e provoca a reunião de uma família. Além disso, soluciona os problemas de sua própria realidade ao denunciar os crimes do seu rival Hans-Erik Wennerström e recuperar sua credibilidade. Em determinado momento de auto-contemplação durante a narrativa, o personagem define a si mesmo como “o explorador das causas perdidas”.

Através de todas essas atitudes, Mikael sofre transformações e transforma diferentes cenários da narrativa. Como analisado anteriormente na seção 3.5 sobre o Retorno do personagem, após a aventura de Mikael provocar mudanças na cidade de Hedestad e na família Vanger, ele volta para Estocolmo e modifica seu próprio Mundo Comum ao publicar a reportagem e o livro sobre Wennerström., salvando a revista *Millennium* e causando uma crise na bolsa de valores sueca.

Em sua representação, o personagem não transpõe uma face sombria específica. Em nenhum momento o jornalista é claramente prejudicado por uma característica própria. O arquétipo da Sombra é projetado nos demais personagens que representam

antagonismo para Mikael e ameaçam o seu trabalho, como os personagens Hans-Erik Wennerström, empresário corrupto e rival de Mikael, e Martin Vanger, um assassino em série de mulheres que atenta contra a vida do jornalista na narrativa. Dessa forma, a Sombra do jornalista-personagem está projetada no mundo da criminalidade e da desonestidade.

A partir de todas essas características presentes na construção do jornalista-personagem Mikael Blomkvist ao longo do livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, é possível constatar que a função do personagem na narrativa o adéqua ao arquétipo do herói, conforme demonstra a Tabela 3. Sendo representado por um indivíduo honrado e corajoso, o profissional do jornalismo é retratado pelo autor Stieg Larsson positivamente.

**Tabela 3 - Atuação de Mikael Blomkvist como herói**

<b>Características do arquétipo</b>	<b>Ações do personagem</b>
<b>Principal condutor da ação na narrativa</b>	Realiza a investigação que movimenta a história.
<b>Vence suas limitações</b>	Recupera sua credibilidade com a publicação da sua reportagem final; Desvenda a verdade sobre um caso que permanecia um mistério há quarenta anos.
<b>Faz sacrifícios</b>	Arrisca sua própria vida para enfrentar o antagonista perigoso e nocivo para a sociedade.
<b>Age corajosamente</b>	Mesmo após muitas advertências de que sofre perigo, enfrenta um assassino em série violento e maníaco para evitar que o mesmo cometa mais crimes.
<b>Protege os mais vulneráveis</b>	Exerce o jornalismo econômico em prol dos pequenos contribuintes.
<b>Possui senso de dignidade e justiça</b>	Segue um código de ética e procura agir de acordo com aquilo que acredita ser o correto; Concorde em abafar o caso apurado na Jornada para proteger uma inocente.
<b>Combate uma realidade desfavorável</b>	Descobre e um assassino brutal de mulheres e impede a continuação das suas atividades criminosas; denuncia os crimes de um empresário corrupto.
<b>Transforma a vida através da superação de desafios</b>	Após a publicação de sua reportagem final, salva a revista <i>Millennium</i> e recupera a sua credibilidade.

Com o objetivo de complementar a análise de como o profissional é caracterizado na narrativa como um herói, o personagem será analisado com base na discussão realizada anteriormente, no segundo capítulo, sobre a temática das representações do jornalista na ficção.

### ***3.6.1 Análise da caracterização de Mikael Blomkvist como jornalista-personagem***

Nesta seção, será analisado como a narrativa do livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* representa a figura do jornalista através da articulação de características do personagem Mikael Blomkvist e dos estereótipos apontados na seção 2.2 do presente trabalho. Além disso, será analisada também a representação do jornalista investigativo como um herói na ficção.

Quanto à sua profundidade, a representação do personagem Mikael Blomkvist não gira completamente em torno da tarefa jornalística que ele exerce na história. Dotado de história pessoal, família, amigos e amantes, o jornalista-personagem retratado no livro possui consistência psicológica.

Em sua vida privada, Mikael compatibiliza com o estereótipo do jornalista como um indivíduo com a vida pessoal prejudicada. Em um diálogo com a personagem Cecília Vanger, Mikael afirma que relacionamentos nunca foram o seu ponto forte.

No estágio do Mundo Comum da Jornada do Herói do protagonista, é revelado que o mesmo é divorciado e tem uma filha que não vê com frequência. Embora tenha uma boa relação com a menina e com a ex-esposa, Mikael é um membro distante da família e sempre está muito envolvido em suas questões individuais relacionadas à profissão. Sentindo-se frustrado pelo seu afastamento da filha, Mikael presume não ser um bom pai.

Mesmo sua relação com a personagem Erika Berger, sua amante e melhor amiga, não é convencional. Na história pregressa de Mikael, os dois passaram por vários momentos complicados ao longo da relação. Em um desses períodos, os dois se casaram com outras pessoas. Após iniciarem as atividades na revista *Millennium* e retomarem o relacionamento amoroso e sexual, o casamento de Mikael terminou e o de Erika continuou com seu marido ciente da relação dela com o colega de trabalho. Ambos acreditam que a relação jamais funcionaria se fossem casados um com outro.

Parte da responsabilidade sobre a conturbada vida pessoal do personagem é da sua integral dedicação ao jornalismo. Ao contrário de seus relacionamentos, o histórico profissional de Mikael Blomkvist apresentado ao longo da narrativa é, em sua maior parte, impecável. Antes da sua condenação por difamação no início da história, o jornalista era reconhecido pelo seu caráter confiável e pela sua determinação em realizar um jornalismo econômico investigativo.

Ao longo da narrativa, o instinto jornalístico do personagem é evidente pelas suas descobertas na investigação. Ao descobrir pistas inéditas em um caso antigo e cabalístico, o jornalista manifesta a sua experiência como investigador e a sua habilidade de percepção e atenção aos detalhes.

Na literatura sobre as representações do jornalista na ficção aponta-se também o estereótipo do jornalista como um habitante do meio urbano. Em contradição ao padrão de narrativas sobre jornalismo passadas em cidades grandes, a maior parte da aventura de Mikael Blomkvist acontece em uma pequena cidade no interior da Suécia com oitenta mil habitantes. Embora haja uma variação no cenário em que se passa a investigação, Mikael demonstra dificuldade em se adaptar à rotina de Hedestad, sentindo-se solitário e entediado durante uma boa parte do tempo. Dessa forma, verifica-se que, mesmo inserido em um contexto fora do meio urbano, o jornalista-personagem é representado como um indivíduo cativo do mesmo.

Em oposição ao padrão de demonstrar o jornalista trabalhando com pressa e urgência, a missão dada para Mikael demora meses para ser cumprida. É exigido do personagem mais paciência do que rapidez. Dessa forma, comunica-se ao público que a tarefa não poderia ser realizada do dia para a noite, por ser extensa e demandar dedicação exclusiva.

Outro estereótipo identificado na construção do personagem é o hábito de fumar cigarros. Como apontado anteriormente, o vício em nicotina representa o anseio do jornalista-personagem em aliviar a tensão provocada pela profissão. O personagem Mikael Blomkvist, que havia parado de fumar dez anos antes do início da narrativa, retoma o hábito devido ao estresse. A primeira aparição do personagem com um cigarro é logo após sua condenação por difamação, no primeiro capítulo do livro. Ao longo da história, quanto mais tensa e arriscada se torna a sua investigação, mais o cigarro torna-se presente.

Por fim, será analisada a representação dos elementos do jornalismo na caracterização do personagem. Ressalta-se que o objetivo da pesquisa não é discutir a ética nos meios utilizados por Mikael Blomkvist durante sua investigação na narrativa de *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* (2012), e sim compreender como os conflitos vividos pelo personagem são representados na narrativa.

Em sua atuação profissional durante a narrativa, Mikael encara diversos dilemas éticos. Em situações mencionadas a seguir, o jornalista opta por atitudes questionáveis, que ele mesmo aponta como afrontas ao código de ética da profissão. Embora o personagem enalteça valores morais, em certos momentos outros sentimentos pesam mais.

Um exemplo disso é o grau de envolvimento que o jornalista cria com a família Vanger. Estando em Hedestad para investigar o desaparecimento de Harriet, Mikael cria laços com alguns membros. O primeiro é Henrik, contratante de Mikael, com quem o jornalista desenvolve uma amizade. Em alguns momentos da investigação e na conclusão da aventura, quando Mikael aceita ocultar os fatos apurados, essa relação exerce influência sobre o jornalista, que não consegue ser totalmente objetivo em sua tarefa.

Ademais, Mikael inicia em determinado momento um relacionamento amoroso e sexual com a personagem Cecilia Vanger, que também poderia ser considerada uma suspeita potencial do crime. O relacionamento ocasiona um dilema ético para Mikael quando descobre uma pista envolvendo a mulher na história do desaparecimento de Harriet, mas, por causa do seu afeto por ela, esconde a informação.

O jornalista também sente-se em conflito com os seus princípios éticos quando, para salvar a revista *Millennium*, sua colega Erika Berger decide vender uma parte das ações do veículo para Henrik Vanger. Em uma discussão com Erika, Mikael faz a seguinte análise da situação:

— Não sei o que vou fazer agora — dissera Mikael. — Henrik Vanger me contratou para escrever sua biografia. Até agora fui livre para me levantar e ir embora no momento em que ele tentasse me forçar a escrever algo que não fosse a verdade ou procurasse me convencer a orientar a história para um lado ou outro. Agora ele é um dos proprietários da nossa revista, e mais: o único com recursos financeiros para salvá-la. Com isso me vejo de repente servindo a dois senhores, numa posição que a comissão de ética profissional não apreciaria nada (LARSSON, 2015, p. 246).

Tal envolvimento pessoal e profissional com a família Vanger induz Mikael a tomar a decisão de ocultar os assassinatos em série brutais de mulheres para proteger a família e, especialmente, Harriet. A decisão é difícil e vergonhosa para Mikael. Em um diálogo com a personagem Harriet, filha e irmã de dois assassinos e abusadores, Mikael faz a seguinte declaração:

— Harriet, não tenho nenhuma intenção de entregá-la à mídia. Cometi tantas faltas profissionais nessa triste história que a Associação dos Jornalistas provavelmente me expulsaria se ficasse sabendo. — ele tentou fazer graça — Uma falta a mais ou a menos não faz diferença (LARSSON, 2015, p. 441).

Quanto aos métodos utilizados para apurar as informações utilizadas no seu trabalho, Mikael também precisa deliberar sobre a contradição entre o interesse público e a invasão ilegal de privacidade do seu rival Hans-Erik Wennerström. Para conseguir desmascarar o empresário corrupto e criminoso, Mikael recorre às habilidades de *hacker* da sua aliada Lisbeth Salander, prática configurada como ilegal. Ao debater com a aliada sobre invasão da privacidade das pessoas, Lisbeth o provoca afirmando que é exatamente o que ele faz como jornalista e Mikael responde:

— Sem dúvida. É justamente por isso que nós, jornalistas, temos um comitê de ética nos vigiando nas questões morais. Quando escrevo sobre um corrupto no mundo financeiro, deixo de lado, por exemplo, sua vida sexual [...] Mas os corruptos têm direito a uma vida privada, e é muito fácil prejudicar alguém atacando sua maneira de viver. (LARSSON, 2015, p. 314)

Em concordância com sua afirmação, Mikael realmente oculta a vida íntima de seu rival Hans-Erik Wennerström em sua reportagem, mesmo encontrando muitos fatos perturbadores sobre a mesma no computador do empresário. O foco e a justificativa de Mikael para apelar ao método ilegal é a seriedade dos crimes cometidos pelo rival, envolvendo, inclusive, negociações com a máfia e com cartéis.

Ao ser questionado sobre como conseguiu as informações, Mikael alega tê-las recebido de uma fonte secreta. Quando Lisbeth fica preocupada com a possibilidade de ser prejudicada pela reportagem, o jornalista afirma para ela que preferiria morrer a trair uma fonte ou uma amiga, assegurando a sua característica de um indivíduo digno e honrado construída ao longo da narrativa.

Em suma, a caracterização do personagem Mikael Blomkvist segue uma construção semelhante às representações comuns de jornalistas na ficção, como demonstra a

Tabela 4. Sua característica mais acentuada é o incondicional compromisso com a profissão e com a verdade, o fator desencadeador de grande parte dos padrões seguidos na sua caracterização e de demais jornalistas-personagem em outras histórias. Características como a vida familiar e amorosa conturbada, o vício em cigarro, a adversidade à cidade pequena são consequências do seu intenso comprometimento com o jornalismo.

**Tabela 4 - Atuação de Mikael Blomkvist como jornalista-personagem**

<b>Estereótipos na representação de jornalistas-personagens</b>	<b>Caracterização de Mikael Blomkvist</b>
<b>Vida pessoal prejudicada</b>	Tem história pessoal para além do trabalho; Tem uma vida amorosa movimentada e conturbada; Pai ausente; Não são apontados indícios de uma aparência desleixada.
<b>Vocação para a profissão</b>	Incondicionalmente dedicado ao jornalismo; Bom histórico profissional; Investigador experiente, dedicado e organizado; Atento aos detalhes.
<b>Cidade como habitat natural</b>	Vivencia sua grande aventura em uma cidade pequena; Sente-se entediado com a rotina do interior; Realiza sua tarefa com paciência e dedicando muito tempo.
<b>Vícios</b>	Possui o hábito de fumar em situações de tensão ou frustração.
<b>Representação dos elementos do jornalismo</b>	Ao longo da narrativa: envolve-se com as fontes e com possíveis alvos de sua investigação; passa por conflitos empresariais que ameaçam a independência do seu trabalho; oculta informações de extremo interesse público para proteger uma pessoa; utiliza informações adquiridas através de meios ilegais para denunciar um corrupto; demonstra proteção incondicional pelas suas fontes.

Embora Mikael seja retratado como um profissional experiente e com boas intenções, ele também é confrontado com questões éticas e morais passíveis de uma discussão mais aprofundada. Ao ser identificado na narrativa como o personagem que assume o arquétipo de herói, é viável afirmar que a história procura justificar as suas escolhas e atitudes se colocadas em paralelo com seus objetivos e com os resultados obtidos em sua Jornada do Herói.

Ao retratar o jornalista como alguém que abnegou de uma vida mais segura e confortável em prol de lutar por uma sociedade mais justa através do trabalho, a narrativa reforça a sua classificação no arquétipo de herói . Através disso, é observável uma direta relação entre o estereótipo do jornalista-personagem integralmente dedicado à profissão com a forma mais típica do arquétipo do herói, pois ambos realizam sacrifícios e dedicam-se inteiramente ao bem comum.

Destaca-se na representação de Mikael Blomkvist como um herói a sua atuação como jornalista investigativo. Suas principais realizações na história são fruto da sua coragem e do seu empenho em vasculhar os fatos que pessoas poderosas desejam esconder. Tal forma de exercer o jornalismo demonstra-se muitas vezes perigosa para Mikael, que sofre atentados e quase é assassinado por descobrir a verdade. Essas características representadas em *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* corroboram para fortalecimento da concepção do jornalismo investigativo como heroico.

Interrompendo as atividades de um assassino em série, desvendando um mistério de quarenta anos e desmascarando um empresário facínora, Mikael Blomkvist representa uma idealização do jornalismo. Através da análise, percebe-se a caracterização do personagem como uma contribuição no fortalecimento do imaginário popular sobre o jornalista herói como um indivíduo apaixonado pela profissão, capaz de passar por diversas situações perigosas para exercê-la com integridade e virtude.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da presente pesquisa, foram apresentados e articulados conceitos que auxiliaram na construção da figura do jornalista herói na ficção. Para alcançar o objetivo inicial de analisar a inserção do jornalista investigativo no arquétipo de herói na ficção, foi realizada a análise da atuação do personagem Mikael Blomkvist no livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*. A metodologia utilizada teve como base os estágios da Jornada do Herói, trabalhada por Joseph Campbell e Christopher Vogler, e a associação das características do arquétipo do herói e os estereótipos recorrentes na representação do jornalista-personagem.

Presente em todas as culturas de todas as épocas, as narrativas cumprem o papel de atribuir sentido à vida humana através do compartilhamento de histórias reais ou fictícias. Caracterizada pela sua liberdade em narrar fatos imaginários que têm como principal inspiração a própria realidade, a ficção constrói criaturas com personalidade e história de vida semelhantes aos seres humanos, com a particularidade de não existirem realmente. As personagens integram a parte mais vivaz e envolvente da narrativa, por despertarem no público o sentimento de identificação.

Dessa forma, é possível afirmar que a recorrente representação do jornalista em narrativas de ficção tem como principal base os profissionais da vida real e suas atuações. A partir das visões e opiniões que são formadas a respeito do jornalista, cria-se um imaginário coletivo sobre como ele se comporta em sua vida profissional e pessoal. Tal imaginário é absorvido pelos autores que escrevem narrativas sobre jornalismo e inclusive, reforçado pelas representações criadas por eles. Dessa forma, a ficção contribui com a propagação dos estereótipos sobre a profissão que foram mencionados no segundo capítulo do presente trabalho.

A escolha do tema “jornalista como personagem na ficção” surgiu da observação empírica desses estereótipos e da ambiguidade existente nas representações do profissional. O consumo de narrativas que construam a figura do jornalista como um herói quando o mesmo realizava seu trabalho com um viés investigativo foi o principal estímulo para a idealização da presente pesquisa.

Ao longo da leitura do livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, percebe-se uma direta relação entre a atuação de Mikael como um jornalista investigativo que desmascara criminosos perversos e protege os inocentes com os feitos de um herói. A nobreza, a coragem e o senso de justiça que o personagem tem ao exercer a profissão reforçam o estereótipo apontado na literatura sobre a temática, que coloca o jornalista que corre riscos e desvenda mistérios como o paladino defensor da sociedade.

Quanto à utilização do método da análise da Jornada do Herói, confirma-se a sua contribuição para o aprofundamento no reconhecimento de cada estágio da aventura de um jornalista investigativo. No decorrer no terceiro capítulo, foi possível observar como foi representada cada etapa do trabalho de Mikael Blomkvist, desde o seu Mundo Comum, como um profissional de prestígio recentemente abalado, até a sua Provação encarando um assassino em série muito perigoso e o seu Retorno desmascarando um empresário criminoso.

A aventura de Mikael Blomkvist durante a narrativa do livro harmoniza-se bem com os estágios da Jornada do Herói. A partir da utilização dessa metodologia, a relevância e a força que esse padrão mantém desde os mitos clássicos até as narrativas contemporâneas é evidenciada.

Como herói da sua narrativa, Mikael Blomkvist assume a tarefa de transformar as realidades hostis com as quais se depara. Caracterizado como um indivíduo com intenção de combater as injustiças e as perversidades do mundo, ele vê no jornalismo o meio para fazer o que considera correto, não intencionando fama ou dinheiro, em momento algum.

A análise do personagem também expôs a existência de estereótipos comuns na representação de jornalistas-personagem na caracterização de Mikael Blomkvist. Ao longo da narrativa, o jornalista é apresentado como um sujeito extremamente dedicado à profissão, desleixado com sua vida pessoal, entediado com a rotina de uma cidade pequena e usuário do cigarro como uma forma de amenizar a tensão e o estresse que envolvem a sua investigação.

Também são identificáveis os estereótipos envolvendo as próprias particularidades da profissão, como a relação com as fontes e a utilização de métodos ilegais para chegar a uma informação preciosa. Não consta no objetivo da presente pesquisa analisar se as decisões jornalísticas de Mikael ao longo da história estão corretas ou não. Contudo, é

concebível afirmar que a sua caracterização como um herói munido de um código de honra e de boas intenções oriente o leitor do livro a acreditar que suas atitudes são justificáveis e corretas.

Compreende-se a partir da análise da Jornada do Herói do jornalista-personagem que para ele a aventura assume a forma da investigação história fascinante que deve ser contada e de um mistério que deve ser desvendado. A procura incessante pela verdade é o que move a narrativa e conduz a ação. E a figura do jornalista investigativo corresponde ao que é esperado do profissional como um herói.

Tendo como base a discussão sobre a atuação do jornalista Mikael Blomkvist ao longo da narrativa de *Os Homens que Não Amavam as Mulheres*, chega-se à constatação de que a forma como o profissional exerce o jornalismo está intrinsecamente relacionada à sua função de herói na história. Como resposta à pergunta da presente pesquisa, a representação do personagem é compatível com os estereótipos apontados na literatura sobre a temática, na representação do jornalista investigativo e engajado com a defesa da sociedade como herói.

Salienta-se que o livro *Os Homens que Não Amavam as Mulheres* integra um conjunto de seis livros da saga *Millenium*, que tem como protagonistas principais os mesmos personagens Mikael Blomkvist e Lisbeth Salander. Portanto, a análise da atuação do jornalista-personagem pode ser estendida para a sua representação nas demais obras do autor Stieg Larsson, em que ele vive novas aventuras, enquadrando-se como uma possível futura pesquisa.

Como o objetivo da presente pesquisa foi analisar o jornalista investigativo especificamente como um herói na ficção, foram observadas somente as características do personagem que combinam ou não com as do referido arquétipo. Porém, como pontuado na seção 1.3, é recorrente que uma personagem transite entre arquétipos e represente diferentes papéis ao longo da narrativa. Então, para dar continuidade ao estudo sobre a temática, poderiam ser analisadas as transições entre arquétipos do jornalista-personagem.

Em complemento ao trabalho, também poderia ser aprofundada a questão dos estereótipos relacionados aos elementos do jornalismo. É significativo observar como a ficção

retrata os conflitos éticos, as relações com as fontes, as relações de poder, a objetividade, a imparcialidade, dentre outros.

Outro possível complemento à presente pesquisa seria o aprofundamento na análise dos estereótipos relacionados ao gênero. Conforme tratado na revisão bibliográfica, a figura da mulher jornalista está muitas vezes associada a uma ambição com carga negativa ou à utilização da sedução como método de apuração da notícia. Analisar a presença desses padrões em determinada obra em que eles estejam presentes é um objetivo pertinente para um futuro trabalho.

Por fim, para complementar a compreensão de que essas representações contribuem para o reforço de um imaginário coletivo sobre a profissão, é pertinente estudar a recepção e o impacto que essas narrativas sobre jornalismo têm no público. Para isso, podem ser utilizados como método entrevistas, questionários ou grupos focais com o objetivo de absorver a compreensão que as pessoas têm dos jornalistas-personagens ou como essas narrativas influenciam profissionais a escolherem a carreira.

A temática que envolve a representação de aspectos da realidade na ficção é ampla e pode abarcar, inclusive, outras profissões, arquétipos e estereótipos. A partir da análise das apropriações dos elementos do mundo real pelas narrativas ficcionais, é possível desencadear múltiplas reflexões sobre a vida cotidiana.

## REFERÊNCIAS

- AVILA, Leonardo. **Review Outlast**. 2013. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/review/outlast.html>>. Acesso em: 21 nov. 2019.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al (Org.). **Análise estrutural da narrativa**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-62. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto.
- BECKER, Tuio. De Fellini com Mastroianni: o trivial da cozinha jornalística. In: BERGER, Christa. **Jornalismo no Cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ufrgs, 2002. p. 65-68.
- BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no Cinema**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985. Princípios, v. 3.
- BULFINCH, Thomas. Hércules. In: BULFINCH, Thomas. **O Livro de Ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis**. 34. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 147-152.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007. Tradução de: Adahil Ubirajara Sobral.
- CANDIDO, Antônio. A Personagem do Romance. In: CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 51-80.
- CARMO, Cláudia Rejane do. Representações de gênero e Ele disse, Ela disse. In: BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no Cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ufrgs, 2002. p. 179-200.
- DEBÉRTOLIS, Karen Silvia. Rosa Luxemburg: revolução e jornalismo na tela de cinema. In: BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no Cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ufrgs, 2002. p. 149-164.
- ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ESPINDOLA, Polianne Merie. **Semiótica Social e Estereótipos: uma análise da comunicação intercultural**. In: IX SEMANA DE LETRAS, 9., 2009, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: Edipucrs, 2009. p. 187 - 201. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/ide/Polianne\\_Merie\\_Espindola.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/ide/Polianne_Merie_Espindola.pdf)>. Acesso em: 02 out. 2019.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FERREIRA, Arthecia. **Você conhece a história do Batman?** 2016. Disponível em: <<https://www.coxinhanerd.com.br/historia-do-batman/>>. Acesso em: 20 novembro 2019.

FORSTER, E. M. **Aspectos do Romance**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

GOMES, Vitor Luiz Menezes. O jornalista enquanto herói: uma proposta para análise das representações do jornalismo no cinema. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.85-102, 4 jul. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2013v10n1p85>. Disponível em:  
 <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n1p85>>.  
 Acesso em: 08 abr. 2019.

GUIA DOS QUADRINHOS. **Super-Homem**. 2007. Disponível em: . Acesso em: 02 maio 2019.

HENN, Ronaldo. Park Row: a gênese do jornalismo moderno. In: BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no Cinema**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ufrgs, 2002. p. 51-64.

JUNG, C. G.. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir**. Porto: Porto Editora, 2004.

LARSSON, Stieg. **Os Homens que não Amavam as Mulheres**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (Millenium).

LIMA, Felipe Quintino Monteiro. **Personagens-jornalistas na literatura da década de 1970: uma abordagem do romance A Festa**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-Lei: Como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

MILLENIUM: Os Homens que Não Amavam as Mulheres. Disponível em:  
 <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-178974/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Unb, 2013.

NOGUEIRA, Lisandro. **Cinema e Jornalismo: O Jornalista no Cinema Brasileiro**. 2003. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3888>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

PONTES JUNIOR, Antonio. **J. Jonah Jameson**. 2007. Disponível em:  
 <[http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/j-jonah-jameson-\(john-jonah-jameson-jr\)/322](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/j-jonah-jameson-(john-jonah-jameson-jr)/322)>. Acesso em: 21 nov. 2019.

QUINTAS, Francisco. **Fique sabendo o essencial sobre a Lois Lane, a super repórter!** 2017. Disponível em: <<https://www.aficionados.com.br/essencial-sobre-lois-lane/>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 9-50.

ROWLING, J.K.. **Harry Potter: e o Cálice de Fogo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski. **As representações do jornalismo na ficção de Harry Potter transmídia: a função social e o ethos profissional**. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SANTOS, Macelle Khouri. **Um Olhar sobre o Jornalismo: Análise da Representação do Jornalismo no Cinema Hollywoodiano, de 1930 a 2000**. 2009. 212 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93428/272126.pdf?>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

SENRA, Stella. **O último jornalista: imagens de cinema**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

STIEG Larsson. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=02594>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

TARAPANOFF, Fabíola Paes de Almeida. **Jornalistas no cinema: representações e apropriações**. 2014. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

TRAVANCAS, I. **O jornalista como o personagem de cinema**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande (MS). Anais... Campo Grande: Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/126095204111040878962932586357600200383.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

TRAVANCAS, I. **O jornalista e suas representações literárias**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte (MG). Anais... Belo Horizonte: Intercom, 2003. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP02\\_travancas.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP02_travancas.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2015.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estrutura mítica para escritores**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2015.

WOLFE, Tom. **A fogueira das vaidades**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

## FILMOGRAFIA

**A Embriaguez do Sucesso.** Direção de Alexander Mackendrick. EUA: Hech-hill-lancaster, 1957.

**A Montanha dos Sete Abutres.** Direção de Billy Wilder. EUA: Paramount Pictures, 1951.

**Capítulo 14.** EUA: Netflix, 2014. Série House of Cards.

**Capítulo 5.** EUA: Netflix, 2013. Série House of Cards.

**Cidadão Kane.** Direção de Orson Welles. EUA: Mercury Productions, 1941.

**Crimes na Escola.** Direção de Danny J. Boyle. EUA: Marvista Entertainment, 2017.

**Diário de um Jornalista Bêbado.** Direção de Bruce Robinson. EUA: Filmdistrict, 2011.

**Doces poderes.** Direção de Lúcia Murat. Rio de Janeiro: Flashstar Home Vídeo, 1997.

**Guerra nas Estrelas: O Império Contra-Ataca.** Direção de Irvin Kershner. EUA: Lucasfilm Ltd., 1980.

**Intrigas de Estado.** Direção de Kevin Macdonald. EUA: Universal, 2009.

**Jejum de Amor.** Direção de Howard Hawks. EUA: Columbia Pictures, 1940.

**Jogos Vorazes.** Direção de Gary Ross. EUA: Color Force, 2012.

**Millennium: Os Homens que Não Amavam as Mulheres.** Direção de David Fincher. EUA: Columbia Pictures, 2011.

**O Abutre.** Direção de Dan Gilroy. EUA: Open Road Films, 2014.

**O Diabo Veste Prada.** Direção de David Frankel. EUA: Fox 2000 Pictures, 2006.

**O Rei Leão.** Direção de Roger Allers e Rob Minkoff. EUA: Walt Disney Feature Animation, 1994.

**Scoop: O grande furo.** Direção de Woody Allen. Reino Unido: BBC Films, 2006.

**Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel.** Direção de Peter Jackson. EUA: WingNut Films, 2001.

**O Mágico de Oz.** Direção de Victor Fleming. EUA: Loews, 1939.

**Uma Manhã Gloriosa.** Direção de Roger Michell. EUA: Bad Robot Productions, 2010.

**V de Vingança.** Direção de James Mcteigue. Reino Unido: Vertigo Comics, 2005.